



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

FERNANDA DIAS DE OLIVEIRA

**O GÊNERO LITERÁRIO CONTO FANTÁSTICO: UM INSTRUMENTO
DE INCENTIVO À LEITURA COM OS ALUNOS DO SEXTO ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Campo Grande/MS
2017

FERNANDA DIAS DE OLIVEIRA

**O GÊNERO LITERÁRIO CONTO FANTÁSTICO: UM INSTRUMENTO DE
INCENTIVO À LEITURA COM OS ALUNOS DO SEXTO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Ensino de Linguagem

Orientador: Prof. Dr. Fábio Dobashi Furuzato

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Leda Pinto

Campo Grande / MS
2017

O47g Oliveira, Fernanda Dias de

O gênero literário conto fantástico: um instrumento de incentivo à leitura com os alunos do sexto ano do ensino fundamental/
Fernanda Dias de Oliveira. – Campo Grande - MS, 2017.
107f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul, 2017.

Orientador: Prof^o.Dr^o. Fábio Dobashi Furuzato.

Coorientadora: Prof^a Dr.^a Maria Leda Pinto.

1. Estudos literários. 2. Leitura. 3. Contos I. Furuzato, Fábio Dobashi II. Maria Leda III. Título.

CDD 23. ed. - 372.4

FERNANDA DIAS DE OLIVEIRA

**O GÊNERO LITERÁRIO CONTO FANTÁSTICO: UM INSTRUMENTO DE
INCENTIVO À LEITURA COM OS ALUNOS DO SEXTO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Dobashi Furuzato
Profa. Dra. Maria Leda Pinto (Presidentes)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul / UEMS

Prof. Dr. Nataniel Gomes dos Santos (Titular)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul / UEMS

Profa. Dra. Carina Elizabeth Maciel (Titular)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul / UFMS

Prof. Dr. Lucilo Antônio Rodrigues (Suplente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul / UEMS

Campo Grande / MS
2017

À minha querida e estimada família.

À minha dedicada e prestativa
Profa Dra Maria Leda Pinto.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me dar forças nessa caminhada.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – pelo apoio financeiro.

À minha querida família, em especial ao meu pai Luiz Flávio de Oliveira e a minha mãe Dilce da Cruz Dias de Oliveira pelo constante incentivo aos estudos.

Às minhas irmãs Flávia Dias de Oliveira e Ferdinanda Dias de Oliveira pela guarida, pertinácia e por compreender as ausências aos domingos.

À professora Dra. Maria Leda Pinto, pelos valiosos ensinamentos e contribuições, pelo suporte incessante e por abraçar essa causa, direcionando possíveis meios para reduzir nossas angústias.

À coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pelas relevantes contribuições à minha formação profissional e acadêmica.

Aos meus professores, Fábio, Daniel, Adriana, Eliana, Nataniel, Miguel, Lucilo, Aline, Naty pela diversidade de conhecimentos ensinados a mim.

Aos colegas e amigos do mestrado, pelo companheirismo e aprendizado.

Agradeço também à coordenação do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em especial à secretária acadêmica Regina Aparecida Brito Nascimento, pelas relevantes contribuições à minha formação profissional e acadêmica.

À Escola Municipal Lenita de Sena Nachif, na pessoa das diretoras Maria Cupertino e Dione Longo, da Coordenadora Francisca Roque pela confiança dada a um projeto de pesquisa, pela abertura proporcionada ao ambiente escolar de seus alunos e principalmente pela oportunidade de tornar pública a responsabilidade educacional e social que a escola tem.

Aos alunos que fizeram parte desta pesquisa, pelos enunciados concretos que possibilitaram a visão de horizonte nas muitas formas do dizer de um conto fantástico.

Aos pais dos alunos, pelo consentimento da participação de seus filhos nesta investigação, que não somente hoje, mas sempre será motivo de gratidão. Obrigada, pela generosidade recebida de seus filhos, que representam muito mais que alunos, mas autores/criadores de uma história, nesse universo social que é a escola.

Não basta aprender a ler e a escrever. É preciso ler para compreender. Ler para interpretar. Ler para saber. Para ver. Para ser. Ler para participar. Ler é fundamental. Que se leia para se ser mais consciente e mais livre.

(Cabuste Gulbenkian)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa	25
Figura 2. Tabela de aspectos tipológicos de Dolz e Schneuwly	37
Figura 3. Xerazade e o Rei Xariar (Ferdinand Keller – pintura de 1880).....	46
Figura 4. Capas das edições de livros As Crônicas de gelo e fogo.....	57
Figura 5. Capas das edições de livros As Crônicas de Nárnia.....	57

RESUMO

A presente pesquisa intitulada “O gênero literário conto fantástico: um instrumento de incentivo à leitura com os alunos do sexto ano do ensino fundamental.” expõe a produção de desse gênero textual, notabilizando a ampliação de práticas de formação de leitores por meio da leitura literária e fomento ao letramento no campo da literacia para que compreendam o modo como a literatura se apresenta em nossa realidade na formação do senso crítico, correlacionadas aos conhecimentos prévios. O objetivo geral desta pesquisa foi propiciar aos alunos um maior contato com obras do gênero conto fantástico, dos escritores Edgar Allan Poe e Lígia Fagundes Telles, com a intenção de promover a evolução dos alunos nas práticas do letramento literário e uma melhor compreensão do gênero conto fantástico, por meio da promoção de momentos de interação, de discussão e de reflexão acerca da construção de saberes por meio da literatura. Este trabalho teve ainda como objetivo específico promover nos alunos a compreensão, de forma global, das características de narratividade e as informações primordiais deste tipo de conto, edificando uma compreensão integral do conto fantástico, fortalecendo a formação de uma leitura crítica, constituindo conexões entre o conto apreendido e os conhecimentos prévios adquiridos, para a compreensão dos múltiplos significados que o texto pode expor, fortalecendo a aprendizagem das características de narratividade, progressão da sensação de hesitação, além do enriquecimento cultural que a literatura e sua linguagem carregada de elementos imagéticos propicia, contribuindo para a formação de leitores críticos e reflexivos. Os trabalhos com os textos literários foram desenvolvidos com o foco no que o aluno poderia perceber das histórias em relação à presença de elementos sobrenaturais, que constituem a essência do conto fantástico, tendo como público-alvo 36 alunos de 6º ano, turno matutino, da escola Professora Lenita de Sena Nachif, pertencente à rede municipal do município de Campo Grande- MS, onde foram realizadas as etapas da pesquisa iniciando com atividade diagnóstica oral para se verificar qual o entendimento que dos alunos tinham a respeito do que é um conto fantástico. Durante o desenvolvimento desta atividade foi evidenciada a dificuldade que os educandos apresentavam em relação à compreensão dos aspectos que distinguem o conto fantástico do conto de enigma e do conto maravilhoso. O propósito desta pesquisa foi de desenvolver com os alunos uma aprendizagem significativa do nosso idioma, referente à compreensão da leitura que lhes oportunizasse manifestar suas opiniões a respeito dos contos fantásticos lidos e estudados, visando estabelecer semelhanças de contexto e aumentando o repertório linguístico coletivo e também individual como elemento essencial no processo comunicativo. Na produção textual foram utilizadas imagens, para representar a principal característica da hesitação diante do sobrenatural nas produções textuais escritas, além do uso de vídeos, textos impressos e outros materiais relacionados com as temáticas propostas. Percebemos, em início, a dificuldade de leitura e compreensão dos textos de Poe e Telles, mas como decorrência da intervenção pedagógica, percebemos a melhoria nas práticas de leitura e compreensão dos contos fantásticos. No entanto, entendemos ser essencial a realização de um trabalho incessante para o desenvolvimento do letramento literário.

Palavras- chave: Conto fantástico. Letramento. Leitura literária. Produção de textos.

ABSTRACT

The present research entitled "The literary genre fantastic story: an instrument to encourage reading with the students of the sixth year of elementary school." Exposes the production of this textual genre, noting the expansion of practices of literacy training through literary reading and promotion of literacy in the field of literacy so that they understand how literature presents itself in our reality in the formation of the critical sense, correlated with previous knowledge. The general objective of this research was to provide students with greater contact with works of the genre short story, by writers Edgar Allan Poe and Lígia Fagundes Telles, with the intention of promoting students' evolution in literary literacy practices and a better understanding of the genre tale fantastic, through the promotion of moments of interaction, discussion and reflection about the construction of knowledge through literature. This work also had as a specific objective to promote in students a global comprehension of the characteristics of narrativity and the primordial information of this type of story, building an integral understanding of the fantastic story, strengthening the formation of a critical reading, constituting connections between the learned tale and previous knowledge acquired, to understand the multiple meanings that the text can expose, strengthening the learning of the characteristics of narrativity, progression of the feeling of hesitation, in addition to the cultural enrichment that literature and its language loaded with imaginary elements propitiates, contributing to the formation of critical and reflective readers. The works with the literary texts were developed with the focus on what the student could perceive of the stories in relation to the presence of supernatural elements, which constitute the essence of the fantastic story, having as target audience 36 students of 6th grade, morning shift, Lenita de Sena Nachif's school, belonging to the municipal network of the municipality of Campo Grande, MS, where the stages of the research were carried out starting with oral diagnostic activity to verify the students' understanding of what a fantastic story is. During the development of this activity it was evidenced the difficulty that the students presented in relation to the understanding of the aspects that distinguish the fantastic tale from the conundrum and the wonderful tale. The purpose of this research was to develop with the students a meaningful learning of our language, referring to reading comprehension that would allow them to express their opinions about the fantastic stories read and studied, aiming at establishing similarities of context and increasing the collective linguistic repertoire and also as an essential element in the communicative process. In the textual production, images were used to represent the main characteristic of the hesitation before the supernatural in written textual productions, besides the use of videos, printed texts and other materials related to the proposed themes. We perceive, at the beginning, the difficulty of reading and understanding the texts of Poe and Telles, but as a result of the pedagogical intervention, we perceive the improvement in the practices of reading and understanding the fantastic stories. However, we believe that it is essential to carry out an unceasing work for the development of literary literacy.

Keywords: Fantastic tales. Literacy. Literary reading. Production of texts.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
1.1 Compreensão da literatura.....	17
1.2 A literatura, o ensino e as práticas pedagógicas.....	20
1.3 Os parâmetros curriculares nacionais e ensino da literatura em sala de aula.....	25
1.4 O letramento e sua importância na formação de indivíduos letrados.....	29
1.5 A compreensão dos gêneros textuais e suas colaborações para o letramento em sala de aula.....	34
CAPÍTULO II – O GÊNERO LITERÁRIO CONTO	40
2.1 Natureza do conto: evolução histórica do gênero literário narrativo.....	40
2.2 O gênero textual conto fantástico e suas colaborações para o letramento literário: origem e elementos narrativos constitutivos.....	45
2.3 Natureza do conto fantástico.....	48
CAPÍTULO III – ASPECTOS METODOLÓGICOS DO GÊNERO CONTO FANTÁSTICO EM SALA DE AULA	56
3.1 A importância de atividades com o conto fantástico em sala de aula.....	56
3.2 Relato de experiência na escola municipal Professora Lenita de Sena Nachif, em Campo Grande – Mato Grosso do Sul.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	69
ANEXOS.....	71

INTRODUÇÃO

Já afirmava o filósofo grego Aristóteles¹, no século IV a.C, que “ [...] literatura é a arte que imita a palavra”, ou seja, é a recriação do real por meio da imaginação do artista que a transmite utilizando a língua de maneira intencional, na forma dos gêneros textuais.

Mediante essa reflexão, consideramos que o objetivo primordial de introduzir a literatura na educação escolar, por meio da utilização de estratégias de leitura é oportunizar aos alunos a compreensão do mundo com maior autonomia psíquica, aprimoramento da questão estética e formação do gosto pela leitura.

Nesse sentido, a continuidade das atividades de letramento literário nas instituições de ensino busca incentivar a formação de leitores que superem as práticas de leitura e alcancem um nível de emancipação por meio da ótica universal literária, enxergando o mundo de maneira autônoma.

Sob esse prisma, a obra literária deve estar disponível não apenas para reproduzir regras, normas ou paradigmas linguísticos obsoletos, mas proporcionar que essa experiência se torne prazerosa. Para tanto, ela deve estar pautada na inovação metodológica que o texto e os gêneros textuais protagonizam nas instituições de ensino.

Assim, o tema desta pesquisa se dá pelas seguintes indagações: de que forma o conto fantástico pode colaborar com a formação de leitores proficientes no 6º ano, turma B do Ensino Fundamental da escola municipal Lenita de Sena Nachif? É possível que por meio desse gênero literário adquira-se a compreensão do letramento literário?

Para além disso: seria possível verificar se o domínio de habilidades de letramento literário e a prática de leitura desse gênero literário realmente contribuem com a formação cidadã dos alunos?

Ademais, estariam os gêneros literários, e em especial o conto fantástico, somente sendo utilizados em sala de aula como pretexto para a resolução de atividades referentes a características de tipologias textuais narrativas e até mesmo para revisões gramaticais? ou seriam eles suportes realmente instrumentalizados para o cultivo do letramento literário?

¹Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.) foi um importante filósofo grego. Um dos pensadores com maior influência na cultura ocidental. Foi discípulo do filósofo Platão. Elaborou um sistema filosófico no qual abordou e pensou sobre praticamente todos os assuntos existentes, como a geometria, física, metafísica, botânica, zoologia, astronomia, medicina, psicologia, ética, drama, poesia, retórica, matemática e principalmente lógica. <https://www.ebiografia.com/aristoteles/> Acesso em 21 de dezembro de 2017.

De forma alguma questionamos a leitura do texto literário para expor características estruturais dos gêneros literários na escola. Porém, entendemos que tal atividade não pode visar apenas a esse propósito isoladamente, pois isso limita o suporte comunicativo a uma nomenclatura, abordada de forma superficial, sendo necessário que essa ação seja acompanhada da oferta da construção de pensamento crítico, de associações e questionamentos sobre a realidade.

Isso porque é pertinente expor que o texto literário, no contexto atual, pode ser considerado um importante instrumento de mediação do processo de ensino e aprendizagem entre docentes e alunos e se faz indispensável mencionar as conjecturas teóricas relativas à leitura e ao letramento, haja vista que esse entendimento das funções e habilidades da leitura na perspectiva de interação entre o indivíduo e a cultura poderá formar alunos letrados.

A leitura do texto literário, nesse enfoque, estabelece-se como importante mediadora de saberes entre professores e alunos, facilitando o processo de aquisição de conhecimento. Diante do exposto, esta pesquisa tem como enfoque a possibilidade de desenvolvimento de práticas escolares que utilizem o conto fantástico, para incentivar o aluno a construir seu caráter de leitor proficiente e crítico em contexto de interação, investigando as potencialidades das atividades comunicativas afetivas de leitura e escrita.

Para além da exposição de práticas de leitura com o gênero literário conto fantástico, no sexto ano B do Ensino Fundamental da Escola Municipal Lenita de Sena Nachif, o objetivo deste estudo é analisar o comportamento desses alunos da rede pública diante de textos que não foram retirados do livro didático adotado pela Rede Municipal de Ensino; observar o modo como associam essas histórias a fatos particulares, de origem familiar; revelam preferências por outros gêneros midiáticos, como filmes e jogos, bem como demonstram o mais antigo dos sentimentos: o terror.

Essas práticas que poderão despertar o gosto pela leitura literária não somente desse gênero literário conto fantástico, mas de outras obras de cunho mais denso e de temáticas diversas.

Os principais conceitos tratados nesta Dissertação são as concepções do estudo do texto em sala de aula, do processo de letramento e da interação entre o conto fantástico, o leitor e o aporte teórico.

O aporte teórico tem base nos estudos de obras de Silvia Colello acerca do letramento na escola (2010); Magda Soares e Ângela Kleiman sobre o surgimento e a continuidade de pesquisas em questão do letramento no Brasil (2002); Mikail

Bakhtin e o dialogismo na obra literária (1992); Marisa Lajolo, que trata sobre as práticas de leitura na escola (2007); Marcuschi, sobre a utilização dos gêneros textuais em sala de aula (2002); Todorov e a formação estrutural e historicidade dos contos fantásticos (2004); além de Batalha (2003) e Gotlib acerca do conto (2006) e Todorov expondo a natureza do fantástico (1988), entre outros autores, todos que defendem o uso dos gêneros literários como contribuição para a formação de um leitor proficiente e crítico.

A pesquisa em questão é de origem bibliográfica e de natureza qualitativa, pois busca investigar a qualidade de produção textual de contos fantásticos.

A partir de conhecimentos prévios extracurriculares que os alunos apresentarem em relação ao gênero literário em foco, serão elaborados conteúdos referentes aos elementos constitutivos da narração, ao que se entende como conto, de modo a estimular a contação de contos de terror em sala de aula e seu registro escrito.

Este trabalho se justifica porque o gênero textual conto fantástico precisa ser discutido, não apenas por ser uma forma de funcionamento da língua, que, conforme Dolz e Schneuwly (2004), precisa ser estudada por meio dos gêneros textuais, sejam eles orais ou escrito; mas também pelo interesse social dos cidadãos por histórias que despertam medo, tensão, mistério e angústias desde a ancestralidade do homem.

Nesse prisma, podemos considerar que o conto fantástico pode ser tomado como estratégia de ensino literário, conforme a sequência didática proposta pelos autores Dolz e Schneuwly (2004), por meio de produções orais e escritas, uma vez que pode se configurar como importante instrumento de desenvolvimento da linguagem dos alunos.

Para Dolz e Schneuwly (2004)², é necessário que contemplemos uma primeira produção oral e/ou escrita, promovendo a abordagem de características particulares do gênero visando investigar o nível de conhecimento dos alunos sobre a forma literária em questão.

Na primeira produção de contos fantásticos, serão as dificuldades de elaboração do texto que nortearão o segundo passo: a delimitação da quantidade de conteúdos abordados sobre o referido gênero em sala de aula - até que ponto os alunos já conheciam a estrutura literária em estudo?

²SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.

Para isso, serão elaboradas como produto desta pesquisa atividades que promovam a melhoria do desempenho dos alunos na produção e compreensão do conto fantástico, tanto na oralidade quanto na escrita. Elas foram divididas em módulos, conforme os objetivos de conhecimento da estrutura do gênero literário que objetivamos melhor conhecer, a fim de promover o desenvolvimento da criatividade, da percepção estética, do amadurecimento crítico, entre outros aspectos.

Ao final da sequência didática, é de suma importância a elaboração de uma produção final, pela qual o professor pode avaliar os avanços dos alunos em relação ao domínio do gênero literário estudado.

Esse estudo se torna executável também pelo fato de poder colaborar com a melhoria no ensino da leitura do texto literário em sala de aula, uma vez que essas obras não podem ser vistas somente como pretexto para o estudo de estruturas lexicais do idioma ou de características literárias que diferenciam poemas, contos, fábulas, romances, entre outros meios de produção literária, mas também para desenvolver a sensibilidade, a criticidade e o senso estético, posto que encontramos o interesse social dos cidadãos por histórias que despertam medo, tensão, mistério e angústias desde a ancestralidade humana.

Vale ressaltar que essas obras literárias podem apresentar variações linguísticas relacionadas à época em que o eu-lírico nasceu, a região do país onde mora, sua idade, profissão e nível de escolaridade, não apenas privilegiando a norma culta, pois essa opção pode induzir o corpo aluno ao preconceito linguístico.

Esta Dissertação está organizada em cinco capítulos, sendo que o primeiro discorre a respeito da compreensão da literatura, o modo como é ensinada nas escolas e o que dizem os parâmetros curriculares sobre as práticas de letramento literário.

O segundo capítulo trata do letramento e de sua relevância nas práticas de leitura e escrita com o uso dos gêneros textuais em sala de aula, pois estes têm função social específica e são resultados de um fenômeno da alfabetização, o letramento, tendo em vista que esse fator é importante para a interação do sujeito com a realidade a partir das práticas letradas.

O terceiro capítulo apresenta o uso da obra literária, os contos como suporte para a leitura de gêneros literários na escola e para o entendimento de como essas produções interagem de forma semelhante com o leitor. Essa seção expõe ainda o modo como os Parâmetros Curriculares Nacionais aconselham as práticas de leitura dessa tipologia narrativa em sala de aula, indicando como podemos

classificar tal gênero literário, aprofundando a pesquisa no conto fantástico, suas características de narratividade e, particularmente, abordando o gênero literário conto de terror.

No quarto capítulo, apresentamos a proposta de sequência didática, com atividades que podem ser realizadas como motivadoras da formação de leitores proficientes.

O quinto e último capítulo exhibe o relato da experiência de trabalho pedagógico com os contos fantásticos junto aos alunos do 6º ano da Escola Municipal Lenita de Sena Nachif em Campo Grande - MS.

Na sequência, são realizadas as considerações finais sobre o presente estudo e anexados os materiais utilizados como ferramentas para a apresentação do produto desta pesquisa, com os textos escritos nas oficinas de leitura e produção de contos fantásticos.

Por este estudo, buscamos investigar se a obra de ficção resiste a décadas impregnadas de criações cibernéticas e robóticas, se o mistério e o medo ainda envolvem os alunos, se ainda há hesitação diante do enigma e do receio e se na escola ainda há espaço para refletir sobre o texto literário e formar leitores.

Dessa forma, este material tem a intenção de colaborar com a melhoria na qualidade da recepção dos contos fantásticos nas instituições de ensino.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para iniciarmos nossas discussões a respeito dos aspectos teóricos que fundamentam os estudos literários, veremos no primeiro capítulo o entendimento que se tem do que seja literatura no meio acadêmico.

1.1 COMPREENSÃO DA LITERATURA

A literatura é sempre tomada como uma produção intencional, expressiva, carregada de significados, harmoniosa e capaz de recriar o real. Para Bakhtin (2002):

[...] Por ser um instrumento motivador e desafiador ela é capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade. (BAKHTIN, 2002, p. 112).

Tendo sua intenção voltada para a própria linguagem, a literatura não se preocupa exclusivamente com os sentidos objetivos, mas carrega-os de subjetividade, de possibilidades de significação, de plurissignificações, de inovações estruturais e vocabulares, rompendo barreiras de linguagem e da expressão comum, alcançando níveis elevados de expressividade.

Em relação aos conceitos literários, por sua vez, é de suma importância que nossos estudos revisitem as colaborações da Grécia antiga porque, para os gregos, a literatura possuía duas funções: uma hedonística³, que preconizava a necessidade de a obra literária proporcionar prazer, de ser um retrato do belo, cuja beleza consistia na relação direta e na semelhança entre a arte e a natureza; e a catártica, um conjunto de sensações, um efeito moral que buscava o alívio às sensações produzidas pela própria obra, como a piedade, o terror e as angústias.

Aristóteles, por exemplo, associava a literatura ao conceito de imitação, que consiste na mimese da vida procurando alcançar fidelidade absoluta na reprodução da natureza e da vida. Esse fator levava os leitores ao encontro da verdade filosófica.

A imitação (mimese) de uma ação é o mito (fábula) [...]. A parte mais importante é a da organização dos fatos, pois a tragédia é a imitação, não de homens, mas de ações, da vida, da felicidade e da infelicidade (pois a

³Doutrina filosófica que faz do prazer o objeto da vida. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/hedonismo>>. Acesso em: 06 de maio de 2017.

infelicidade resulta também da atividade) [...] Daí resulta serem os atos e a fábula a finalidade da tragédia. Sem ação, não há tragédia (ARISTÓTELES, 1959, p. 29).

Ao longo dos séculos essa ideia de que a arte imitativa perdeu sua intencionalidade, mas ainda mantém vínculo com as emoções que desperta quando lemos o texto literário e com a recriação da realidade, que define os conceitos de literatura contemporâneos.

A linguagem literária pode apresentar sentidos diferenciados do significado comum das palavras, mas empregando-as, em uma proposta de múltiplas significações, construindo realidades e proporcionando um estranhamento em tais estruturas.

Essa linguagem literária corresponde aos anseios de quem a produz, sendo então definida como arte literária. Seu valor é simbólico, haja vista que a harmonia entre suas estruturas e a intencionalidade dos vocábulos podem diferir de um texto literário para outro que não o seja.

Por essas características, essas produções são chamadas de arte literária, em oposição a receitas culinárias, bulas de remédio, convites de aniversário, artigos científicos, enfim, textos cuja objetividade denota sua função social.

A literatura pode estar diretamente relacionada à sociedade que a produz, retratando avanços e até mesmo comportamentos particulares, sendo um registro da coletividade, um conjunto de bens culturais que a mantêm, conceitos, opiniões, preconceitos, vícios, vaidades, e suas ideologias sociais.

Esse pensamento de que a literatura tem como fundamental papel a humanização do homem é esclarecido por Cândido (1995):

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CÂNDIDO, 1995, p. 49).

Portanto, entendemos que é pela literatura que se constrói a identidade social de uma cultura por ela expressa, não sendo, pois, apenas representação da coletividade, mas transmissão de conceitos que estão presentes tanto em ideologias quanto em comportamentos, na moda, nas escolhas linguísticas de cada época e refletidas na arte literária, o que chamamos de estilo de época.

Frente ao exposto, o docente que pretende expor aos alunos a análise literária de uma obra precisa situá-la de acordo com o momento histórico, os

aspectos sociais, econômicos e políticos da época de sua produção, assim como retomar as guerras, descobertas científicas e inovações tecnológicas, visto que todos esses fatores podem revelar mudanças ideológicas ou sociais.

Outro conceito importante para a abordagem do texto literário em sala de aula refere-se ao padrão estético, porque cada época possui um conjunto ideológico particular, modelos que são comumente seguidos pela literatura, chamados de cânones e tradicionalmente adotados, pois representam as ideologias da classe de maior prestígio social.

Ademais, deve-se ainda evidenciar o estilo individual do autor, que revela o modo como as mudanças sociais influenciam a vida de um sujeito e sua percepção de mundo.

Essas orientações possibilitam ao leitor enxergar um retrato do comportamento dos autores de uma obra literária, suas experiências pessoais, escolhas estéticas, criatividade, saberes técnicos e midiáticos, que serão essenciais para o alinhamento de um perfil que poderá ser evidenciado em sua produção escrita.

Portanto, é de suma importância que o professor realize a análise literária junto a seus alunos sempre combinando estes três fatores: história, estética e ideologia, pensamento corroborado por Kuenzer (2002):

Leitura, escrita e fala não são tarefas escolares que se esgotam em si mesmas; que terminam com a nota bimestral. Leitura, escrita e fala – repetindo – são atividades sociais, entre sujeitos históricos, realizadas sob condições concretas.

Além disso,

[...] Ler significa em primeiro lugar, ler criticamente, o que quer dizer perder a ingenuidade diante do texto dos outros, percebendo que atrás de cada texto há um sujeito, com uma prática histórica, uma visão de mundo (um universo de valores), uma intenção (KUENZER, 2002, p. 101).

Na Grécia antiga Aristóteles já mencionava que a arte literária se prestava à provocação de sensações e culto ao belo. Entretanto, atualmente, o feitiço literário recebe muitos outros préstimos, como expressar uma linguagem peculiar de um grupo social.

Outra função que a literatura pode assumir é a de interação social, expressando o nível cultural de uma coletividade e também funcionando como uma ferramenta de reflexão e de descoberta dos homens, humanizando-os. Dessa forma, pode representar objetivos, desejos, sentimentos e formas de interação entre as pessoas, aceitando nossa origem, criticando o momento histórico,

rompendo tabus, exorcizando temores, afirmando ou negando crenças, por exemplo.

Muitas vezes também assume um papel didático, exemplificando modelos de condutas. A literatura pode ainda representar o saber e a ciência, avanço sobre o conhecimento que torna o ser humano poderoso. Eis aí um dos motivos pelo qual ter um cidadão analfabeto é conveniente para a classe dominante, pois ele dificilmente questiona decisões, pouco reflete antes da tomada de decisões ou promove outras interpretações acerca de determinados enunciados.

Nesse cenário, a literatura desempenha um papel importante sob dois vieses: um duplo encanto, tanto no trato com a razão referente ao entendimento de informações, quanto naquele em que lida com os sentimentos, com as memórias e com o equilíbrio das emoções.

Pode evidenciar ainda um caráter de denúncia das injustiças sociais de uma população, apresentando-se como arte engajada, revelação de novas ideologias a fim de conscientizar politicamente os cidadãos.

Ilustramos essa influência com as considerações do filósofo russo Bakhtin (2002), que afirma que a literatura sempre se constitui com a pluralidade de vozes presentes nos enunciados concretos dos locutores, de maneira dialógica e também interacionista. Para ele:

[...] A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não conhecemos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam. (BAKHTIN, 2002, p. 30).

Por todos esses fatores de cooperação social que a literatura evidencia, faz-se fulcral sua presença em sala de aula para a formação de leitores proficientes, pois é arte, o retrato escrito da alma humana, de modo que se torna também pertinente dissertarmos no subtítulo seguinte acerca de seu ensino, percorrendo assim sobre a presença da literatura em ambiente escolar.

1.2 A LITERATURA, O ENSINO E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Ao disponibilizar a oportunidade de acesso a obras literárias a alunos, possibilitamos a eles um direito que, mesmo não sendo essencial, é uma ferramenta imprescindível para a humanização.

De fato, pode-se ensinar a ler e a escrever, mas se não houver condições de aproximação com os suportes dos gêneros textuais para que os alunos

permaneçam imersos em ambientes de letramento, teremos um cidadão alfabetizado, mas não letrado.

Para além desse acesso está a confiabilidade e a curadoria das informações de um suporte que a escola coloca à disposição dos alunos para que possam desenvolver multiletramentos⁴ de forma crítico-reflexiva, tanto diante de uma obra literária quanto de um game, por exemplo, pensando sobre o grau de violência que esses jogos podem contribuir para influenciá-los a terem ou a se distanciarem de determinado comportamento.

Portanto, oferecer condições de leitura literária na escola é contribuir para o acesso à plena democracia cultural, o que exige qualidade. Diante desse contexto, também não é adequado que o docente esqueça o papel do texto literário em sala de aula para a formação do leitor, cabendo à instituição de ensino oportunizar a promoção dessas práticas, pois, muitas vezes, o aluno tem pouco ou nenhum acesso a esses textos, junto a seus familiares ou a partir da realidade social que integra, conforme afirma o Currículo do Estado de São Paulo acerca dos Códigos e linguagens:

O professor precisa garantir, em seu planejamento, que o texto literário entre como objeto de análise e interpretação, mas também como prática social, resgatando a dimensão frutiva da literatura. O aluno deve desenvolver-se como leitor autônomo, com preferências, gostos e história de leitor. Assim, seja qual for a tipologia ou gênero em estudo, o texto literário pode e deve ser trabalhado permanentemente, uma vez que é elemento fundamental na construção da competência leitora e na formação do hábito leitor do aluno. (SÃO PAULO, 2010, p. 35-36).

A prática de leitura na escola não exige que se tenha necessariamente um ambiente específico para ler, como bibliotecas, mas que se oportunize um espaço para que o aluno desenvolva essa prática no ambiente escolar, que deve disponibilizar seu acervo de obras literárias, por menor que seja, composto tanto por livros de literatura infantil como por textos infanto-juvenis, de forma que este seja efetivamente utilizado para a ampliação das experiências de leitura dos alunos.

Em relação a gêneros literários, muitas vezes o senso comum apregoa que se trata de textos clássicos ou apenas da modalidade escrita. Contudo, é importante que não esqueçamos também dos gêneros literários da tradição oral, loco inicial da tradição escrita na Idade Média:

⁴Multitramento empregado na perspectiva de Rojo (2012, p.51) deve ser entendido como diversidade cultural e de linguagens na escola, e o modo como o hipertexto, a hipermídias e as tecnologias da informação poderão modificar os processos de aprendizagem.

[...] Os estudos da neurolinguística mostram que o ser humano possui a fala como algo inerente, para, além disso, o ser humano nasceu para contar histórias e o resgate do gênero literário de tradição oral pode ser realizado até mesmo com crianças ainda não alfabetizadas, pois é um material que circula sem a precisão de um registro no ambiente escolar, diante da existência de práticas letradas que não exigem alfabetização (LAJOLO, 2013, p. 51).

Nesse prisma, a leitura e a produção do gênero literário podem ocorrer tanto em casa, com o recolhimento de histórias familiares, quanto na escola, em que o professor poderá solicitar aos alunos que compartilhem as produções orais oriundas do seu contexto familiar. Essa atividade poderá contribuir para que o aluno reconheça a intertextualidade com histórias já publicadas por editoras.

Também é aconselhável que o professor e outros colegas sejam ouvidos sobre histórias já publicadas ou da tradição oral da região em que vivem, como contos de assombração, memórias, causos e relatos de viagens, de modo a incluir essas práticas de letramento literário como mais experiências relacionadas à leitura. Nesse cenário, é bastante válido observar— nessas atividades com a literatura em sala de aula — que não é necessário ser alfabetizado para que um indivíduo possa ter práticas letradas.

Ao discutir a leitura com alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, é possível evidenciar o desinteresse deles em relação à obra literária, cabendo ao professor promover o acesso a vários tipos de livros, mediando inicialmente o despertar do hábito, até o gosto pela leitura do gênero. Para isso, deve-se buscar a criação de mecanismos que favoreçam o relacionamento com os livros, como as discussões sobre o texto, a designação de espaços de leitura — uma árvore no estacionamento da escola, uma escadaria na entrada da instituição de ensino, etc. — e a formação de rodas de compartilhamento literário em sala de aula, colaborando para que o aluno se veja como leitor.

Outro fator importante a que o professor deve se atentar é que não são todos os alunos que apreciam todos os gêneros literários disponíveis; logo, faz-se necessário a orientação docente para a seleção de obras que despertem o gosto pela leitura, motivado por diálogos, trocas de experiências e mesmo pela probabilidade de utilização dos saberes adquiridos em seu cotidiano.

A respeito dessa questão, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil nos apresenta algumas orientações a respeito de práticas a serem implementadas pelo professor com seus alunos. Vejamos:

Os professores deverão organizar a sua prática de forma a promover em seus alunos: o interesse pela leitura de histórias; a familiaridade com a escrita por meio da participação em situações de contato cotidiano com

livros, revistas, histórias em quadrinhos; escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor; escolher os livros para ler e apreciar. Isto se fará possível trabalhando conteúdos que privilegiem a participação dos alunos em situações de leitura de 8 diferentes gêneros feitas pelos adultos como contos, poemas, parlendas, trava-língua etc. propiciar momentos de reconto de histórias conhecidas com aproximação da história original no que se refere à descrição de personagens, cenários e objetos ou sem a ajuda do professor. (BRASIL, 1998, p. 117)

Outro grande desafio desse século, provavelmente não tão comum em tempos pretéritos, pois os alunos de outrora foram disciplinados com maior facilidade a sentar e a se concentrar na leitura.

Atualmente, encontramos uma geração que protagoniza jogos e ações na internet, e como essas atividades são de rápida execução, não desenvolve a paciência para se concentrar na leitura de uma obra literária ou na reflexão sobre ela.

Diante disso, o modo como a leitura é realizada em sala de aula também exige do professor maior dinâmica, associação de imagens com as obras literárias, relacionando-a a música e a leituras dramáticas, criando uma diversidade de estímulos que induzam à prática leitora. Sobre o tema, Ayres (2008) expõe que:

[...] O professor que lê, que planeja suas aulas com critério e com objetivos bem definidos, que pesquisa, que desenvolve atividades colaborativas, que se compromete com a aprendizagem de todos os alunos, buscando caminhos que valorizem suas potencialidades e respeitem suas dificuldades, que dialoga, que interage com todos os alunos, notadamente ensina bem e melhor, cumprindo, assim, o seu papel de professor e também de educador (AYRES, 2008, p. 73).

Baseando-nos na explanação de Ayres podemos inferir que na tentativa de estimular no aluno o interesse pela leitura, é profundamente urgente que contextualizemos a obra literária, associando-a a fatos comuns de nosso tempo de maneira a atualizar o fato narrado e o aproximar da realidade do aluno. Nesta vertente, é importante salientar que, em linhas gerais, a alfabetização e o letramento são processos que caminham unidos, mas que o primeiro se constitui como o reconhecimento do código escrito e o segundo caracteriza-se pelo entendimento da mensagem, conforme a função social do gênero textual.

É necessário ainda que o docente entenda que dois alunos jamais farão uma leitura uniforme de uma mesma obra. Todavia, quem lê levanta questionamentos, procura inferências, compreende trechos, capta a mensagem de outros momentos de leitura, ora consente com as opiniões do autor, ora diverge delas. Essas atividades de buscar relações com experiências e opiniões particulares são responsáveis pelo envolvimento do leitor com o texto literário.

Para todas essas realizações educativas com a literatura, é importante que o livro esteja presente na escola e que o professor também seja leitor, atitude que inibe a leitura mecânica e desinteressante. Isso porque somente apreciando a literatura o professor poderá estimular seus alunos a adotar a leitura dos gêneros literários. Por isso,

É obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária: a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição: a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real. (SOARES, 2002, p. 6).

De acordo com Soares podemos compreender que em um país onde cerca de 45% dos cidadãos não leem e quando o fazem leem apenas dois livros por ano, segundo o IBGE ⁵, identifica-se uma média bem inferior à de outros países, mesmo da América Latina, como é o caso da Argentina ⁶, cujos habitantes leem em média seis livros ao ano. Diante desse cenário, de difícil desenvolvimento do hábito de leitura na escola, é fundamental consultar os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), documento que tem por objetivo demonstrar aos professores as diretrizes para o ensino da literatura no ambiente escolar, conforme o fazemos no subitem seguinte.

1.3 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E O ENSINO DA LITERATURA EM SALA DE AULA

No presente estudo a respeito do conto fantástico e sua contribuição com o letramento literário em sala de aula, torna-se pertinente a consulta aos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN, sobre o uso dos gêneros textuais na escola, uma vez que, no desempenho da docência, todo profissional da educação deve tomar conhecimento da existência dessas orientações, que se configuram como um documento governamental que apresenta subsídios de como e o que ensinar aos alunos de acordo com as perspectivas que o fundamentam.

Os PCN foram formulados pelo Ministério da Educação e do Desporto, na década de 1990, ante a necessidade de elaboração de referenciais em âmbito nacional que fossem usuais ao decurso educativo em todo o Brasil, respeitando as diversidades políticas, culturais e regionais do país. Assim, objetivou-se gerar

⁵Dados publicados no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no dia 18 de maio de 2016, por Daniel Mello – repórter da agência no Brasil.

⁶Dados informados no Jornal O Estado de São Paulo em 28 de maio de 2016, folha 29, caderno Metrópole.

condições para o ensino, bem como o acesso nacional a saberes historicamente acumulados pela sociedade ao longo da existência humana, reconhecidos como essenciais ao exercício da cidadania.



Figura 1. Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa

Nessa perspectiva, esses referenciais poderiam auxiliar o professor que ministra aulas no Ensino Fundamental a compreender o que um aluno desse nível de escolaridade necessita desenvolver como habilidades, assim como considerar suas angústias durante o trabalho e a avaliação docente.

[...] É preciso avaliar sistematicamente seus efeitos [do tratamento didático] no processo de ensino, verificando se está contribuindo para as aprendizagens que se espera alcançar. [...] Os conteúdos selecionados podem não corresponder às necessidades dos alunos – ou porque se referem a aspectos que já fazem parte de seu repertório, ou porque pressupõem o domínio de procedimentos ou de outros conteúdos que não tenham, ainda, se constituído para o aprendiz, de modo que a realização das atividades pouco contribuirá para o desenvolvimento das capacidades pretendidas (BRASIL, 1998, p. 65).

Dessa forma, para avaliar o aluno, além de conhecê-lo, é preciso que o professor observe as habilidades a serem desenvolvidas, considerando, o que sugere o referencial nacional, que visa orientar o processo de ensino em todas as regiões brasileiras. Ademais, toda a estrutura dos PCN foi construída para dar suporte aos professores no ambiente escolar, disponibilizando conhecimento social elaborado e reconhecido para o exercício da cidadania, conforme afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Atentando-nos, pois, às séries finais do Ensino Fundamental e ao ensino dos gêneros literários, objetos desta pesquisa, verificamos que existe uma meta dos PCN em relação ao campo da linguagem e da literatura, conhecimento necessário para a conclusão dessa etapa do ensino. Nesse sentido, espera-se que o aluno possa compreender e aplicar diferentes linguagens orais e verbais de maneira coesa e coerente, referentes à música, postura corporal, dança, elementos gráficos, signos matemáticos, gestos e movimentos faciais, podendo ainda produzir e expressar suas opiniões. Dessa maneira, que ele possa entender e se apropriar da cultura, tornando-se apto a interações públicas ou privadas, formais ou informais, da língua portuguesa.

Além desses domínios, espera-se, segundo os PCN, que o aluno saiba empregar habitualmente diversas fontes de informações e recursos tecnológicos para avançar na construção de seu conhecimento. Além disso, espera-se que ele desenvolva sua criticidade e criatividade por meio do questionamento sobre o meio de que participa, elencando problemas e resolvendo-os por meio de reflexões lógicas, pensamento intuitivo, análise crítica de fatos e inventividade, tanto na seleção de procedimentos quanto na verificação de sua adequação.

Com base nos conteúdos e nas diferentes práticas propostas pelos PCN para o alcance das metas apresentadas, a escola deverá elaborar atividades que possibilitem o desenvolvimento da proficiência oral e escrita dos alunos em situações de uso público da linguagem, considerando o momento social e material de produção do texto, ou seja, a interação, segundo mostram os PCN⁷:

Considerar a situação de produção do texto, o lugar social do locutor em relação ao (s) destinatário (s); Destinatário (s) e seu lugar social; finalidade ou intenção do autor; tempo e lugar material da produção e do suporte. (BRASIL, 1997, p. 23).

Por conseguinte, a seleção adequada dos gêneros literários a serem adotados para a produção textual dos alunos deverá atender a demanda anteriormente mencionada, ou seja, agindo sobre as extensões gramaticais, semânticas e pragmáticas do texto.

Os PCN declaram também que é no início das séries finais do Ensino Fundamental que o aluno deve reconhecer os diferentes gêneros de expressão da linguagem humana, além de indicar o que deve ser trabalhado em sala de aula acerca desses gêneros. Ademais, o documento ainda expõe o modo como esses textos devem ser inseridos nas práticas pedagógicas, tanto na linguagem oral quanto na escrita, com sequências didáticas e projetos sugeridos para o

⁷PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Disponível em: (inserir link). Acesso em: 09 nov. 2016.

desenvolvimento da leitura e para a produção de textos de forma permanente junto aos alunos.

Ainda de acordo com os PCN, abordar conteúdos de Língua Portuguesa com o apoio de textos literários corrobora a formação humana por meio do uso da língua como atividade estética promotora de reflexão. Já em relação às práticas de leitura literária nesse ciclo, os PCN expõem sobre as especificidades do gênero literário:

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto pertencente ao gênero literário. (BRASIL, 1997, p. 29).

Diante do exposto, identificamos no referencial curricular da rede municipal de ensino um coerente embasamento para a construção de práticas para o ensino da literatura na escola, pois evidencia elementos bastante pertinentes para o despertamento do aluno para a leitura, como a questão da recepção do texto literário, por exemplo.

Essa recepção é tratada pelo fato de que a leitura de um gênero textual que tem uma função específica na sociedade, como uma receita culinária, um e-mail, com objetividade, função instrutiva e informativa, não é a mesma de um texto do gênero lírico.

Podemos ilustrar essa questão a partir da leitura de um poema, cuja linguagem emotiva é conduto de significações, de conotação pelo aporte de figuras de linguagem, ou seja, há todo um tratamento estilístico que o autor dá a obra, que pretende despertar reflexões subjetivas no leitor.

Esse trabalho estético, suas relações com movimentos sociais, fatos históricos e estilos de época devem ser considerados pelo docente para despertar no aluno um maior interesse pela obra literária.

A questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. [...] A formação de leitores precisa capacitá-los para reconhecer essas sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (BRASIL, 1997, p. 29).

Nos apoiando na citação acima, podemos ter o entendimento de que quanto mais interessantes forem os métodos de leitura adotados pelo professor, maior

poderá ser a atenção do aluno pelo texto e conseqüentemente por outras obras literárias, o que contribuirá para sua visão crítica, suas escolhas lexicais e comunicação social. Nesse sentido, o incentivo a variadas formas de o aluno apresentar suas leituras, como a confecção de murais, a realização de dramatizações, oficinas de recontos e até mesmo a utilização de outras linguagens — a pintura, a fotografia, o desenho, a música, a dança e as histórias em quadrinhos — são também maneiras incentivadoras do protagonismo efetivo do aluno-leitor.

Outro caminho importante para motivar o aluno a ler está na intertextualidade da obra, a partir do incentivo para que reinvente o texto literário, visto que as escolhas pessoais podem fazer com que o alunado se identifique com o texto de forma espontânea, estimulando a leitura.

Essas práticas possibilitam a formação de leitores e não apenas de decifradores de um código escrito, que depreendem significações do texto que leem, constituindo sentidos entre as informações de determinado gênero literário e sua relação com outras situações e contextos.

A literatura, pois, ressignifica a realidade, modifica olhares, mostra outras visões, e o professor pode explorar essas virtudes quando desperta no aluno um vínculo com a leitura. Em outras palavras, quando o aluno percebe que tudo o que ocorre na história tem relação com suas histórias pessoais, ele se aproxima da obra literária.

O ato de ler é um ato da sensibilidade da inteligência, da compreensão e de comunhão com o mundo; lendo, expandimos o estar no mundo, alcançamos esferas do conhecimento antes não experimentadas e, no dizer de Aristóteles, nos comovemos catedraticamente e ampliamos a condição humana. Esta sensação de plenitude, iluminante, ainda, que dolorosa a aguda tem sido a constante que o discurso artístico proporciona. Diante de um quadro, de uma música, de um texto, o mundo inteiro, que não cabe no relance do olhar, se condensa e aprofunda em nós um sentimento que abarca no relance do olhar, se condensa e aprofunda em nós um sentimento que abarca a totalidade, como se, pela parte que tocamos, pudéssemos entrever o não visto e adivinhar o que, de fato, não experimentamos (YUNES, 1995, p. 185).

Os alunos não ingressam no ambiente escolar apreciando de maneira inata a leitura, mas por intermédio do professor poderão alcançar o letramento literário com proficiência. Esta nasce do encanto, do interesse pela leitura literária, algo que não é posto no mundo como direito garantido às práticas da linguagem, mas como aquilo que se descobre e se aprende nas instituições de ensino, já que essa é a função da escola.

Com essas propostas, os PCN se constituem um relevante referencial para práticas de leitura e produção de gêneros literários na escola, orientando os

docentes a adotar novas metodologias de formação de alunos-leitores, alunos letrados na sociedade, como será tratado a seguir.

1.4 O LETRAMENTO E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DE INDIVÍDUOS LETRADOS

Ao discutirmos o conceito de letramento, o primeiro fato a que precisamos nos atentar é o de que vivemos em uma sociedade letrada, em que a escrita se faz presente a todo o momento, o que torna logo nosso contato com ela inescapável.

O letramento pode ser considerado como um conjunto de práticas sociais referentes à escrita. Por isso, quando observamos esse conceito, estamos analisando o que as pessoas praticam com a escrita ou a partir dela, consoante ao que afirma Cosson (2009):

O significado atribuído na movimentação das práticas e eventos que envolvem o letramento literário pode estar emoldurado nas atividades escolares, na formação de professores no ensino de língua materna e/ou língua estrangeira, no diálogo crescente na construção de sentidos de um grupo de leitores na escola e na comunidade, em propostas de sequências didáticas explorando a escrita literária. (COSSON, 2009, p. 23).

Além disso, por ser um fenômeno da cultura humana e semiótica⁸, que recorre à simbolização, o letramento tem a letra como uma de suas tecnologias de simbolização. Dessa forma, um indivíduo, para ser letrado precisa interpretar cada linguagem com as suas propriedades.

Uma consideração sobre essa concepção se pauta na formação dessa palavra que, segundo Soares (1997), recebe o sufixo *-mento* para indicar uma ação, neste caso alfabetizar, que por sua vez é o processo de aprender a ler e a escrever, codificar e decodificar.

Já o estado ou condição de quem se apropriou da leitura e da escrita torna-se distinto, pois o resultado do letramento passa a ser propriedade do cidadão que domina essa destreza e adquire estado e condição diferentes ao fato de ter apenas aprendido o código, posto que sua percepção de comunicação muda suas posturas sociais, culturais, políticas, linguísticas e até mesmo psíquicas.

⁸Semiótica é a ciência dos modos de produção, de funcionamento e de recepção dos diferentes sistemas de sinais de comunicação entre indivíduos ou coletividades. Ela é aplicada a um domínio particular da comunicação.

Desse modo, toda a comunicação que envolva um fazer em que a escrita esteja presente torna-se um evento de letramento, pois, por meio dela, haverá situações em que existirão interferências, que afetarão o modo como o falante de determinado idioma interage com sua realidade.

Ademais, uma palavra não surge sem propósito, mas em função de uma resposta, de um apelo, de uma nova necessidade, ou demanda de nossa sociedade, e assim também se dá o surgimento da palavra letramento, segundo o que expressa Colello (2003):

A passagem do século XX para o século XXI foi marcada por muitas mudanças na conjuntura mundial, entre elas podemos citar a globalização, o aparecimento de novas tecnologias e a emergência de uma sociedade informatizada, e todos estes fatores são agentes de transformação do mercado de trabalho, das relações interpessoais e até mesmo o setor educativo.(COLELLO, 2003, p. 21).

No Brasil, podemos citar a abertura política, a ampliação de vagas para o acesso ao ensino e um evento bastante relevante, que foi a abundância de pesquisas nas áreas da Linguística e suas vertentes, como a Psicolinguística, a Sociolinguística, e da própria Psicologia, com estudos bastante significativos de Ferrero (2002) e Teberosky (2003), bem como a tradução dos estudos russos, que auxiliaram grandemente a área da Educação, evidenciando o abismo que havia entre a escrita produzida na escola e sua prática social.

Esse cenário tornou perceptível o quanto a escrita escolar estava marcada por cópia, soletração, uso de textos factícios, ou seja, métodos bastante mecanicistas, ao passo que na sociedade ela era marcada por práticas de múltiplas linguagens, como chat, bate papo e diálogo, descortinando uma defasagem entre as práticas escritoras desenvolvidas nesses ambientes.

Também a partir dessas contribuições, cunhou-se o conceito de letramento, como uma busca para que a escola se abrisse para o atendimento das demandas sociais, alfabetizando o aluno para o mundo e não somente para a própria escola, formando, assim, indivíduos letrados.

A palavra letramento foi traduzida de *literacy*, de origem inglesa e duas obras se mostraram como fundamentos para o entendimento dessa concepção: “Significados do letramento” (KLEIMAN, 2002), que apresenta uma análise do processo de alfabetização, negando a neutralidade dessa prática ao considerar seu caráter ideológico e demonstrando a necessidade dos contextos de produção e do sujeito; e “Letramento: um tema em três gêneros” (SOARES, 2002), em que se solidifica o significado do termo ao diferenciar alfabetização de letramento:

Analfabeto é aquele que é privado do alfabeto, a que falta o alfabeto, ou seja, aquele que não conhece o alfabeto, que não sabe ler nem escrever. Analfabetismo é o modo de proceder como analfabeto. Alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e de escrever. Alfabetização é a ação de alfabetizar, de tornar alfabeto. É nesse campo semântico que surge a palavra letramento. Na verdade, conhecemos a palavra letrado que significa versado em letras, erudito. Conhecemos também a palavra iletrado que significa não ter conhecimentos literários. (SOARES, 2002, p. 17).

Soares (2002) concebe a alfabetização como a obtenção do código de comunicação e de seu conjunto de regras, respeitando a estrutura do idioma, isto é, ensinar e aprender o sistema de leitura e escrita, tomando posse dos mecanismos da escrita.

O letramento, por outro viés, mas com relação intrínseca com a alfabetização, é o desenvolvimento e o exercício da leitura e da escrita que dão ao sujeito a condição de ser letrado, ou seja, estabelecendo uma relação com o conhecimento, de busca e aquisição de saberes por meio das práticas de ler e escrever, inserindo-se na sociedade letrada e em seus hábitos contemporâneos.

A autora acrescenta que essa relação modifica o status do sujeito e seu entendimento de mundo:

As atividades de alfabetização e letramento desenvolvem-se de forma integrada. Caso sejam desenvolvidas de forma dissociada, a criança certamente terá uma visão parcial e, portanto, distorcida do mundo da escrita. A base será sempre o letramento, já que leitura e escrita são, fundamentalmente, meios de comunicação e interação, enquanto a alfabetização deve ser vista pela criança como instrumento, para que possa envolver-se nas práticas e usos da língua escrita. Assim, a história lida pode gerar várias atividades de escrita, como pode provocar uma curiosidade que leve à busca de informações em outras fontes; frases ou palavras da história podem vir a ser objeto de atividades de alfabetização; poemas podem levar à consciência de rimas e aliterações. O essencial é que as crianças estejam imersas em um contexto letrado – o que é uma outra designação, que também se costuma chamar de ambiente alfabetizador – e que nesse contexto sejam aproveitadas, de maneira planejada e sistemática, todas as oportunidades para dar continuidade aos processos de alfabetização e letramento que elas já vinham vivenciando antes de chegar à instituição de educação infantil (SOARES, 2002, p. 21-22).

Uma vez que se cultivem e se exerçam práticas leitoras, aprimoram-se, pois, a comunicação humana e a interpretação de mundo, tendo em vista o alcance da autonomia e do espírito crítico. Assim para Soares (2002),

[...] É preciso conceber a leitura como interação verbal entre indivíduos: de um lado o autor inserido numa determinada sociedade, num determinado momento sócio histórico, com seus objetivos e anseios e, de outro, o leitor situado num determinado contexto, com seus conhecimentos de mundo e com suas expectativas. (SOARES, 2002, p.49, apud COLELLO p. 21).

À luz dos estudos pioneiros de Soares (2002) e Kleiman (2002), podemos verificar uma mudança no conceito de letramento até mesmo em dicionários da

década de 1980, que antes não o documentavam e posteriormente passaram a definir letrado como um literato, um indivíduo erudito, versado em Letras, assim como um indivíduo capaz de se inserir em eventos de letramento, de uso da escrita, com autonomia e habilidade, conforme menciona Colello (2003).

Este panorama histórico nos traz pertinentes reflexões sobre o ensino na língua portuguesa na escola, posto que em uma sociedade urbana na qual a leitura e a escrita são cada vez mais presentes, é impossível pensarmos em pessoas que não façam uso dessas práticas, sejam elas alfabetizadas ou não.

Os indivíduos estão a todo o tempo tendo contato com materiais escritos, seja nas ruas, nos mercados, assistindo a um programa de televisão ou navegando em sites da internet: é nesse sentido que a escola deve se preocupar em oportunizar a inclusão do aluno em práticas letradas, impulsionando momentos de uso da escrita.

Esse processo de inclusão em práticas letradas deve considerar as distintas demandas para a inserção do indivíduo na sociedade, e o docente poderá assertivamente propor em sala de aula um trabalho que contemple a diversidade de gêneros textuais para colaborar com ele, o letrar. Todavia, a multiplicidade de gêneros textuais que tem circulado na escola precisa ser pensada de maneira que suas diversas esferas sejam representadas de fato.

Logo, trabalhar também com textos que ocorrem frequentemente no cotidiano é extremamente relevante para que se pense na escola como um espaço de aproximação a contextos extraescolares.

Desse modo, é importante que o professor traga para a sala de aula materiais manuseados e conhecidos pelo grupo aluno, como rótulos de produtos, receitas culinárias, conversas em chats e panfletos de campanhas de saúde, entre outros. Essa atividade de leitura e produção escrita de um gênero textual aparentemente familiar poderá promover maior motivação para sua leitura, enriquecendo uma experiência prévia com o material de pesquisa em um contexto extraescolar, conforme expressa Marcuschi (2006):

[...] É essencial a necessidade de se compreender os gêneros textuais como algo dinâmico, fluido e principalmente incapaz de ser compreendido e assimilado apenas de maneira classificatória e tampouco de descrições linguísticas, tendo em vista que esta seria uma visão reducionista e formalista dos gêneros. (MARCUSCHI, 2006, p. 31).

Cabe ainda ressaltar que, apesar de todas as pessoas possuírem graus diferentes de letramento, todos são expostos a situações de leitura e escrita constantemente. Destarte, mesmo que as desigualdades sociais impeçam o

consumo de suportes de gêneros textuais dispendiosos, como cânone literário, jornais e revistas de circulação nacional e artigos científicos, por exemplo, pelas classes menos abastadas, é importante pensarmos que o acesso a outros gêneros textuais, como bilhetes, cartas e rótulos de produtos também são situações de letramento praticadas no meio social.

Sendo assim, os indivíduos mais letrados podem não se dar conta da importância que esses textos têm para quem só deles dispõe para manter comunicação com a realidade de maneira significativa. Dessa forma, é importante também refletirmos sobre o que entendemos acerca dos gêneros textuais.

1.5 A COMPREENSÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS E SUAS COLABORAÇÕES PARA O LETRAMENTO EM SALA DE AULA

Em linhas gerais, um texto é uma unidade linguístico-semântica compreendida por um leitor em determinada situação. Igualmente, ser letrado é ter a destreza de participar de situações de interação na sociedade em que os textos de diversos gêneros estão presentes. Dessa maneira,

[...] A aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem. (SOLÉ, 1998, p. 32).

Em todos os ambientes, como empresas, universidades e fóruns, a linguagem funciona como mediadora da construção de sentidos e das atividades sociais. Entretanto, a comunicação só se torna possível por meio da utilização de gêneros textuais próprios a essas práticas letradas, formais ou informais, orais e escritas, de modo que a alfabetização, na perspectiva do letramento, só se torna viável com a inserção dos gêneros textuais em nossa praxe educativa. Nessa seara, os gêneros textuais são eventos discursivos que possibilitam a comunicação diária por meio da língua materna dos sujeitos.

Para o filósofo russo Bakhtin, todos os sujeitos, com maior ou menor nível de alfabetização e letramento, comunicam-se a partir dos gêneros textuais, sendo estas formas textuais, estruturas relativamente estáveis de discurso.

Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível. (BAKHTIN, 2003, p. 28).

É importante destacar, nesse cenário, a importância do professor de língua portuguesa, que assume a proposta do letramento a partir do entendimento de que

todos os gêneros cumprem um papel social, desenvolvendo assim a competência metagenérica dos educandos.

Essa competência metagenérica⁹ tem como direcionamento a utilização de práticas comunicativas, possibilitando o entendimento e a produção de gêneros textuais.

[...] As pessoas desenvolvem uma competência metagenérica a qual lhes permite interagir convenientemente nas mais diversas práticas sociais. É essa competência que possibilita a produção e a compreensão dos gêneros textuais porque orienta as práticas comunicativas que são constituídas de um determinado modo, com certa função – os tipos textuais – em dadas esferas da comunicação humana, o que possibilita a pessoa (re)conhecê-los e produzi-los sempre que for necessário (KOCH, 2015, p. 87).

Assim, entendemos que essa competência metagenérica deverá ser desenvolvida nas práticas de letramento para que os alunos consigam reconhecer o gênero textual, as intenções que ele agrega, sua função social e, além disso, o domínio na seleção do mais adequado para cada necessidade social. Assim, podem alcançar a cidadania e a plena inclusão social.

Sobre a produção dos gêneros textuais, esta não ocorre pela forma ou pelo aspecto deles, por vezes plásticos e criativos, por vezes padronizados e estereotipados, criando-se assim uma perspectiva de intertextualidade intergenérica¹⁰.

Podemos exemplificar esse fenômeno partindo de situações reais, como quando um gênero como a notícia, por exemplo, apropria-se da estrutura do poema, de uma receita culinária ou de uma bula de remédio, mas permanece caracterizado pelo gênero inicial. Ainda para ilustrar esse cenário, temos o poema de Manuel Bandeira (1967), em que o poeta usa a estrutura do poema narrativo, que não tem compromisso de informar fatos reais, para simular uma notícia e seus elementos, como local, data e endereço.

Com vistas a essa realidade, cabe ao professor oportunizar ao aluno como identificar as tipologias textuais predominantes em cada gênero textual, pois é a partir desse critério que o aluno poderá refletir sobre o gênero e a função social do texto estudado.

Assim sendo,

⁹[...] Competência distendida pelos sujeitos sociais que lhes concede a interação de maneira conveniente de leitura e produção de diversos textos nas práticas sociais, tanto de produção de práticas comunicativas, quanto na compreensão dos gêneros textuais elaborados” (KOCH; ELIAS, 2010, p. 108).

¹⁰A intergenericidade é o fenômeno composicional híbrido de um gênero com uma forma, porém com função de outro gênero. Por exemplo, a “bula” com função de publicidade de uma livraria apresentada por Marcuschi (2008, p.147).

[...] Uma proposta de ensino/aprendizagem organizada a partir de gêneros textuais permite ao professor a observação e a avaliação das capacidades de linguagem dos alunos; antes e durante sua realização, fornecendo-lhe orientações mais precisas para sua intervenção didática. Para os alunos, o trabalho com gêneros constitui, por um lado, uma forma de se confrontar com situações sociais efetivas de produção e leitura de textos e, por outro, uma maneira de dominá-los progressivamente.(DOLZ; SCHNEUWLY, 2010, p. 108).

Ainda de acordo com Marcuschi (2008), discorrer sobre os gêneros textuais pressupõe a busca pela matéria-prima de suas produções, que são as chamadas tipologias textuais, também conhecidas como sequências tipológicas. Elas são elementares para a construção de qualquer gênero textual e, divididas em cinco intenções comunicativas, podem ser caracterizadas atualmente como narrativa, descritiva, expositiva, argumentativa e injuntiva.

Vale ressaltar que os gêneros textuais apresentam predominância de uma tipologia, mas a presença de outras intenções comunicativas, também explicitadas no enunciado, permite-nos afirmar que os gêneros textuais não são puros.

Frente ao exposto, o presente estudo tem na tipologia narrativa a marca predominante deste gênero literário conto fantástico. Esta evidencia uma marca temporal, cronológica ou psíquica, exibindo a enunciação de fatos, o deslocamento de personagens, um clímax e um desfecho, de modo que se torna comum a descrição fazer parte da mostra de fatos, caracterizando pessoas e objetos.

Essa miscelânea de tipos de texto em um gênero textual é denominada heterogeneidade tipológica e todas essas considerações confirmam o defendido por Dolz e Schneuwly (2010), para quem a prioridade do ensino deve residir nos usos orais e escritos da língua:

Não se pode pensar o oral como funcionamento da fala sem a prosódia, isto é, a entonação, a acentuação e o ritmo. Já que os fatos ²⁵ da prosódica são fatos sonoros, podemos analisá-los em termos quantificáveis de altura, intensidade e duração. Dimensões essenciais de toda produção oral, seu domínio consciente ganha particular importância quando a voz está colocada a serviço de textos escritos. (DOLZ; SCHNEUWLY 2010, p. 130).

Além disso, de acordo com Bakhtin (2002) às situações cotidianas em que nos comunicamos, chamamos gêneros discursivos primários, aqueles que não precisam necessariamente ser aprendidos na escola, pois o são no uso diário, de forma oral ou escrita. Entretanto, àqueles utilizados nos momentos de comunicação formal, planejados, nomeou-os gêneros secundários, que também podem ser orais ou escritos, mas que precisam ser ensinados na escola para que os alunos possam dominá-los como uma forma de comunicação indispensável para o exercício da cidadania, como disserta Bakhtin (2002):

[...] O caráter relativamente estável dos gêneros do discurso manifesta a tensão entre as forças de estabilização das ideologias e as forças de transformação da vida. Nessa direção, a importância atribuída à relação entre gêneros primários (ideologia do cotidiano) e secundários (ideologia em sentido estrito) é a expressão da opção filosófica a partir de algumas influências teóricas. (BAKHTIN, 2002, p.187).

Entre os inúmeros gêneros que existem, cabe ao professor selecionar em seu planejamento aqueles a serem ensinados conforme o interesse e as capacidades de leitura e escrita dos alunos, porém, ao escolher o gênero que irá ensinar em sua aula, deve levar em consideração as práticas sociais da comunidade em que a escola está inserida, para posteriormente trabalhar com textos mais complexos, sempre de maneira contextualizada.

Diversos gêneros textuais são encontrados no cotidiano e o docente, ao propor atividades pedagógicas de leitura e escrita, poderá resgatar o conhecimento prévio do alunado, possibilitando a retomada de saberes empíricos para a sala de aula a serem compartilhados com os demais educandos.

Dolz e Schneuwly (2010), dois especialistas suíços, organizaram ainda um referencial que contempla grupos de gêneros orais e escritos que podem colaborar com a formação de leitores ao serem ensinados na escola, além de poderem também auxiliar na elaboração do planejamento docente para sua melhor utilização em sala de aula.

Quadro 01: Aspectos tipológicos		
Domínios sociais de comunicação	Capacidades de linguagem dominantes	Exemplos de gêneros orais e escritos
Cultura literária ficcional	NARRAR Mimeses da ação através da criação de intriga	Conto maravilhoso Fábula Lenda Narrativa de aventura Narrativa de ficção científica Narrativa de enigma Novela fantástica Conto parodiado
Documentação e memorização de ações humanas	RELATAR Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo.	Relato de experiência vivida Relato de viagem Testemunho Curriculum vitae Notícia Reportagem Crônica esportiva Ensaio biográfico
Discussão de problemas sociais controversos	ARGUMENTAR Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição.	Texto de opinião Diálogo argumentativo Carta do leitor Carta de reclamação Deliberação informal Debate regrado Discurso de defesa (adv.) Discurso de acusação (adv.)

Transmissão e construção de saberes	EXPOR Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Seminário Conferência Artigo ou verbete de enciclopédia Entrevista de especialista Tomada de notas Resumo de textos “expositivos” ou explicativos Relatório científico Relato de experiência científica
Instruções e prescrições	DESCREVER AÇÕES Regulação mútua de comportamentos	Instruções de montagem Receita Regulamento Regras de jogo Instruções de uso Instruções
(DOLZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 121).		

Figura 2. Tabela de aspectos tipológicos de Dolz e Schneuwly

Nesse material, dos autores (2010), os gêneros foram organizados de acordo com as habilidades de linguagem mais utilizadas em suas estruturas, constituindo um excelente referencial para o ensino de leitura e escrita.

Vale salientar ainda que os gêneros textuais deverão ser inseridos de forma bastante natural no ambiente escolar, de maneira que transpareça sua real situação problematizadora e concreta, da mesma forma que circulam cotidianamente. Assim, o aluno saberá que os gêneros carta, notícia, poema, HQ, e música, por exemplo, estão no livro didático, mas circulam originalmente em outros suportes, como revistas, jornais, gibis, CDs, DVDs e teatros.

O acesso a esses suportes é fundamental para a formação ampla dos cidadãos frente à necessidade de conhecimento acerca do tema para se comunicarem em situações reais de interlocução.

Mediante essa demanda, a escola pode propiciar situações em que o aluno seja inserido em contextos de estudo similares aos que ocorrem com os gêneros textuais, seus usos e funções sociais, em ambientes externos aos das instituições de ensino. Por isso,

[...] A melhor alternativa para trabalhar o ensino de gêneros textuais é envolver os alunos em situações concretas de uso da língua, de modo que consigam, de forma criativa e consciente, escolher meios adequados aos fins que se deseja alcançar. [...] Além disso, o trabalho com gêneros contribui para o aprendizado de prática de leitura, de produção textual, de compreensão (CALDAS, 2007, p. 4).

Entendemos que essa maneira de ensinar por meio dos gêneros é um caminho de oportunidades aos alunos de vivenciarem múltiplas interações humanas verbais e ainda participarem de situações de interação na sociedade em que diversos gêneros se façam presentes.

Um exemplo pode ser constatado por meio de atividades com crianças que participam de eventos de letramentos diversos na sociedade, como na escola, em

que o professor poderá proporcionar essa prática a partir da oralidade de textos instrucionais. Essas atividades que resgatam costumeiramente as práticas típicas da infância, como pintar um desenho específico, cantar uma música para uma apresentação escolar, assim como procedimentos de higiene pessoal, ligar para um familiar em situações de perigo ou desconforto e mesmo confeccionar brinquedos. Gonçalves Filho (2000), ao tratar sobre o tema, orienta que:

[...] ao trabalhar com a leitura literária, o professor deve orientar os alunos para a função ideológica dos textos literários, na medida em que antes de se transformar em discurso estático, subverter a ordem provável da língua para alcançar determinados efeitos de comunicação, a literatura 'se alimenta' na fonte de valores de cultura. (GONÇALVES FILHO, 2000, p. 104).

Essa perspectiva de um ensino por meio dos gêneros discursivos/textuais orientou este trabalho, que analisa a atuação didática do Conto Fantástico em sala de aula, como será visto adiante.

CAPÍTULO II - O GÊNERO LITERÁRIO CONTO

2.1 NATUREZA DO CONTO: EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO GÊNERO LITERÁRIO NARRATIVO

O conto é uma das formas literárias mais antigas da história, posto que é natural à humanidade a contação de histórias, muito anterior ao advento da escrita. O homem tem a tradição de relatar eventos e situações, de modo que o conto, além de ser um gênero textual antigo, ainda se caracteriza como uma forma essencial para narrar a história dos povos.

No entanto, o que se entende por conto atualmente é uma definição evoluída daquela da Idade Média. Ele pode ser definido classicamente por sua extensão, uma narrativa breve, com apenas um clímax, costumando assim ser menor que o romance e a própria novela, que apresentam células de suspense secundárias, o que não acontece nos contos, pois sua estrutura narrativa é fechada, conforme evidencia Fiorussi (2003, p.103):

[...] Um conto é uma narrativa curta. Não faz rodeios: vai direto ao assunto. No conto tudo importa: cada palavra é uma pista. Em uma descrição, informações valiosas; cada adjetivo é insubstituível; cada vírgula, cada ponto, cada espaço – tudo está cheio de significado.

Esse gênero pertence ao universo ficcional e apresenta todos os elementos da tipologia textual narrativa, como personagens, tempo, espaço, enredo e principalmente um narrador, com ambiente de acontecimentos e seres fantásticos. Assim, além de ser uma história curta, tem um objetivo narrativo definido e enfoque em um acontecimento central, contando algo inusitado na perspectiva de um fato já esperado, com início, meio e fim expostos de forma objetiva, sem focar o passado ou o futuro, mas o tempo atual da narrativa.

Segundo Todorov (2004), os contos podem ser apresentados com a predominância de características elencadas como a do conto maravilhoso, do conto de enigma e do conto fantástico.¹¹

Ao abordarmos o desfecho do conto, podemos evidenciar que até o final do século XIX, havia exigência de que seu desenlace fosse enigmático, surpreendendo o leitor, mas atualmente essa se tornou uma característica dispensável. Entretanto, Maupassant e Machado de Assis são exemplos de autores

¹¹Na teoria de Todorov encontramos a definição de conto maravilhoso como a presença do sobrenatural de maneira comum a todos, já no conto de enigma, esse sobrenatural se revela ao final da narrativa como algo fruto da mente humana apenas, já no conto fantástico, há apenas a sensação do sobrenatural, a suspeita, o que gera o estranhamento de algo extraordinário, movido pela hesitação.

desse gênero literário que mantiveram desfechos inusitados em suas tramas, conforme destaca Fiorussi (2003).

É importante também entender que o conto apresenta uma história ficcional que revelará outra secreta, mas verdadeira, que vem à tona com o desfecho da trama, revelando o que há por trás dos fatos narrados. Outra característica do gênero literário conto é a linearidade e sua objetividade na exposição dos acontecimentos, o que deixa claro que seu início já é o anúncio de seu final. Sendo assim, haverá uma ordem que será desorganizada com o surgimento de um conflito, mas que será reestabelecida ao final, mas de forma diferente, haja vista uma evolução na maturidade da estrutura narrativa.

Para uma melhor compreensão do termo conto, Parafita (2005) nos apresenta a seguinte definição:

[...] O conto é um texto narrativo, geralmente curto. É criado e enriquecido pela imaginação popular e procura entreter ou educar o ouvinte. A sua origem perdeu-se no tempo. Ninguém é dono e senhor dos contos populares. Por isso, cada povo e cada geração contam-nos à sua maneira, às vezes corrigindo e acrescentando um ou outro pormenor no enredo. (PARAFITA, 2005, p. 30).

Portanto, mesmo tendo como principal característica a brevidade do enredo, o gênero conto também pode apresentar diálogos, elementos essenciais para estabelecer o conflito e fundamentais a esse tipo de história, pois por meio deles, as personagens se posicionam em relação aos acontecimentos.

Ademais, o narrador é um elemento muito importante no conto, mesmo que, por vezes ausente, ou com a presença apenas de discursos diretos, indiretos, diretos livres e monólogos interiores. Esse elemento pode aparecer em primeira pessoa, quando a personagem principal narra sua história; em terceira pessoa, como observador, apenas contando os fatos que vê; ou como narrador onisciente, que expõe até mesmo os sentimentos e pensamentos das personagens.

Quanto à extensão, o conto não apresenta uma limitação máxima ou mínima de linhas ou páginas, até pela dificuldade em se definir um parâmetro para isso. Entretanto, mesmo sem esse critério, trata-se de uma narrativa inconfundível, consoante o que explicita Bermejo (2002):

Um dia perguntei a Cortázar qual era o seu conceito de conto e o autor respondeu: Muito severo: já o comparei a uma esfera. É uma coisa que tem um ciclo perfeito e implacável. Uma coisa que começa e termina tão satisfatoriamente como uma esfera: nenhuma molécula pode estar fora de seus limites precisos. (BERMEJO, 2002, p. 59).

No tocante ao tempo e ao espaço, tanto o conto fantástico, quanto o conto maravilhoso e de enigma, por serem narrativas breves, com apenas um núcleo de

conflito, devem ser pouco variáveis. Já em relação à evolução da narrativa, deve-se considerar sua origem oral e em meio a habitações de povos primatas, que se sentavam à beira de fogueiras, provavelmente em horário noturno, para contar e recontar curtas histórias, cujos prováveis componentes seriam o fantástico, o terror, o enigmático e o suspense.

Com o advento da escrita, os primeiros registros desse gênero textual conto datam cerca de quatro mil anos antes de Cristo, em meio aos povos egípcios, como a obra “O mágico”. Algumas histórias bíblicas, datadas de dois mil anos antes de Cristo e componentes do antigo testamento religioso, também apresentam a estrutura de conto, como as narrativas de Sansão e Dalila, Caim e Abel. Outro exemplo clássico de conto da Idade Antiga são os contos de “Ilíada e Odisseia”, de Homero, com data do século VI antes de Cristo, junto à literatura dos povos Hinduístas, do século II antes de Cristo.

Os contos “O cínico” e “O asno”, por sua vez, são considerados como as primeiras produções desse gênero, junto a outro conto chamado “O asno de ouro”, de Samosato e Apuleyo, além de “Satiricon”, de Petrónio (século I). É também dessa época a obra persa “Mil e uma noites”, datada do século X.

Já no século XIV, com a segunda fase da escrita e com o lançamento da obra “Decameron”, de Giovanni Boccaccio (ano), temos o registro das primeiras concepções estéticas do conto, uma vez que este se tornou um cânone, com as mesmas características que identificamos atualmente, servindo de referencial de produção literária a La Fontaine, Charles Perrault e Miguel dos Cervantes, cujas obras são clássicos da literatura, como “A raposa e as uvas”, “O gato de botas”, “Cinderela” e “A cigarra e a formiga”.

Nesse contexto, temos ainda a presença dos irmãos Grimm, que também são referências de produção de contos nos séculos XVI e XVII, bem como Voltaire, autor relevante do gênero no século XVIII.

No século XIX, por sua vez, o conto atinge seu apogeu, motivado pelo surgimento da imprensa escrita. É nesse cenário que são publicados grandes clássicos, como “A bela adormecida”, “Rapunzel”, “Chapeuzinho Vermelho” e “Branca de neve”, todos dos irmãos contistas Jacob e Wilhelm Grimm, bem como o reconto de ficções de Perrault, dando real estrutura ao gênero literário em questão com a publicação da obra “Contos para crianças”, sagrando o nome desse gênero literário e a sua forma, segundo explica Coelho (2000):

Vulgarmente, tais estórias circulam na Europa (e daí para os demais continentes) como “contos de fadas”, rótulo que os franceses usam até hoje para indicar “contos maravilhosos” em geral. São apenas contos

maravilhosos, por existirem em um espaço maravilhoso, isto é, fora da realidade concreta. É o caso de Chapeuzinho Vermelho, O barba Azul, O Gato de Botas, e O Pequeno Polegar. (COELHO, 2000, p.90)

São também do século XIX grandes contistas, como Edgar Alan Poe, Maupassant, Eça de Queirós e o brasileiro Machado de Assis. Nesse cenário merece destaque o mestre do conto fantástico Hoffman, que tanto influenciou as obras de Edgar Alan Poe e Machado de Assis. No panorama mundial ainda cabe destacar as obras do russo Francis Kafka e da escritora britânica Virgínia Woolf. Em relação ao contexto histórico-literário de Portugal, vale citar, além de Eça de Queirós, o autor Alexandre Herculano.

Já no cenário nacional, há escritores contistas desde o período romântico, como Álvares de Azevedo, e também autores realistas, como Machado de Assis e Aluísio de Azevedo, além dos pré-modernistas Monteiro Lobato e Lima Barreto, e dos modernistas Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Rubem Fonseca, entre outros.

Sobre esses autores, podemos identificar em todos os escritores, brasileiros e estrangeiros, a busca por um estilo próprio, sem a manutenção de uma forma estrutural rígida desse gênero textual, mas com respeito à extensão em suas histórias e à sequência narrativa.

Ao observarmos o cenário literário contemporâneo, por seu turno, é perceptível a ascensão da publicação de um subgênero do conto, o microconto em redes sociais, cujos autores que se destacam são Millôr Fernandes e Dalton Trevisan.

Atualmente, com o valor que o romance recebeu no mercado editorial em oposição a gêneros pouco extensos, o conto sofreu um declínio no que diz respeito à sua circulação social, mantendo-se apenas em locais de leitura de ficção científica.

Esse panorama do conto está associado à sua popularização no século XIX, com a expansão da imprensa escrita, que divulgava maciçamente este gênero textual e a industrialização, que apontava a falta de tempo para o lazer dos moradores da região urbana.

Nos dias atuais, a mídia traz para o leitor as informações que anteriormente somente os livros e jornais transmitiam. Dessa forma, a imprensa escrita serviu de suporte para o conto no século XIX, mas atualmente as novas tecnologias, a televisão, o cinema e a internet têm dificuldades em adaptar os contos, além da

frustrante tentativa dos últimos anos do sistema capitalista, ao tentar padronizar a comercialização de técnicas de produção de contos.

Entretanto, tanto no ambiente escolar quanto no convívio social, é importante que o leitor tenha acesso a leituras mais condensadas, não somente pelo tempo disponível, mas também para uma fruição de pensamento acerca de um texto ficcional, que pode revelar com brevidade uma história enigmática, mas verdadeira, que surpreenda e faça refletir sobre determinados fenômenos sociais.

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento – superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral – o aluno necessita entender o que está se passando dentro de seu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados – ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes, o que capacita a lidar com este conteúdo. É nesta organização do olhar para o universo que os contos têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação do leitor, que ele não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos que sugerem imagens mentais ao aluno, com as quais ele pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida (BETTELHEIM, 2007, p. 17).

Em relação à escolha desse gênero textual para as atividades de oficina pedagógica, a seção seguinte discutirá a origem da aplicação dos estudos do conto para a formação de um leitor que identifique seus elementos estruturais e seu enredo enigmático.

2.2. O GÊNERO TEXTUAL CONTO FANTÁSTICO E SUAS COLABORAÇÕES PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO: ORIGEM E ELEMENTOS NARRATIVOS CONSTITUTIVOS

Por meio da consulta ao documento governamental (PCNs) durante este estudo, observamos que o Referencial Curricular Nacional traz forte incentivo ao docente para trabalhar com a narrativa nas aulas de Língua Portuguesa do sexto ano do Ensino Fundamental, denominado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais como segundo ciclo do ensino fundamental.

Dessa perspectiva, ao observarmos os gêneros literários que são protagonistas do incentivo à literacia neste período da aprendizagem estudantil na escola, escolhemos o conto fantástico, para ser trabalhado nas práticas de leitura e produção literária no 6º ano A do Ensino Fundamental da escola Municipal Lenita de Sena Nachif em Campo Grande - MS.

A evidência dos textos literários sugeridos pelos PCNs para esta etapa do Ensino Fundamental terem como traço comum que todos pertencem à tipologia textual narrativa trouxe à tona a necessidade de entendimento sobre as tipologias textuais.

O narrar, para Rezende (2013), é uma das intenções comunicativas mais antigas com a qual temos contato em relação à civilização e faz parte de uma classificação atual com cinco tipos de texto: narração, descrição, dissertação, injunção e exposição.

Ainda segundo o autor, a narração constitui-se por uma sequência de acontecimentos, de ações reais ou imaginárias, que ocorreram em determinado tempo e espaço com determinados personagens que protagonizam as cenas e um narrador que conta os fatos, de modo onisciente ou participativo, nos eventos, segundo o que afirma Rezende (2013):

A estrutura do conto apresenta Introdução, que se caracteriza pela apresentação do protagonista, do espaço e do tempo. Muitas vezes iniciada por — Era uma vez(.....); além do desenvolvimento, que se constitui pelo aparecimento de uma série de peripécias, que atingem um ponto culminante; já o desfecho é o equilíbrio reestabelecido. O conto é uma narrativa fechada. Ficamos a saber o fim das personagens. (REZENDE, 2013, p.99 a 112).

Outro aspecto que caracteriza o tipo narrativo é a predominância dos verbos no pretérito perfeito do modo indicativo, pois tal tempo verbal nos remete à ideia de acontecimentos realizados em determinado momento e local.

A descrição é uma tipologia responsável pelo apontamento de características de indivíduos, animais, objetos, como se revelasse uma fotografia de um ambiente da narrativa, algo estático, sem sequência de acontecimentos, e os verbos predominantes pertencem aos tempos presente e pretérito imperfeito do modo indicativo, que indicam estado de personagens.

Diferentemente da descrição e narração, a dissertação caracteriza-se por ser um texto discursivo que argumenta fatos a favor de uma ideia, sendo denominado um texto de opinião, sem a marca gramatical do ponto de vista (pronome eu), mas sim a marca gramatical implícita da primeira pessoa do plural – pronome nós – que sugere que a opinião particular, seja uma verdade universal, coletiva.

Sendo genuinamente opinativo, caracteriza-se por ser a apresentação e defesa de um ponto de vista que precisa estar embasada em reflexões contundentes da ciência para não cair em lugar comum.

A injunção é um tipo textual que faz apontamentos de como realizar determinada ação, explicando o como fazer. São exemplos desta tipologia, os

manuais, as receitas culinárias, conselhos humanos. Já a tipologia expositiva é um discurso que busca expor e transmitir ao receptor, informações acerca de determinado fato, objeto, pessoa, etc., conforme observa Rezende (2013).

Desta forma, tanto o gênero literário conto, assim como todos os textos narrativos podem constituir-se híbrida e complementarmente, apresentando mais de uma das cinco tipologias textuais acima expostas, sempre com a predominância do tipo textual narração.

É importante destacar o que afirma Marcuschi (2008, p. 154) sobre os gêneros “[...] a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual.” Dessa perspectiva, se estamos tratando do que podemos chamar de gênero textual literário, é fundamental que apresentemos claramente os conceitos de tipos e gêneros textuais.

De acordo com Marcuschi (2008),

[...]os tipos textuais designam uma espécie de construção teórica (...) definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. (MARCUSCHI, 2008, p.154).

O autor explicita ainda que as categorias que constituem a classificação dos tipos textuais são limitadas e não tendem a aumentar, diferentemente dos gêneros textuais que são aqueles textos:

[...] que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas. (MARCUSCHI, 2008, p155).

Os gêneros compreendem a comunicação verbal em situações diversas que, de acordo com Bakhtin (2016, p.11) se realizam por meio de “[...] enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”, especificando os objetivos de cada campo da comunicação. Dessa forma, os gêneros apresentam uma característica histórica e social.

Assim, no caso do gênero textual conto fantástico, estudado nesta pesquisa, temos, historicamente, que ele vem de uma tradição anterior a do romance, surgindo na oralidade para posteriormente receber sua forma escrita atual.

Somente para ilustrar a antiguidade do gênero literário acima citado, (meus grifos)¹² há um clássico da literatura árabe que data do século IX, intitulado As mil e uma noites, no qual um sultão Persa, Xariar, após descobrir a traição de sua esposa com escravos durante suas viagens, além de matar aos dois infiéis, passa a desposar uma noiva a cada noite e executá-la no dia seguinte.

Há nesta obra uma moça chamada Xerazade, que ao tornar-se noiva do sultão e sabendo de seu trágico fim, pede a visita de sua irmã à corte, a fim de se despedir da mesma.

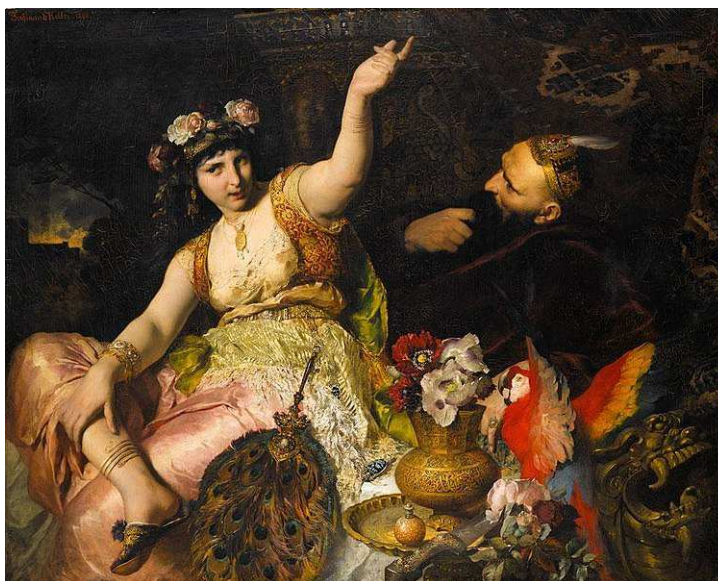


Figura 3. Xerazade e o Rei Xariar (Ferdinand Keller – pintura de 1880)

A irmã de Xerazade, Duniyazade, sugere a ela que conte ao sultão Xariar um conto fantástico a cada noite e nunca os termine. E assim procedeu Xerazade e evitou ser morta pelo sultão por mil e uma noites, até que o mesmo se arrependeu das práticas homicidas e casou-se com Xerazade.

Os contos narrados por Xerazade têm sua origem em antigos manuscritos árabes originários do folclore persa, indiano e árabe, cuja primeira tradução data de 1704, para o idioma francês, sendo assim amplamente difundido na literatura mundial, e conquistando muito leitores até os dias atuais.

Este exemplo serve como instrumento ilustrativo da origem do conto, que surge na oralidade, bem antes da escrita, provavelmente narrado por seres primitivos, à beira de fogueiras, geralmente no período noturno, o que deixa pontual características como o fantástico, o mistério e o suspense, assim como mostra o capítulo seguinte acerca da estrutura deste gênero da tipologia narrativa.

¹²Parecer de leitura pessoal da mestrandia acerca da obra As mil e uma noites. Vasconcelos, Paulo Sérgio de. As mil e uma noite. São Paulo: ed. Objetivo, 1983.

2.3. NATUREZA DO CONTO FANTÁSTICO

O gênero da literatura fantástica ajusta-se na dúvida, na incerteza que está entre o racional e o sobrenatural.

Quando o leitor de um conto fantástico se vê diante de uma trama e de personagens, mas não discerne se os fatos que lê, realmente ocorreram no contexto do texto ou no plano imaginário, temos a literatura do gênero fantástico.

Grandes escritores se destacaram por produzir textos de contos fantásticos, um deles que é nosso objeto de estudo, um autor inglês chamado Edgar Allan Poe¹³, sendo um dos autores escolhidos, junto à escritora brasileira Lygia Fagundes Telles¹⁴, para a introdução de contos fantásticos nas práticas de leitura do gênero literário conto fantástico no 6º ano A do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Lenita de Sena Nachif.

A literatura fantástica é uma maneira de contar fatos que não se associam com o que entendemos por real, em termos comuns e são colocados nesta mesma classificação, modos de narrar que não têm as respectivas semelhanças literárias entre si como contos de fadas, histórias da bíblia, narrativas infantis, lendas da mitologia.

No dicionário Aurélio¹⁵ o termo fantástico designa: “1. O que só existe na imaginação, 2. Quimérico, fingido, que não tem realidade e só existe na imaginação, 3. Que pertence à fantasia, fantasioso, imaginativo (...)”, por esses

¹³ Edgar Allan Poe é considerado o mestre da literatura fantástica, e precursor do terror literário que hoje conhecemos, pois desde o século XIX, foi o escritor do conto O Corvo que inaugurou este estilo literário macabro que influenciou grandes discípulos como Arthur Conan Doyle e Franz Kafka. Poe foi poeta, crítico literário e romancista. Suas obras do romantismo norte-americano foram um marco para a literatura contemporânea, com destaque para "Contos do Grotesco e Arabesco", publicado na França com o título de "Histórias Extraordinárias" (1837), contos que influenciaram diversas gerações de escritores de livros de suspense e terror, e os poemas, "O Corvo" (1845) e "Annabel Lee" (1849). <https://www.ebiografia.com/edgarallanpoe/> (acesso em 22 de maio de 2017).

¹⁴ Lygia Fagundes Telles é a quarta ocupante da Cadeira nº 16, da Academia Brasileira de Letras. A escritora nasceu em São Paulo e passou a infância no interior de São Paulo. Filha de pai promotor e mãe pianista. Na adolescência teve como grandes amigos, os escritores Carlos Drummond de Andrade e Erico Verissimo, que lhe incentivavam à arte literária, mas rejeitou todas as obras que produziu nesta fase de sua vida. *Para o pesquisador Antônio Candido, a obra Ciranda de Pedra* (1954) é o marco da maturidade literária da escritora. Em seus contos fantásticos, encontramos personagens solitários, em ambientes que o real sempre conflita com o imaginário, que fazem com que hesitemos, por meio de detalhes calculados na narrativa, transformando seres comuns em enigmáticos. Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/lygia-fagundes-telles/> (acesso em 09/05/2017).

¹⁵ Dicionário Aurélio online de Língua Portuguesa, licença 2008-2016, acesso em 8 de novembro de 2016.

fatores que o termo fantástico acabou se tornando comum ao agrupamento de outros gêneros pela presença do maravilhoso ou sobrenatural.

O termo é originário do latim *phantasticus* ou *phantasia*, e mesmo dentro dos estudos de teoria literária já apontava para a diversidade de significações, devido às muitas concepções filosóficas e traduções que adquiriu nas passagens dos séculos XVIII para XIX nas línguas europeias, como os idiomas francês, italiano, espanhol, entre outros, conforme explica BATALHA (2011, p. 12 - 13):

Em francês, italiano e espanhol, por exemplo, a palavra “fantasia”, corresponde de modo geral ao sentido alemão, hegeliano e romântico, que designava a faculdade mais alta e criativa. Enquanto isso, “imaginação” – do alemão *Einbildungskraft* – remete à faculdade de menor entidade, ou seja, aquela que desenvolve uma atividade puramente combinatória. Já em inglês, dá-se exatamente o contrário, e a designação dos dois termos se inverte completamente, contribuindo para a dificuldade de sua conceituação, uma vez que este poderia recobrir qualquer nova acepção que estivesse em relação com o imaginário. Na França, por volta de 1830, quando os românticos se apropriaram do termo tentando desvinculá-lo da tradição gótica, eles o reinvestem com um sentido radicalmente novo, ao mesmo tempo em que o substanciavam: a partir desta época, para os românticos franceses, “o Fantástico” estará definitivamente associado ao nome do contista alemão E.T.A. Hoffmann, embora não tenha sido ele o criador do gênero. (BATALHA, 2011, p. 12 e 13), [destaques da autora]

Então temos duas faces para o significado de fantástico, que por uma vertente será realmente ligado ao sobrenatural das obras de ficção, e em outra vertente discute questões relacionadas ao fenômeno criativo da imaginação, que não está fixada no que temos como habitual realidade. No entanto, é importante pensar que o fantástico só é possível quando está ligado a elementos do real e que sua relativa indefinição de gênero não lhe tira o prestígio de emancipação da imaginação humana.

O advento do conto fantástico surge em contrariedade às ideias teológicas medievais e da metafísica, em meados do século XVIII, cujo cenário era de divulgação do iluminismo, como forma de negação da realidade iminente, mesmo que com análises críticas e racionais.

Tzvetan Todorov (2004) não foi o primeiro autor a dissertar sobre o fantástico, mas foi pioneiro na construção de parâmetros de caracterização acerca do mesmo de forma sistêmica, em meados de 1970. Antes do escritor, os demais estudiosos do gênero tinham como consenso apenas o fato de que o fantástico seria um texto que despertava o medo e o terror, segundo expressa Louis Vax (apud ALazraki, 2001, p.268) “a arte fantástica deve [ria] introduzir terrores imaginários no seio do mundo real. O sobrenatural quando não transtorna nossa seguridade não tem lugar na narração fantástica”.

Escritores contemporâneos a Tzvetan Todorov, como Roger Caillois e Lovecraft (1987) explicavam a literatura fantástica como uma produção textual que praticava o despertar de um dos mais antigos sentimentos humanos: o medo do que não conhecemos.

Segundo Todorov (2004), o fantástico reside na dúvida que desperta no leitor frente a um acontecimento interpretável entre o real e o sobrenatural, o racional e o incomum (TODOROV, 2004). O autor propõe ao termo fantástico a ideia de hesitação, por ser esta a experiência provada por um ser que conhece apenas o mundo real e se vê diante de algo supostamente imaginário.

Todorov (2004), concluiu essas reflexões com base em estudos, de autores como Castex, Caillois e Vax, com colaborações singulares para a definição do que é fantástico, segundo mostra Vax apud Todorov (2004):

O fantástico... se caracteriza... por uma intromissão brutal do mistério no quadro da vida real." (CASTEX apud TODOROV, 2004., p. 32); b. "Todo o fantástico é ruptura da ordem estabelecida, irrupção do inadmissível no seio da inalterável legalidade cotidiana." (CAILLOIS apud TODOROV, 2004, p. 32); c. "A narrativa fantástica... gosta de nos apresentar homens, como nós, situados inesperadamente em presença do inexplicável [...], o fantástico nutre-se dos conflitos do real e do possível (VAX apud TODOROV, 2004, p. 32).

A hesitação do leitor é despertada pela hesitação das personagens, sendo esta a característica fulcral do fenômeno fantástico, mas para que um texto literário seja denominado como fantástico, ele precisa atender a três critérios básicos, conforme exposto por Todorov (2004):

Primeiro, é preciso que o texto obrigue ao leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem; desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com a personagem. Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação "poética". Estas três condições não têm valor igual. A primeira e a terceira constituem verdadeiramente o gênero; a segunda pode não ser satisfeita. (TODOROV, 2004, p 38-39).

O autor afirma que o fantástico permanece enquanto houver desconfiança e indecisão, até que se chegue ao fato de crer completamente ou descrever por irrecorrivelmente. A partir destas instâncias de leitura — seja por acreditar ou desacreditar totalmente de algo — abandonamos o fantástico, e alcançamos os gêneros familiares a ele que são o maravilhoso ou o estranho.

No desfecho dos contos que apresentam o fenômeno "estranho", os fatos sobrenaturais recebem uma elucidante explicação lógica, extinguindo assim a

dúvida, como é o caso de contos policiais ou de mistério. Já nos contos maravilhosos, o sobrenatural não se explica, pelo contrário, ele é reconhecido como elemento influente no desencadear dos fatos, não sendo esclarecido por leis naturais, e o leitor ao finalizá-lo não permanecerá em estado de hesitação. Este fator é muito marcante nas epopeias e contos de fadas, cuja sobrenaturalidade é tida como natural e domina o cenário da trama permanentemente.

Ser impreciso é o fator que para Todorov (2004), diferencia o fantástico dos gêneros estranho e maravilhoso. Mas o mesmo autor solicita que tenhamos cuidado diante da possibilidade de relação destes gêneros por meio de uma hibridação, no qual teríamos o estranho puro, o estranho-fantástico, o fantástico, o fantástico-maravilhoso e o maravilhoso puro. Essa classificação do fantástico é pertinente devido à evolução na produção destes gêneros literários elaborada de meados do século XVIII (até mesmo anteriormente a isso) até extensa parte do século XX.

Vale considerar que não é o emprego de elementos maravilhosos ou misteriosos, enigmáticos, na narrativa que garantem a ela o fantástico, sendo essa característica estritamente necessária, consoante ao que afirma Batalha (2011), “[...] a presença de dois termos contraditórios (...) que entram em ‘conflito’ e geram um problema para a causalidade, instalando um curto-circuito nas relações de causalidade que o texto tenta construir” (BATALHA, 2011, p. 13 – destaque da autora). Segundo o autor, o conto fantástico imprime a dúvida nas relações e suas causas, insinuando o questionamento dos fatos expostos no texto, sem deixar resposta às hesitações.

As teorias de Todorov (2004) trouxeram muitos avanços ao estudo da literatura fantástica, mas há reflexões sobre a sobrenaturalidade e Irene Bessièrre (1974) afirma que esse evento advém de um contexto sócio-histórico definido. Bessièrre reforça a ideia de existência do fantástico, e propõe que este gênero literário seja menos datado, uma vez que Todorov limita sua temporalidade. Todorov afirma a extinção desse gênero, pois, segundo ele, não é possível mais que haja a hesitação na atualidade, mediante o que disserta Todorov (2004):

Hoje em dia já não é possível acreditar em uma realidade imutável, externa, nem em uma literatura que não seria mais que a transcrição dessa realidade. As palavras obtiveram uma autonomia que as coisas perderam. A literatura, que sempre afirmou essa outra visão é, sem dúvida, um dos móveis da evolução. A literatura fantástica, que ao longo de suas páginas subverteu as categorizações linguísticas, recebeu, por esta causa, um golpe fatal; mas desta morte, deste suicídio, surgiu uma nova literatura. (TODOROV, 2004, p. 176-177).

Desta forma, Filipe Furtado (1980) classifica a hesitação com o termo “metaempírico” para classificar elementos não comprovados pelas ciências naturais e discerne que o que é sobrenatural em algumas sociedades, em outras é algo comum. Para o autor, o sobrenatural advém de algum mal. De acordo com Furtado (1980):

Assim, só o sobrenatural negativo convém à construção do fantástico, segundo o autor, pois só através dele se realiza inteiramente o mundo alucinante, cuja confrontação com um sistema de natureza de aparência normal à narrativa do gênero tem de encenar. (FURTADO, 1980, p. 22).

O autor nega então a existência de um fato sobrenatural positivo, pois este não resulta em hesitação, assim confirmando o princípio de ambiguidade proposto por Todorov. Quanto ao compartilhamento da dúvida do personagem compartilhada com o leitor, Furtado questiona Todorov e seu dilema narratário, da forma que o fator de hesitação não é o que distingue o conto fantástico do conto de estranho e do maravilhoso quando o “metaempírico”¹⁶ surge, mas a personagem, o narrador, o espaço, e até mesmo a verossimilhança, resultam no efeito de dúvida no leitor.

As considerações do autor russo Todorov e do escritor búlgaro Furtado compõem assim importante formação de conceitos sobre a natureza do conto. Para Todorov, a linguagem empregada no conto fantástico não pode se utilizar da poética, pois precisa ser direta para estabelecer a ficção, não podendo também ter diversidade de significados porque há um fato incomum que precisa ser crido.

Muitos autores apenas classificam o gênero literário como relato ou modo narrativo, entre eles Irene Bessière (1974) e Remo Ceserani (2006). Mas tais considerações não são relevantes ao estudo em questão. Neste prisma, Furtado (1980) estabelece particularidades formais para que uma obra seja classificada como fantástica, quais sejam:

1. Instaurar um narratário (preferencialmente intradieético), ao qual cabe, em princípio, uma dupla função: por um lado, sentir e refletir a leitura incerta da manifestação meta-empírica, construindo e condensando a necessária hesitação; por outro, transmitir ao receptor real do enunciado, idêntica perplexidade perante o conteúdo da intriga, ou seja, contaminar o leitor com sua hesitação;
2. Apresentar personagens que assumam para si a identificação acima referida e que a suscitem por parte do leitor, representando, simultaneamente, através de si, a percepção ambígua das ocorrências com as quais são confrontadas e a consequente indefinição perante o sobrenatural, o insólito;

¹⁶1 - Que segue o empirismo. 2 - Relativo ao empirismo.3- Que é baseado na experiência.4 - Que segue o empirismo.5 - Relativo ao empirismo.6 - Que é baseado a experiência.7 - Que é baseado na experiência.

Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27

Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/empirico>>. Acesso em: 06 Jun. 2017

3. Organizar as funções das personagens conforme uma estrutura actancial que reflita e confirme as características essenciais ao gênero já apresentadas;
4. Utilizar narradores intradieéticos – auto ou homo –, cujo duplo estatuto face à intriga resulte em uma maior autoridade perante o receptor real da enunciação, o leitor, e na capacidade de o compelir a uma mais estreita aquiescência em referência aquilo que é narrado, independentemente de seu aporte natural, estranho, insólito ou não;
5. Evocar um espaço híbrido, indefinido, que, aparentando sobretudo representar o mundo real, referencial e exterior à narrativa, o universo do leitor, contenha indícios da própria subversão deste e a deixe insinuar-se aos poucos. (FURTADO, 1980, p. 133 e 134).

Sendo assim, podemos afirmar que o uso habitual da primeira pessoa no conto fantástico é fundamental para que se tenha um narrador que divide com o leitor os casos que descreve, e por conta disso se tem a sensação de verossimilhança, repartindo assim a hesitação diante do medo do sobrenatural.

Esse gênero também apresenta espaço e tempo reais, que se tornam instigadores com o surgimento do fantástico, isto o difere do conto maravilhoso no qual o leitor inicialmente já é mergulhado em um universo imaginário. No conto fantástico, podemos ressaltar a importância dos objetos, que parecem ter vida própria ao surgirem esvaziados, quebrados ou em locais diferentes de onde o narrador os apresenta em princípio, o que também supõe a presença do sobrenatural.

Além dessa temática de objetos com vida própria, o conto fantástico ainda pode abordar temas como a angústia diante da morte, o medo, a loucura, os mortos, que revivem, metamorfoses, a natureza vingando-se. Normalmente, no ambiente do sobrenatural, as personagens se encontram com o consciente afetado, por bebida alcoólica, remédios, sonolência, e solitários, o que beneficia a ambiguidade no conto fantástico.

Como não compreendem os fatos, estas personagens se apavoram diante do desconhecido, sentindo-se perturbados, cercados pelo pânico, por não poder distinguir se o que os cerca é real ou sobrenatural. Sendo assim, o mistério continuará comumente íntegro por meio desse estado de hesitação, de ambiguidade que o narrador expressa ao leitor.

Vax (1960 apud MOISÉS, 2004, p. 185), afirma que o fantástico é sustentado como fato inesperado em meio aos fatos reais e explicáveis da natureza humana e do cotidiano. Além desse estudioso, Schwartz (1982, p.101), contribui considerando que esses efeitos extraordinários não servem apenas para a leitura prazerosa, mas também para o crescimento intelectual do leitor diante dos problemas sociais.

A proposta dos formalistas russos cria o termo “estranhamento”, para designar o que Viktor Chklovski (1976), explica como contestação do racional pelo irracional, e que para Aleksander Potebnia são as imagens que devem ser observadas, mas não percebidas, o que caracteriza a sensação de hesitação diante do estranho, pois desafia a reconstruir ideias estáveis sobre o mundo. Esse estranhamento, na concepção de arte literária, nos distancia do que é natural, permitindo-nos adentrar uma nova dimensão, a estética.

Carlos Ceia (2012), mostra o estranhamento de Chklovski relacionado ao conceito de desautomatização encontrado em Mukarovsky e designado como efeito de alienação de *Verfremdungs-Effekt*, ao qual Brecht expõe para o texto dramático, conforme afirma Ceia (2012):

Em qualquer dos casos, o estranhamento é, então, essa forma singular de ver e apreender o mundo e aquilo que o constitui, visão que a literatura de certa forma alarga – ao nível da linguagem, porque a torna difícil e hermética; ao nível do conteúdo, porque desafia e transforma as ideias pré-concebidas sobre o mundo; e ao nível das formas literárias, porque estranha as convenções literárias, introduzindo novas formas de expressão. (CEIA, 2012, p.35).

Distante do enfoque sócio-histórico abordado por Jauss, Wolfgang Iser (1996) se dedica ao estudo do ato isolado de leitura, onde o leitor passa a ser coprodutor da obra literária à medida que preenche as lacunas, por meio de interpretação colaborativa e imaginativa.

O crítico italiano Umberto Eco (2002,p.11) reforça essa teoria de Iser ao dizer que por conta de as obras literárias apresentarem liberdade interpretativa, exigem do leitor um preenchimento de não-ditos ou já-ditos do texto.

Lector in Fabula (2002), obra que trata da recepção de textos literários e sua interpretação pelos leitores, se baseia em Pierce para garantir que o significado de um vocábulo já preserva em si a expansão de uma obra, pois quem lê, amplia o sentido do texto.

Nesta ótica, Eco (2002) afirma que devido a cooperação presente na obra literária, o leitor é obrigado a imaginar fatos e contextos narrados e o quanto a obra incentiva a liberdade de interpretação, fazendo com que o leitor reconstrua a realidade estruturada pelo escritor associando-a a sua cultura e experiências de mundo, refletindo sobre o modo como a sociedade se organiza para evitar o sentimento de medo, proteger-se do mesmo e o modo como o ser humano evoluiu, em teorias e práticas, ao longo dos séculos, desafiando o temor, do que se tem como natural e sobrenatural, levantando questionamentos como: o que os seres humanos temem?

Todos estes elementos também podem ser oferecidos aos alunos, como forma de conhecimento literário e de enriquecimento das práticas sociais, uma vez que imaginar é um ato inerente aos seres humanos e que precisa ser trabalhado como forma de emancipação na escola conforme descreve o capítulo seguinte que retoma a significação da leitura de contos fantásticos nas instituições de ensino. Além disso, apresenta o projeto de intervenção proposto para ser desenvolvido com a turma do 6º ano da Escola Municipal Lenita de Sena Nachif localizada na periferia da cidade de Campo Grande – MS, no Bairro Centro Oeste e a análise dos resultados.

CAPÍTULO III – ASPECTOS METODOLÓGICOS DO GÊNERO CONTO FANTÁSTICO EM SALA DE AULA

Neste capítulo abordaremos a experiência discente ao utilizarmos os contos fantásticos como instrumento na formação de leitores proficientes e como um meio para despertar o aluno para uma leitura de maior extensão dramática.

Faremos ainda a exibição do modo como o gênero literário foi trabalhado em sala de aula, as forma como os alunos produziram seus textos em sala e também o modo como este gênero incentivou os alunos à leitura de contos fantásticos .

3.1 A IMPORTÂNCIA DE ATIVIDADES COM O CONTO FANTÁSTICO EM SALA DE AULA

A seleção para a realização de trabalho pedagógico com o conto fantástico se justifica com base na consulta aos Parâmetros curriculares Nacionais que recomendam o uso deste gênero literário para contribuir com a aproximação dos alunos-leitores às obras literárias na primeira série do segundo ciclo do ensino fundamental.

Ressaltamos que no quadro de domínios sociais de comunicação, elaborado pelos pesquisadores da Universidade de Genebra, Dolz e Schneuwly, o gênero conto também é recomentado para fortalecer a inserção do discente em práticas de leitura em prosa, de forma efetiva, com atividades diferenciadas que proporcionem o interesse por ler e escrever, conforme a abordagem de eixos da Língua materna.

Desta maneira, acreditamos que o conto fantástico pode ser um relevante motivador da leitura literária em sala de aula, uma vez que sua principal característica é despertar um dos mais antigos sentimentos humanos: o medo.

A literatura na escola deve ser apresentada, junto aos demais textos, com a finalidade de desenvolver o gosto pela cultura estética e pelo desenvolvimento da sensibilidade por parte dos estudantes, bem como de comunicação nos diversos domínios sociais, tendo em vista que o conhecimento não pode ficar circunscrito ao contexto de sala de aula ou da escola.

Isso se deve também ao fato de que o surgimento do letramento propõe práticas de leitura e escrita que vão além do exercício de codificar e decodificar, possibilitando o desenvolvimento do pensar crítico e das tomadas de tomada de decisão, a fim de que — por meio de ações contextualizadas e significativas — os estudantes atuem com desenvoltura em suas práticas cotidianas.

Dessa forma, o enfoque da literatura em sala de aula deve contemplar,

também, atividades que visem ao “letramento literário” (BRASIL, 2011; COSSON, 2006; PARAÍBA, 2006; ZAPPONE, 2008) dos estudantes, centralizando-se no uso social da escrita literária e na procura do real domínio dessa espécie de texto pelos leitores-alunos.

Para isto, o professor tem papel fundamental, pois poderá incentivá-lo à leitura por meio da curiosidade. Jauss (1979) afirma que a obra literária é modernizada pelo leitor em dado momento histórico, conforme seu horizonte de expectativas, pois se agrega um conhecimento novo ao já existente em sua mente, este fator provoca mudanças no indivíduo.

Assim, a escolha pedagógica pelo gênero literário fantástico é plausível mediante a busca que os estudantes têm feito desse gênero em jogos de computadores, no cinema, em Histórias em Quadrinhos, que hoje formam um forte mercado consumidor.

Muitos destes novos autores apresentam obras de caráter estético relevante, como os cânones literários como Dostoiévski, Poe, Merimée, Maupassant, Machado de Assis, Guimarães Rosa, entre outros autores do conto fantástico.

A escola de bruxarias dos Hogwarts, que ganhou o mercado editorial a partir de 1997, com a série de livros de Harry Potter, escritos por J.K. Rowling, com vultoso sucesso comercial, acabou por resgatar autores do fantástico como J. R. R. Tolkien ou C. S. Lewis.

Lewis Carrol, Bram Stoker, Mary Shelley, R. L. Stevenson, Gogol, Emily Brontë, Allan Poe, Hoffman, Maupassant são apenas alguns dos autores tradicionais reeditados a partir dos últimos anos, tencionando essa reciclagem de público e o caráter atemporal de suas obras.

Esta campanha mercadológica reacende a aproximação de leitores mais jovens com o conto fantástico, e mesmo que aliado a uma intensa campanha mercadológica, não despreza o caráter estético e a crítica, em suas concepções.

Por esse prisma, cabe ao professor apresentar aos discentes também as obras do cânone do gênero fantástico, para que o estudante tenha critérios críticos de avaliação a respeito das obras que o mercado da literatura atual produz, como é o caso das Crônicas de gelo e fogo, popularmente conhecidas como A guerra dos tronos e as não menos populares Crônicas de Nárnia.



Figura 4. Capas das edições de livros As Crônicas de gelo e fogo

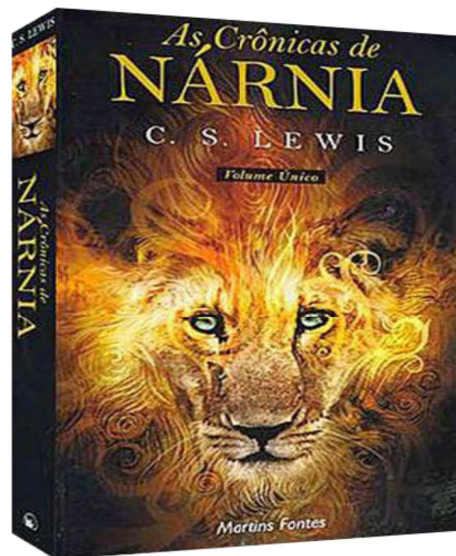


Figura 5. Capa da edição do livro As Crônicas de Nárnia

Dessa forma, para o desenvolvimento desta pesquisa optamos pelo conto fantástico no projeto de intervenção realizado em sala de aula por meio de uma sequência didática que apresentamos e analisamos no tópico seguinte.

3.2 ANÁLISE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA ACERCA DOS ESTUDOS SOBRE OS CONTOS FANTÁSTICOS NO CONTEXTO ESCOLAR

A escola municipal Lenita de Sena Nachif está localizada na periferia da cidade de Campo Grande – MS, no Bairro Centro Oeste, cuja economia é bastante baixa. A escolha da turma do 6º ano A justifica-se uma vez que a maioria deles nem se quer conheciam o gênero textual em questão, mantendo uma relação

bastante afastada dos livros literários. Embora seja uma turma bastante agitada, costuma cumprir todas as atividades de sala de aula, bem como as tarefas solicitadas.

Diante do exposto, esperamos que haja uma aproximação maior entre esses alunos e as obras literárias. Para tanto, elencamos, entre outros, autores como Rildo Cosson que expõe projetos de leitura com gêneros literários que realmente despertam no aluno o hábito de ler e Dolz e Schneuwly que propõem uma sequência didática que revela ao professor as dificuldades que precisam ser atendidas para a proficiência na leitura da literatura em sala de aula.

Vem desses autores — com suas propostas metodológicas tão relevantes e que bons resultados têm evidenciado — a fundamentação do projeto de intervenção que realizamos com a turma do 6º ano A, tendo em vista que o planejamento acerca de uma atividade é de extrema importância no ambiente escolar, e sua falta pode resultar em aulas desestimulantes e desestruturadas, o que resulta em discentes desinteressados, potencializando as causas do fracasso escolar. Conforme comenta Libânio ¹⁷ (1994):

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. (LIBÂNIO, 1994, p.71).

Desta forma, planejar as aulas se caracteriza em uma ferramenta indispensável aos docentes que buscam aplicar metodologias transformadoras em turmas com diferentes níveis de aprendizagem e almejam alcançar resultados positivos relacionados ao letramento literário.

Nesta perspectiva, o primeiro passo que tomamos para preparar uma sequência didática que pudesse ser exitosa foi a seleção dos textos escolares e das mídias digitais disponíveis na escola para complementar o acesso dos discentes à leitura dos contos fantásticos elencados abaixo.

Para esse planejamento contamos, como referido anteriormente, com as contribuições de Dolz e Schneuwly (2004) que caracterizam a sequência didática como sendo uma reunião de práticas, preparadas organizadamente acerca de um gênero textual da oralidade ou da escrita.

Assim, à luz dessas reflexões essenciais, apresentamos a sequência didática elaborada para esta pesquisa interventiva, em que propusemos à turma uma experiência de leitura dos textos literários *O Retrato Oval* (anexo 1), do poeta, escritor e crítico literário norte-americano Edgar Allan Poe e *As Formigas* (anexo 2)

¹⁷LIBÂNIO, J. C. Didática. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

da escritora e contista brasileira Ligia Fagundes Telles.

Tendo em vista que desde a alfabetização, possivelmente os métodos de letramento utilizados para a formação de leitores proficientes nas escolas acabaram por comprometer a experiência dos estudantes com a leitura. E após evidente percepção de que os estudantes da turma do 6º ano A, da escola pública Lenita de Sena Nachif, apresentavam muitas dificuldades quanto ao hábito de leitura de obras literárias, visitas à biblioteca, o que conseqüentemente afetava o uso da língua na produção de textos, objetivamos desenvolver a proposta de leitura e produção escrita de contos fantásticos no sexto ano A do Ensino Fundamental da Escola Municipal Lenita de Sena.

3.3 RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA LENITA DE SENA NACHIF, EM CAMPO GRANDE – MATO GROSSO DO SUL

Essas experiências com a narração podem ser adquiridas e reforçadas com a leitura do gênero literário contos fantásticos, que permitirão despertar sua curiosidade frente ao estranhamento, sejam romances, novelas, poemas que trazem o medo do desconhecido como temática para a criação de ficção. No entanto, também podem explorar outras temáticas, optando pelo relato de experiências, a discussão de problemas, a apresentação de saberes, a instrução de comportamentos, reconhecendo as características estruturais que distinguem tais gêneros e desenvolvendo habilidades para a produção escrita.

Vale considerar que muitos jovens nesta faixa etária têm atração por filmes ou jogos, que despertam essa sensibilidade, a apreciação comum do enigma, do suspense, da hesitação diante do sobrenatural e do desconhecido, servindo-nos assim como instrumento para a seleção do gênero literário conto fantástico. No entanto, devido ao gosto do público e a recomendação por estudiosos dos gêneros textuais e parâmetros curriculares de nosso país, efetivamos a sequência didática da seguinte forma:

→ **1ª aula:** Para se atingir o objetivo de leitura, oralidade, análise literária e escrita do conto fantástico foi explicada, pela docente em questão, a adoção do conto fantástico como motivador das práticas de leitura dentro da proposta de intervenção.

Realizamos, na sequência, uma primeira atividade para o levantamento de conhecimentos prévios em que foi perguntado aos discentes em sala de aula a respeito das histórias lhes provocavam medo e se acreditavam no sobrenatural, ou

seja, se de fato existia uma realidade na qual o possível e o imaginável atuassem na construção de sentido racional.

Diante desta prática oral de diálogo acerca do tema medo, aproveitamos o ensejo para a gravação de voz, no aparelho celular da professora, das narrativas orais de oito discentes que voluntariamente se propuseram a contar histórias familiares que proporcionaram a eles tal sentimento.

Diante da visível inquietação dos estudantes perante ao tema, mesclando curiosidade e repulsa, foi inserida como tarefa para a casa uma primeira produção textual, cuja proposta era a narração de um fato em que os discentes consideravam ter elementos do sobrenatural.

→ **2ª aula:** Retomando as atividades sobre o conto fantástico, as primeiras produções foram lidas e corrigidas observando questões de estrutura da língua portuguesa e se atendiam à solicitação de que deveriam provocar medo no leitor.

As produções foram entregues para reescrita segundo o que os PCNs recomendam como produções textuais não fixas. Ainda se fazia perceptível a ansiedade dos alunos em compreenderem o conto fantástico e a curiosidade para conhecerem os textos dos colegas, o que já faziam em pequenos grupos diante do que foi informado à turma que apenas um dos discentes havia se aproximado do objetivo de hesitação ao qual se propõe um conto fantástico.

Essas produções textuais dos estudantes foram recolhidas pela professora para correção. Foi observado que a busca por provocar medo no leitor era recorrente nas narrativas do grupo, mas confundiam-se com o conto maravilhoso (mágicas), com fenômenos do conto do estranho, entretanto nada foi produzido no campo da incerteza diante do sobrenatural.

→ **3ª aula:** Nesta aula os discentes foram encaminhados até a sala de informática onde realizamos uma aula expositiva esclarecendo o conto fantástico (anexo 6).

Conversamos acerca de sua tipologia textual narrativa e seus elementos, além de explicações sobre o conto fantástico e sua principal diferenciação dos contos maravilhoso e estranho, referentes às explicações natural ou sobrenatural, que levam o leitor a crer totalmente ou descrever por completo nos fatos da narração.

Evidenciamos muitas ocorrências entre os discentes de incertezas na distinção entre o conto maravilhoso, o conto do estranho e o conto fantástico, sendo necessário fazer a exposição do conteúdo.

Diante de tecnologias como o computador e o Datashow, observamos o

visível interesse dos alunos quando apresentamos alguns exemplos desses contos e solicitamos que buscassem imagens na internet e colassem na página do powerpoint para ilustrar cada tipo de conto proposto, sendo eles:

a) Conto maravilhoso: Branca de neve, chapeuzinho vermelho e cinderela. Por meio desses exemplos mostramos aos discentes o modo como o sobrenatural é aceitável no contexto em que o texto se insere, sem duvidar de fenômenos maravilhosos, pois a mágica é a propulsora dos fatos contados. Para esta atividade, selecionamos três alunos para contar os três contos maravilhosos de forma voluntária, elencando com eles o que caracterizava o maravilhoso nas narrativas. Os alunos foram incentivados a ler os contos maravilhosos, mas alegaram terem passado dessa fase de contos de fadas e conhecerem a todas as obras. Então sugerimos a eles a leitura das obras Nárnia, Harry Potter, Guerra dos tronos, e perguntamos quem havia tido contato com essas literaturas que contassem um fato em que a mágica estivesse presente na narração e muitos estudantes deram muitos exemplos, evidenciando que uma minoria apenas desconhecia os textos em questão. Por fim, realizaram a colagem de imagem dos contos exemplificados na página do powerpoint.

b) O conto de estranho: Exemplificamos aos estudantes com um conto do estranho da escritora inglesa Agatha Christie, Três Ratos Cegos, cuja característica principal está no enigma inicial que será desvendado ao final, extinguindo-se a dúvida diante do sobrenatural.

Nesse momento, relatamos aos estudantes que se trata de uma antiga canção infantil inglesa encontrada sobre o cadáver de uma mulher morta por um assassino em série em Londres. Um casal que herdou de uma tia uma pensão no interior da Inglaterra ficaram com um pouco de medo dessa história. Esse medo foi agravado pelo fato de policiais ligarem na hospedagem avisando que o assassino provavelmente estaria foragido na região onde moravam. Em seguida, o casal, Giles e Molly, recebe na pensão três hóspedes bastante estranhos e um homem é assassinado em plena luz do dia no local com a mesma canção sobre seu corpo. Desesperado o casal contrata a famosa personagem dos contos policiais da autora, detetive Miss Marple, para desvendar o caso. No final, quem menos se espera é o assassino.

Os estudantes foram incentivados a lerem os livros da autora, disponíveis na biblioteca escolar em um total de dezenove exemplares. Após a leitura, realizaram a colagem de imagem dos contos exemplificados na página do powerpoint.

c) O conto fantástico: este conto foi exemplificado aos alunos com o texto de Edgar Alan Poe, O Retrato Oval (anexo 1), que já havia sido sugerido como suporte de introdução à leitura literária desse gênero pelo orientador durante os encontros com a mestranda em questão na UEMS. A professora então fez breve resenha do conto, guardando o desfecho para a leitura em sala, contou-lhes apenas dos dois cavalheiros que adentram um castelo abandonado em busca de refúgio em uma noite de tempestade. O amo está ferido e o servo lhe auxilia, no momento em que se encontram na torre mais alta de um castelo abandonado a pouco tempo. Nesse lugar havia muitos quadros e na cama, sobre o travesseiro, um caderninho que explicava o significado da pintura de todos eles. Curioso, se entretém na leitura e quando vai manusear a vela no candelabro para mudar a posição da leitura tem a impressão que vê uma mulher no canto escuro, antes não visualizada... A narrativa é interrompida pela docente, diante do protesto dos alunos que entre o medo e a curiosidade, realizaram a colagem de imagem dos contos exemplificados na página do powerpoint, sendo a turma em seguida encaminhada à sala de aula.

→ **4ª aula:** Após exposição da vida e obra de Edgar Alan Poe, foi entregue conforme informado na aula anterior, o conto fantástico O retrato oval (anexo 1), do escritor inglês, para leitura silenciosa e a grande maioria dos alunos se concentrou bem na realização da atividade. Ao constatar que a vontade de ler os contos fantásticos nos discentes só aumentava — o que tornou o trabalho produtivo — a professora realizou a leitura cuidadosa em voz alta e pediu a eles comentários sobre o texto de Alan Poe e se há alguma semelhança entre o narrado por eles na primeira produção escrita e o que foi narrado pelo escritor inglês, sendo que muitos estudantes enxergaram que a única semelhança estava no medo, por que no conto fantástico O retrato oval essa sensação não é despertada pela presença do sobrenatural, mas pela desconfiança de sua presença, que não é elucidada e nem aceita ao final do enredo. Aproveitamos o momento para solicitar aos estudantes — em atividade na lousa — o reconhecimento de elementos da narrativa (anexo 3). Pedimos para observarem o que precisava ser mudado ou melhorado na primeira produção e reconhecer no conto de Edgar Alan Poe qual o momento em que o fantástico se fez presente e, em seguida, transcreverem no caderno o que compreenderam do debate oral. Como tarefa aos estudantes, foi proposto um retrato oval (anexo 4), no qual escreveriam o momento em que acreditavam que o fantástico, sobrenatural, se fez presente em meio aos fenômenos naturais.

→ **5ª aula:** Nesta etapa a sala de aula é dividida em três grupos com sete discentes e cada um deles recebe a incumbência de trazer de casa elementos que

caracterizam os contos fantástico, maravilhoso e estranho. Entretanto, apenas um grupo realizou a atividade, os demais alegaram a falta de recursos financeiros para conseguirem representar os gêneros literários. O grupo que realizou, apresentou à turma as caracterizações de mágico, rainha e fada, explicando o porquê de acreditarem que aqueles elementos representavam o conto maravilhoso. Voltamos então a explicar a todos sobre as distinções entre os três tipos de conto: maravilhoso, estranho e fantástico e transcrevemos no quadro esses conteúdos.

→ **6ª aula:** Na aula seguinte, foi exibida no Datashow, em sala de aula, a vida e obra de uma grande escritora brasileira de contos fantásticos, Lygia Fagundes Telles, sua temática de medo, suas premiações literárias no Brasil e em Portugal. Inicialmente entregamos aos estudantes o texto escrito (anexo 2) e exibimos metade de um curta-metragem¹⁸, cuja direção é de Verônica Guedes, mostrando as cenas aos discentes para que a curiosidade pela leitura fosse despertada de forma visual apenas, até o momento em que, em sonho, a estudante de medicina do conto vê o anão sentado sobre a cama.

Desse modo, a turma é incentivada a realizar a leitura silenciosa do conto fantástico e a nós completamos a ação com uma leitura cuidadosa, em voz alta, do texto, para então iniciarem-se os comentários. Desta vez foi possível perceber a experiência dos educandos com o texto fantástico, pois além do medo, eles tornaram evidente a característica da incerteza das estudantes de direito e medicina, se os ossos do anão deixados na pousada daquela velha sombria no interior do país, fora realmente reconstruído pelas formigas. Após discussões acerca dos elementos da narrativa presentes no conto, como narrador, personagens, tempo, espaço, enredo e desfecho, solicitamos o registro no caderno de sala da característica do fantástico presente na obra *As formigas* de Lygia Fagundes Telles. Como tarefa propusemos à turma que fizessem um desenho sobre o momento que mais sentiram medo durante o conto *As formigas* (anexo 7).

→ **7ª aula:** Na última aula da sequência didática sobre o conto fantástico no 6º ano A, apresentamos novamente a primeira versão corrigida da produção deste gênero literário (anexo 5) aos discentes que foram levados até o cantinho da leitura, no fundo do ambiente escolar, para lá realizarem as leituras dos contos para todos. Como havia contos muito distantes do que agora se elucidava como conto fantástico, foram formados grupos para a reescrita das melhores histórias, sendo selecionados apenas cinco contos para serem manuscritos em conjunto até que

¹⁸ Disponível no canal youtube em 08 de maio de 2010, acesso em 09 de setembro de 2016

pudessem ser transformados em contos fantásticos.

→ **8ª aula:** Em sala novamente, os grupos foram formados para lerem os seus contos fantásticos e a tarefa foi dada para que um membro do grupo digitasse em casa o texto. Encaminhamos a turma novamente à sala de informática onde puderam passar seus textos para o programa powerpoint e ilustrá-los com imagens da internet (anexo 8). Após as correções necessárias, gravamos os contos fantásticos em VCD e a turma do 6º ano A foi até a pré-escola contar às crianças da professora Rose Rocha um conto fantástico, presenteando a turma com os demais textos produzidos, totalizando cinco contos fantásticos intitulados: Uma joia de família, O cachorro morto, Fuga pela floresta, História de pescador e No porão.

Foi notória, nesse momento, a ansiedade dos estudantes em oferecer suas produções textuais autorais contos fantásticos às crianças da pré-escola, momento em que puderam demonstrar o avanço que tiveram em relação ao entendimento do que é conto fantástico, conforme mostram as reflexões finais desta pesquisa.

Por fim, podemos destacar que essa experiência desenvolvida com os alunos em sala de aula serviu para demonstrar a falta de conhecimento dos mesmo em relação ao conto fantástico e ainda possibilitou para que a prática de contar histórias possa ser inserida no cotidiano das atividades em sala de aluno, transmitindo por meio de pequenos relatos uma aprendizagem significativa. Ainda objetivou aos alunos conhecer melhor o gênero literário conto fantástico para proporcionar uma abertura a outros gêneros literários, como o romance por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a realização deste projeto de intervenção foram estabelecidos como objetivos propiciar aos alunos um maior contato com obras do gênero conto fantástico, dos escritores Edgar Allan Poe e Lígia Fagundes Telles, com a intenção de promover a evolução dos alunos nas práticas do letramento literário e uma melhor compreensão do gênero conto fantástico, bem como promover nesses alunos a compreensão, de forma global, das características de narratividade e as informações primordiais deste tipo de conto, além do enriquecimento cultural que a literatura e sua linguagem carregada de elementos imagéticos propicia, contribuindo para a formação de leitores críticos e reflexivos.

No alcance dos resultados buscamos a fundamentação teórica em autores como Silvia Colello acerca do letramento na escola (2010); Magda Soares e Ângela Kleiman sobre o surgimento e a continuidade de pesquisas em questão do letramento no Brasil (2002); Mikhail Bakhtin e o dialogismo na obra literária (1992); Marisa Lajolo, que trata sobre as práticas de leitura na escola (2007); Marcuschi, sobre a utilização dos gêneros textuais em sala de aula (2002); Todorov e a formação estrutural e historicidade dos contos fantásticos (2004); além de Batalha (2003) e Gotlib acerca do conto (2006) e Todorov expondo a natureza do fantástico (1988), entre outros autores, todos que defendem o uso dos gêneros literários como contribuição para a formação de um leitor proficiente e crítico.

O resultado do desenvolvimento do projeto de intervenção por meio do conto fantástico em sala de aula pôde proporcionar aos alunos do 6º ano A do Ensino Fundamental, um maior contato com a tipologia textual narrativa, por meio do reconhecimento de seus elementos estruturais, além de contribuir com a leitura do gênero textual conto fantástico, que evidencia uma linguagem simples e direta, no entanto com situações de suspense que agem no imaginário dos jovens e estão muito ligados às situações de letramento com a presença desses contos por meio das mídias e da tecnologia que eles tanto amam.

Dessa forma, é possível afirmarmos que todas as propostas de atividades com o conto fantástico desenvolvidas nesta pesquisa, contribuem pedagogicamente para o entendimento do modo como o conto fantástico deve ser utilizado como alternativa para o incentivo ao trabalho com a leitura do texto literário na escola.

O estudo de sugestões de atividades com os gêneros textuais segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a sequência didática proposta em

DOLZ e SCHNEUWLY, permitiram o enriquecimento da qualidade de novas abordagens e metodologias sendo aplicadas conforme a adequação em cada ciclo do ensino fundamental, permitindo avanços em relação à recepção da obra literária que não está no livro didático, em sala de aula.

Foi importante, neste aspecto, a exposição dos contos que têm como suporte uma obra literária, durante visita à biblioteca, expondo ao 6º ano A da escola municipal Lenita de Sena Nachif, que não é somente o livro didático o transmissor dos conhecimentos acumulados pela humanidade.

Quanto aos gêneros textuais e sua colaboração com o letramento, fortificaram as bases da leitura, compreensão de textos e suas funções sociais, bem como à escrita, atendendo, no nosso entender, aos níveis de formalidade e informalidade, aos quais o indivíduo é exposto continuamente.

Todos esses instrumentos colaboraram para que pudéssemos exercer o papel de intermediador e facilitador do letramento literário, concedendo aos alunos a oportunidade de se tornarem mais críticos, solidários e proficientes na leitura e produção de textos que não sejam escritos para a escola, mas que sejam escritos na escola, em atendimento às demandas sociais.

Dessa perspectiva, com esta pesquisa foi possível fortalecer o conceito de que os contos fantásticos podem incentivar os alunos a se aproximarem da literatura, por conta do fascínio que o medo provoca em suas mentes, levando-os a uma miscelânea de sensações como a repulsa e a curiosidade.

Foi possível também fornecer contribuições para a utilização do conto fantástico em sala de aula, gerando discussões em torno dessa temática: o medo, sentimento experimentado no cotidiano dos alunos.

Vale ressaltar que as obras *O retrato oval* de Edgar Allan Poe e *As formigas* de Lygia Fagundes Telles constituem um relevante referencial da literatura fantástica e sendo apresentadas em sala de aula com uma diversidade de atividades em torno desse gênero, corroboraram com o aumento no repertório de escolhas literárias dos alunos e assim foi possível mostrar-lhes a grandeza de narrativas ficcionais produzidas no século passado e que hoje inspiram outras artes como é o caso do cinema e das mídias e novas tecnologias.

É importante ressaltar a interação que estas obras propiciaram entre os alunos no ambiente escolar e fora dele, bem como modo como interagiram com a produção textual de contos fantásticos dos colegas de classe, buscando modificá-las conforme as características aprendidas sobre o gênero textual em estudo.

Salientamos também o uso das tecnologias como ferramenta para as práticas de leitura nas aulas de língua portuguesa, uma vez que a destreza em comunicar-se em todos os níveis da sociedade, muda suas posturas sociais, culturais, políticas, linguísticas, e até mesmo psíquicas.

Ainda é importante destacar que foram perceptíveis os avanços quanto ao uso da tipologia narrativa, como no reconhecimento dos personagens da obra, se protagonistas, antagonistas ou secundários, quanto ao foco narrativo, se em primeira pessoa, com o personagem contando a história e participando dos fatos, ou sendo um narrador em terceira pessoa, que não participa dos fatos, apenas os narra.

Em relação à localização do espaço, lugar onde ocorrem as ações dos personagens, e do tempo na narração, se cronológico com sequência de fatos, ou psicológico, com cortes na narrativa para retornar ao passado e lembranças.

Cabe evidenciar também o domínio dos alunos em relação ao conto que surge das tradições orais ancestrais e que ganha vultosa percepção ao longo dos séculos XVIII e XIX, por conta da expansão da imprensa, e que por meio da aceitação do público, passa a ser um grande filão na formação de leitores.

As metodologias aplicadas neste estudo sobre o conto fantástico também permitirão aos professores o discernimento de que ler um conto em sala de aula não é apenas abrir um livro qualquer, ou mostrar várias figuras equivalentes à narração de fatos, mas sim instigar o aluno a ter curiosidade em se lançar em outros desafios de leitura e escrita.

Com as discussões e leituras realizadas com o 6º ano A, percebemos que o desequilíbrio causado pelo medo do personagem, pôde ser sentido pelo leitor, que passou a aceitar a hesitação como elemento fundamental para os fatos contados, buscando a resolução dos conflitos levantados na obra, com criatividade e criticidade.

Todos os elementos acima elencados em referência aos contos fantásticos constituem importantes informações a todos os docentes que poderão evidenciar nas práticas de leitura dos alunos, a identificação de elementos que caracterizam e distinguem os contos: maravilhoso, estranho e fantástico, utilizando conhecimentos prévios para estabelecer diferença entre esses gêneros textuais.

Uma vez que é inerente ao homem sentir medo, e que esse sentimento é imprescindível para a formação humana, pois delinea valores da sociedade, ajudando a escolher do que queremos nos aproximar e do que queremos nos distanciar,

foi fundamental, nesta pesquisa, a utilização dos contos fantásticos para despertar essas reflexões nos alunos.

Todos os aportes desta pesquisa confirmam o caráter libertário da literatura, aliado ao uso do gênero fantástico que colaboram para o letramento crítico e humanizado dos alunos, o que gera autonomia diante do texto e da vida, subsidiando possibilidades que estão para além da realidade ilusória da linguagem cotidiana, instigando-os ao questionamento e desenvolvimento da sua própria percepção do real.

Além de todos esses aspectos serviu como suporte para fortalecer o letramento literário na primeira série do segundo ciclo do ensino fundamental, contribuindo para a formação efetiva de leitores proficientes, na Escola Municipal Lenita de Sena Nachif, colaborando, assim, com o aumento dos índices de práticas de letramento literário no contexto escolar, municipal e, porque não, estadual e no país.

REFERÊNCIAS

- AYRES, Antônio Tadeu. **A prática pedagógica competente**: ampliando os saberes do professor. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Antônio Carvalho. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1959.
- BAKTHIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKTHIN, Mikail. **Os Gêneros do Discurso**. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2017.
- BATALHA, Maria Cristina. **O Fantástico Brasileiro**: contos esquecidos. Maria Cristina Batalha (org.). Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2011
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília: MEC, 1998.
- BERMEJO, Ernesto González. *Conversas com Cortázar*. Trad. Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- BETTLHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CALDAS, L. K; PEREIRA, L.F. *Jornal escolar na perspectiva da mediação dialética: uma proposta interdisciplinar*. Mosaico. São José do Rio Preto, v.4, n.1, p. 11-22, 2005.
- CANDIDO, Antonio. *O direito a literatura: O esquema de machado de Assis*. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul/Duas Cidades, 2006.
- CEIA, CARLOS. *Estranhamento (Ostraniene)*, **E-Dicionário de Termos Literários**, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <http://www.edtl.com.pt> consultado em 22-08-2016.
- COELHO, Nelly Novaes. *O Conto de Fadas*. São Paulo: Ática, 2000.
- COLELLO, S. M. G. & SILVA, N. "Letramento: do processo de exclusão social aos vícios da prática pedagógica" In **VIDETUR**, n. 21. Porto/Portugal: Mandruvá, 2003, pp. 21 – 34 (www.hottopos.com).
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- ECO, Umberto. **Obra aberta**. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas, trad. de Giovanni Cutolo, São Paulo: Perspectiva, 1988.
- FIORUSSI, André. In: Antônio de Alcântara Machado et alii. *De conto em conto*. São Paulo; Ática, 2003. p.103.
- FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.
- GONÇALVES FILHO, A. **Educação e Literatura**. 2000. Rio de Janeiro: DP&A.
- KLEIMAN, Angela. **Preciso "ensinar" o letramento?** Campinas: Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

- KUENZER, Acácia (Org.). **Ensino Médio**: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 3ª ed. Cortez, 2002.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2007.
- LIBÂNEO, J. C. Didática. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- MARCUSCHI, L. A. "Gêneros textuais: definição e funcionalidade" In DIONÍSIO, Â. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- Parafita, Alexandre. Contos de animais com manhas de gente. ÂMBAR, Porto, 2005.
- POE, Edgar Allan. The Oval Portrait. In: _____. **Poetry, tales, and selected essays**. **New York: The library of America**, 1996b, p.1373-1385. Trad. Marcelo Bueno de Paula. Disponível em: <http://www.bestiario.com.br/18_arquivos/poe.html>.
- REZENDE, Neide. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide; JOVER-FALEIROS, Rita (Org.). **Leitura de Literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 99 –112.
- SÃO PAULO, Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: Códigos e linguagens. São Paulo: SEE, 2010.
- SOARES, Magda. **Uma proposta para o letramento**. São Paulo: Moderna, 2002.
- SOARES, Magda Becker. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- SOLÉ, Isabel, Estratégias de Leitura. 6ª ed. Artmed, 1998.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- YUNES, Eliana. Pelo avesso: a leitura e o leitor. Letras, Curitiba. Editora da UFPR, 1995.

ANEXOS

O RETRATO OVAL (Edgar Allan Poe)

O castelo em que o meu criado se tinha empenhado em entrar pela força, de preferência a deixar-me passar a noite ao relento, gravemente ferido como estava, era um desses edifícios com um misto de soturnidade e de grandeza que durante tanto tempo se ergueram nos Apeninos, não menos na realidade do que na imaginação da senhora Radcliffe. Tudo dava a entender que tinha sido abandonado recentemente. Instalámo-nos num dos compartimentos mais pequenos e menos sumptuosamente mobilados, situado num remoto torreão do edifício. A decoração era rica, porém estragada e vetusta.

Das paredes pendiam colgaduras e diversos e multiformes troféus heráldicos, misturados com um desusado número de pinturas modernas, muito alegres, em molduras de ricos arabescos doirados. Por esses quadros que pendiam das paredes - não só nas suas superfícies principais como nos muitos recessos que a arquitetura bizarra tornara necessários - , por esses quadros, digo, senti despertar grande interesse, possivelmente por virtude do meu delírio incipiente; de modo que ordenei a Pedro que fechasse os maciços postigos do quarto, pois que já era noite; que acendesse os bicos de um alto candelabro que estava à cabeceira da minha cama e que corresse de par em par as cortinas franjadas de veludo preto que envolviam o leito. Quis que se fizesse tudo isto de modo a que me fosse possível, se não adormecesse, ter a alternativa de contemplar esses quadros e ler um pequeno volume que acháramos sobre a almofada e que os descrevia e criticava.

Por muito, muito tempo estive a ler, e solene e devotamente os contemplei. Rápidas e magníficas, as horas voavam, e a meia-noite chegou. A posição do candelabro desagradava-me, e estendendo a mão com dificuldade para não perturbar o meu criado que dormia, coloquei-o de modo a que a luz incidisse mais em cheio sobre o livro.

Mas o movimento produziu um efeito completamente inesperado. A luz das numerosas velas (pois eram muitas) incidia agora não recanto do quarto que até então estivera mergulhado em profunda obscuridade por uma das colunas da cama. E assim foi que pude ver, vivamente iluminado, um retrato que passava despercebido. Era o retrato de uma jovem que começava a ser mulher.

Olhei precipitadamente para a pintura e ato contínuo fechei os olhos. A princípio, eu próprio ignorava por que o fizera. Mas enquanto as minhas pálpebras

assim permaneceram fechadas, revi em espírito a razão por que as fechara. Foi um movimento impulsivo para ganhar tempo para pensar - para me certificar que a vista não me enganava -, para acalmar e dominar a minha fantasia e conseguir uma observação mais calma e objetiva. Em poucos momentos voltei a contemplar fixamente a pintura.

Que agora via certo, não podia nem queria duvidar, pois que a primeira incidência da luz das velas sobre a tela parecera dissipar a sonolenta letargia que se apoderara dos meus sentidos, colocando-me de novo na vida desperta.

O retrato, disse-o já, era de uma jovem. Apenas se representavam a cabeça e os ombros, pintados à maneira daquilo que tecnicamente se designa por vinheta - muito no estilo das cabeças favoritas de Sully. Os braços, o peito, e inclusivamente as pontas dos cabelos radiosos, diluíam-se imperceptivelmente na vaga mas profunda sombra que constituía o fundo. A moldura era oval, ricamente doirada e filigranada em arabescos. Como obra de arte, nada podia ser mais admirável que o retrato em si. Mas não pode ter sido nem a execução da obra nem a beleza imortal do rosto o que tão subitamente e com tal veemência me comoveu. Tampouco é possível que a minha fantasia, sacudida da sua meia sonolência, tenha tomado aquela cabeça pela de uma pessoa viva.

Compreendi imediatamente que as particularidades do desenho, do vinhedo e da moldura devem ter dissipado por completo uma tal ideia - devem ter evitado inclusivamente qualquer distração momentânea. Meditando profundamente nestes pontos, permaneci, talvez uma hora, meio deitado, meio reclinado, de olhar fito no retrato. Por fim, satisfeito por ter encontrado o verdadeiro segredo do seu efeito, deitei-me de costas na cama. Tinha encontrado o feitiço do quadro na sua expressão de absoluta semelhança com a vida, a qual, a princípio, me espantou e finalmente me subverteu e intimidou. Com profundo e reverente temor, voltei a colocar o candelabro na sua posição anterior. Posta assim fora da vista a causa da minha profunda agitação, esquadrinhei ansiosamente o livro que tratava daqueles quadros e das suas respectivas histórias. Procurando o número que designava o retrato oval, pude ler as vagas e singulares palavras que se seguem:

Era uma donzela de raríssima beleza e tão adorável quanto alegre. E maldita foi a hora em que viu, amou e casou com o pintor. Ele, apaixonado, estudioso, austero, tendo já na Arte a sua esposa. Ela, uma donzela de raríssima beleza e tão adorável quanto alegre, toda luz e sorrisos, e vivaz como uma jovem corça; amando e acarinhando a todas as coisas; apenas odiando a Arte que era a sua

rival; temendo apenas a paleta e os pincéis e outros enfadonhos instrumentos que a privavam da presença do seu amado.

Era, pois, coisa terrível para aquela senhora ouvir o pintor falar do seu desejo de retratar a sua jovem esposa. Mas ela era humilde e obediente e posou docilmente durante muitas semanas na sombria e alta câmara da torre, onde a luz apenas do alto incidia sobre a pálida tela. E o pintor apegou-se à sua obra que progredia hora após hora, dia após dia. E era um homem apaixonado, veemente e caprichoso, que se perdia em divagações, de modo que não via que a luz que tão sinistramente se derramava naquela torre solitária emurchecia a saúde e o ânimo da sua esposa, que se consumia aos olhos de todos menos aos dele.

E ela continuava a sorrir, sorria sempre, sem um queixume, porque via que o pintor (que gozava de grande nomeada) tirava do seu trabalho um fervoroso e ardente prazer e se empenhava dia e noite em pintá-la, a ela que tanto o amava e que dia a dia mais desalentada e mais fraca ia ficando.

E, verdade seja dita, aqueles que contemplaram o retrato falaram da sua semelhança com palavras ardentes, como de uma poderosa maravilha, - prova não só do talento do pintor como do seu profundo amor por aquela que tão maravilhosamente pintara. Mas por fim, à medida que o trabalho se aproximava da sua conclusão, ninguém mais foi autorizado na torre, porque o pintor enlouquecera com o ardor do seu trabalho e raramente desviava os olhos da tela, mesmo para contemplar o rosto da esposa. E não via que as tintas que espalhava na tela eram tiradas das faces daquela que posava junto a ele.

E quando haviam passado muitas semanas e pouco já restava por fazer, salvo uma pincelada na boca e um retoque nos olhos, o espírito da senhora vacilou como a chama de uma lanterna. Assente a pincelada e feito o retoque, por um momento o pintor ficou extasiado perante a obra que completara; mas em seguida, enquanto ainda a estava contemplando, começou a tremer e pôs-se muito pálido, e apavorado, gritando em voz alta 'Isto é na verdade a própria vida!', voltou-se de repente para contemplar a sua amada: - estava morta!

AS FORMIGAS

Quando minha prima e eu descemos do táxi já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a mala no chão e apertei o braço da prima.

— É sinistro. Ela me impeliu na direção da porta. Tínhamos outra escolha? Nenhuma pensão nas redondezas oferecia um preço melhor a duas pobres alunas, com liberdade de usar o fogareiro no quarto, a dona nos avisara por telefone que podíamos fazer refeições ligeiras com a condição de não provocar incêndio. Subimos a escada velhíssima, cheirando a creolina.

— Pelo menos não vi sinal de barata — disse minha prima. A dona era uma velha balofa, de peruca mais negra do que a asa da graúna. Vestia um desbotado pijama de seda japonesa e tinha as unhas aduncas recobertas por uma crosta de esmalte vermelho-escuro descascado nas pontas encardidas. Acendeu um charutinho.

— É você que estuda medicina? — perguntou soprando a fumaça na minha direção.

— Estudo direito. Medicina é ela. A mulher nos examinou com indiferença. Devia estar pensando em outra coisa quando soltou uma baforada tão densa que precisei desviar a cara. A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de vidrilho.

— Vou mostrar o quarto, fica no sótão — disse ela em meio a um acesso de tosse. Fez um sinal para que a seguíssemos. — O inquilino antes de vocês também estudava medicina, tinha um caixotinho de ossos que esqueceu aqui, estava sempre mexendo neles. Minha prima voltou-se:

— Um caixote de ossos? A mulher não respondeu, concentrada no esforço de subir a estreita escada de caracol que ia dar no quarto. Acendeu a luz. O quarto não podia ser menor, com o teto em declive tão acentuado que nesse trecho teríamos que entrar de gatinhas. Duas camas, dois armários e uma cadeira de palhinha pintada de dourado. No ângulo onde o teto quase se encontrava com o assoalho, estava um caixotinho coberto com um pedaço de plástico. Minha prima

largou a mala e pondo-se de joelhos puxou o caixotinho pela alça de corda. Levantou o plástico. Parecia fascinada.

— Mas que ossos tão miudinhos! São de criança?

— Ele disse que eram de adulto. De um anão.

— De um anão? É mesmo, a gente vê que já estão formados... Mas que maravilha, é raro à beça esqueleto de anão. E tão limpo, olha aí — admirou-se ela. Trouxe na ponta dos dedos um pequeno crânio de uma brancura de cal. — Tão perfeito, todos os dentinhos!

— Eu ia jogar tudo no lixo, mas se você se interessa pode ficar com ele. O banheiro é aqui ao lado, só vocês é que vão usar, tenho o meu lá embaixo. Banho quente, extra. Telefone, também. Café das sete às nove, deixo a mesa posta na cozinha com a garrafa térmica, fechem bem a garrafa — recomendou coçando a cabeça.

A peruca se deslocou ligeiramente. Soltou uma baforada final:

— Não deixem a porta aberta senão meu gato foge. Ficamos nos olhando e rindo enquanto ouvíamos o barulho dos seus chinelos de salto na escada. E a tosse encatarrada. Esvaziei a mala, dependurei a blusa amarrotada num cabide que enfiei num vão da veneziana, preendi na parede, com durex, uma gravura de Grassmann e sentei meu urso de pelúcia em cima do travesseiro. Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, desatarraxar a lâmpada fraquíssima que pendia de um fio solitário no meio do teto e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas que tirou da sacola. O quarto ficou mais alegre. Em compensação, agora a gente podia ver que a roupa de cama não era tão alva assim, alva era a pequena tibia que ela tirou de dentro do caixotinho. Examinou-a. Tirou uma vértebra e olhou pelo buraco tão reduzido como o aro de um anel. Guardou-as com a delicadeza com que se amontoam ovos numa caixa.

— Um anão. Raríssimo, entende? E acho que não falta nenhum ossinho, vou trazer as ligaduras, quero ver se no fim da semana começo a montar ele. Abrimos uma lata de sardinha que comemos com pão, minha prima tinha sempre alguma lata escondida, costumava estudar até a madrugada e depois fazia sua ceia. Quando acabou o pão, abriu um pacote de bolacha Maria.

— De onde vem esse cheiro? — Perguntei farejando. Fui até o caixotinho, voltei, cheirei o assoalho. — Você não está sentindo um cheiro meio ardido?

— É de bolor. A casa inteira cheira assim — ela disse. E puxou o caixotinho para debaixo da cama. No sonho, um anão louro de colete xadrez e cabelo repartido no meio entrou no quarto fumando charuto. Sentou-se na cama da minha

prima, cruzou as perninhas e ali ficou muito sério, vendo-a dormir. Eu quis gritar, tem um anão no quarto! Mas acordei antes. A luz estava acesa. Ajoelhada no chão, ainda vestida, minha prima olhava fixamente algum ponto do assoalho.

— Que é que você está fazendo aí? — Perguntei.

— Essas formigas. Apareceram de repente, já enturmadas. Tão decididas, está vendo? Levantei e dei com as formigas pequenas e ruivas que entravam em trilha espessa pela fresta debaixo da porta, atravessavam o quarto, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar. — São milhares, nunca vi tanta formiga assim. E não tem trilha de volta, só de ida — estranhei. — Só de ida. Conte-lhe meu pesadelo com o anão sentado em sua cama.

— Está debaixo dela — disse minha prima e puxou para fora o caixotinho. Levantou o plástico. — Preto de formiga! Me dá o vidro de álcool. — Deve ter sobrado alguma coisa aí nesses ossos e elas descobriram, formiga descobre tudo. Se eu fosse você, levava isso lá para fora.

— Mas os ossos estão completamente limpos, eu já disse. Não ficou nem um fiapo de cartilagem, limpíssimos. Queria saber o que essas bandidas vêm fuçar aqui. Respingou fartamente o álcool em todo o caixote. Em seguida, calçou os sapatos e, como uma equilibrista andando no fio de arame, foi pisando firme, um pé diante do outro na trilha de formigas. Foi e voltou duas vezes. Apagou o cigarro. Puxou a cadeira. E ficou olhando dentro do caixotinho.

— Esquisito. Muito esquisito.

— O quê?

— Me lembro que botei o crânio em cima da pilha, me lembro que até calcei ele com as omoplatas para não rolar. E agora ele está aí no chão do caixote, com uma omoplata de cada lado. Por acaso você mexeu aqui?

— Deus me livre, tenho nojo de osso! Ainda mais de anão.

Ela cobriu o caixotinho com o plástico, empurrou-o com o pé e levou o fogareiro para a mesa, era a hora do seu chá. No chão, a trilha de formigas mortas era agora uma fita escura que encolheu. Uma formiguinha que escapou da matança passou perto do meu pé, já ia esmagá-la quando vi que levava as mãos à cabeça, como uma pessoa desesperada. Deixei-a sumir numa fresta do assoalho.

Voltei a sonhar aflitivamente, mas dessa vez foi o antigo pesadelo com os exames, o professor fazendo uma pergunta atrás da outra e eu muda diante do único ponto que não tinha estudado. Às seis horas o despertador disparou veementemente. Travei a campainha. Minha prima dormia com a cabeça coberta.

No banheiro, olhei com atenção para as paredes, para o chão de cimento, à procura delas. Não vi nenhuma. Voltei pisando na ponta dos pés e então entreabri as folhas da veneziana.

O cheiro suspeito da noite tinha desaparecido. Olhei para o chão: desaparecera também a trilha do exército massacrado. Espiei debaixo da cama e não vi o menor movimento de formigas no caixotinho coberto. Quando cheguei por volta das sete da noite, minha prima já estava no quarto. Achei-a tão abatida que carreguei no sal da omelete, tinha a pressão baixa. Comemos num silêncio voraz. Então me lembrei.

— E as formigas?

— Até agora, nenhuma.

— Você varreu as mortas? Ela ficou me olhando.

— Não varri nada, estava exausta. Não foi você que varreu?

— Eu?! Quando acordei, não tinha nem sinal de formiga nesse chão, estava certa que antes de deitar você juntou tudo...

Mas então, quem?! - Ela apertou os olhos estrábicos, ficava estrábica quando se preocupava.

— Muito esquisito mesmo. Esquisitíssimo. Fui buscar o tablete de chocolate e perto da porta senti de novo o cheiro, mas seria bolor? Não me parecia um cheiro assim inocente, quis chamar a atenção da minha prima para esse aspecto, mas ela estava tão deprimida que achei melhor ficar quieta. Espargi água-de-colônia Flor de Maçã por todo o quarto (e se ele cheirasse como um pomar?) e fui deitar cedo.

Tive o segundo tipo de sonho, que competia nas repetições com o tal sonho da prova oral, nele eu marcava encontro com dois namorados ao mesmo tempo. E no mesmo lugar. Chegava o primeiro e minha aflição era levá-lo embora dali antes que chegasse o segundo. O segundo, desta vez, era o anão. Quando só restou o vazio de silêncio e sombra, a voz da minha prima me fisgou e me trouxe para a superfície. Abri os olhos com esforço. Ela estava sentada na beira da minha cama, de pijama e completamente estrábica.

— Elas voltaram.

— Quem?

— As formigas. Só atacam de noite, antes da madrugada. Estão todas aí de novo. A trilha da véspera, intensa, fechada, seguia o antigo percurso da porta até o caixotinho de ossos por onde subia na mesma formação até desformigar lá dentro. Sem caminho de volta.

— E os ossos? Ela se enrolou no cobertor, estava tremendo.

— Aí é que está o mistério. Aconteceu uma coisa, não entendo mais nada! Acordei para fazer pipi, devia ser umas três horas. Na volta, senti que no quarto tinha algo mais, está me entendendo? Olhei para o chão e vi a fila dura de formigas, você se lembra? Não tinha nenhuma quando chegamos. Fui ver o caixotinho, todas se trançando lá dentro, lógico, mas não foi isso o que quase me fez cair para trás, tem uma coisa mais grave: é que os ossos estão mesmo mudando de posição, eu já desconfiava, mas agora estou certa, pouco a pouco eles estão.... Estão se organizando.

— Como, se organizando? Ela ficou pensativa. Comecei a tremer de frio, peguei uma ponta do seu cobertor. Cobri meu urso com o lençol.

— Você lembra, o crânio entre as omoplatas, não deixei ele assim. Agora é a coluna vertebral que já está quase formada, uma vértebra atrás da outra, cada ossinho tomando o seu lugar, alguém do ramo está montando o esqueleto, mais um pouco e. Venha ver!

— Credo, não quero ver nada. Estão colando o anão, é isso? Ficamos olhando a trilha rapidíssima, tão apertada que nela não caberia sequer um grão de poeira. Pulei-a com o maior cuidado quando fui esquentar o chá. Uma formiguinha desgarrada (a mesma daquela noite?) Sacudia a cabeça entre as mãos. Comecei a rir e tanto que se o chão não estivesse ocupado, rolaria por ali de tanto rir. Dormimos juntas na minha cama.

Ela dormia ainda quando saí para a primeira aula. No chão, nem sombra de formiga, mortas e vivas desapareciam com a luz do dia. Voltei tarde essa noite, um colega tinha se casado e teve festa. Vim animada, com vontade de cantar, passei da conta. Só na escada é que me lembrei: o anão. Minha prima arrastara a mesa para a porta e estudava com o bule fumegando no fogareiro.

— Hoje não vou dormir, quero ficar de vigia — ela avisou.

O assoalho ainda estava limpo. Me abracei ao urso.

— Estou com medo. Ela foi buscar uma pílula para atenuar minha ressaca, me fez engolir a pílula com um gole de chá e ajudou a me despir.

— Fico vigiando, pode dormir sossegada. Por enquanto não apareceu nenhuma, não está na hora delas, é daqui a pouco que começa. Examinei com a lupa debaixo da porta, sabe que não consigo descobrir de onde brotam? Tombei na cama, acho que nem respondi. No topo da escada o anão me agarrou pelos pulsos e rodopiou comigo até o quarto, acorda, acorda! Demorei para reconhecer minha prima que me segurava pelos cotovelos. Estava viva. E vesga.

— Voltaram — ela disse. Apertei entre as mãos à cabeça dolorida.

— Estão aí? Ela falava num tom miúdo, como se uma formiguinha falasse com sua voz. — Acabei dormindo em cima da mesa, estava exausta. Quando acordei, a trilha já estava em plena movimentação.

Então fui ver o caixotinho, aconteceu o que eu esperava...

— O que foi? Fala depressa, o que foi?

Ela firmou o olhar oblíquo no caixotinho debaixo da cama.

— Estão mesmo montando ele. E rapidamente, entende? O esqueleto já está inteiro, só falta o fêmur. E os ossinhos da mão esquerda, fazem isso num instante. Vamos embora daqui.

— Você está falando sério?

— Vamos embora, já arrumei as malas. A mesa estava limpa e vazios os armários escancarados.

— Mas sair assim, de madrugada? Podemos sair assim? — Imediatamente, melhor não esperar que a bruxa acorde. Vamos, levanta!

— E para onde a gente vai?

— Não interessa, depois a gente vê. Vamos, vista isto, temos que sair antes que o anão fique pronto.

Olhei de longe a trilha: nunca elas me pareceram tão rápidas. Calcei os sapatos, descolei a gravura da parede, enfiei o urso no bolso da japonsa e fomos arrastando as malas pelas escadas, mais intenso o cheiro que vinha do quarto, deixamos a porta aberta. Foi o gato que miou comprido ou foi um grito? No céu, as últimas estrelas já empalideciam. Quando encarei a casa, só a janela vazada nos via, o outro olho era penumbra.

1. Quais são os elementos de narrativa que compõem o conto:

* Narrador:

* Personagens:

* Tempo:

* Espaço:

2. Quais trechos do conto fantástico podem confirmar que houve hesitação das personagens diante do sobrenatural?

ANEXO 3: Atividade sobre os elementos da tipologia narrativa

Escola Municipal Professora Lenita de Sena Nachif

Aluno(a): _____ 6º Ano : _____ Matutino

Professora Mestranda pela UEMS: Fernanda Dioly

Professor Doutor Orientador: Fábio Dobashi Furuzato

Língua Portuguesa

O conto fantástico e suas colaborações para o Letramento

1) Enumere os elementos da narrativa conforme suas adequadas definições aprendidas:

- (1) Narrador
- (2) Personagem
- (3) Tempo da narrativa
- (4) Espaço da narrativa
- (5) Enredo

() Retrata a duração em que se dá a ação, podendo este ser cronológico, ou seja, demarcado pelos dias, meses, anos, séculos, horas, minutos, segundos. E o psicológico – relativo à duração interior dos acontecimentos, vivenciado pelas lembranças e pelos sentimentos das personagens.

() Estrutura narrativa, isto é, o desenrolar dos acontecimentos, podendo ser dividido em: exposição, complicação, clímax e desfecho.

() Aquele que conta a história, podendo participar ou somente observar e relatar os fatos que ocorrem na história.

() Revela o ambiente onde se movem as personagens, podendo ser ao ar livre, numa choupana, numa bela praia, enfim, entre tantos outros lugares.

() Ser que pratica as ações narradas, compõe o quadro dos participantes da história contada.

2) Pesquise no dicionário os seguintes vocábulos referentes ao texto: (0,5)

* Sobrenatural: _____

* Conto: _____

* Fantástico: _____

3) Qual outro título você consideraria conveniente para o conto fantástico O retrato oval?

R: _____

4) Quem são os personagens que participam do conto fantástico O retrato oval?

R: _____

5) Você escolheria outro personagem para ser o principal atuante do conto fantástico O retrato oval? Por que?

R: _____

6) Quanto ao enredo, se você fosse o novo autor do conto fantástico O retrato oval, e tivesse a oportunidade de acrescentar à história mais dois fatos, quais você acrescentaria, de modo a empreender maior efeito sobrenatural?

R: _____

7) O espaço deste conto fantástico poderia ser mudado para qual outro plano para que houvesse maior sensação de medo na história?

R: _____

8) O tempo da narrativa O retrato oval, é cronológico, ou seja, as ações seguem a ordem um passado remoto para um passado recente, mas qual fato do tempo psicológico (lembrança) no castelo, acrescenta ao conto o efeito sobrenatural?

- a) O fato da decoração do castelo ser muito antiga.
- b) O fato do criado Pedro estar muito ferido.
- c) O fato do quadro da esposa do pintor parecer a imagem de uma pessoa viva.
- d) O fato do quadro da esposa do pintor parecer a imagem de uma pessoa morta.

9) Quem conta a história é um narrador em 3ª pessoa, ou seja, ele somente conta os fatos sem participar da história. Se você fosse escolher um narrador em 1ª pessoa, ou seja, um narrador que contasse os fatos e ao mesmo tempo participasse da história, quem você escolheria no conto fantástico O retrato oval?

R: _____

10) Qual outro personagem você inventaria para dar maior sensação de sobrenaturalidade ao conto fantástico O retrato oval?

R: _____

11) Em sua opinião, por que você acredita que seres ou coisas sobrenaturais apavoram tanto os seres humanos, como no conto O retrato Oval?

R: _____

12) Ao invés do retrato e do pequeno diário que estava sobre o travesseiro do quarto da torre, qual outro objeto você colocaria no quarto para que a existência da esposa do pintor ficasse mais evidente no conto fantástico lido?

R:

13) O principal fato, que dá a sensação do sobrenatural ao cavaleiro e seu criado no conto fantástico lido é:

- a) O diário do pintor que explicava cada quadro do castelo repousado sobre o travesseiro no quarto do casal.
- b) A casa de uma decoração tão rica, estar com um cheiro desagradável e coberta de sujeira e lodo.
- c) O castelo ser um ambiente escuro e o cavaleiro estar muito ferido naquele ambiente tão escuro.
- d) A pintura do quadro ser tão perfeita ao ponto de dar a impressão de olhar a esposa do pintor ainda viva.

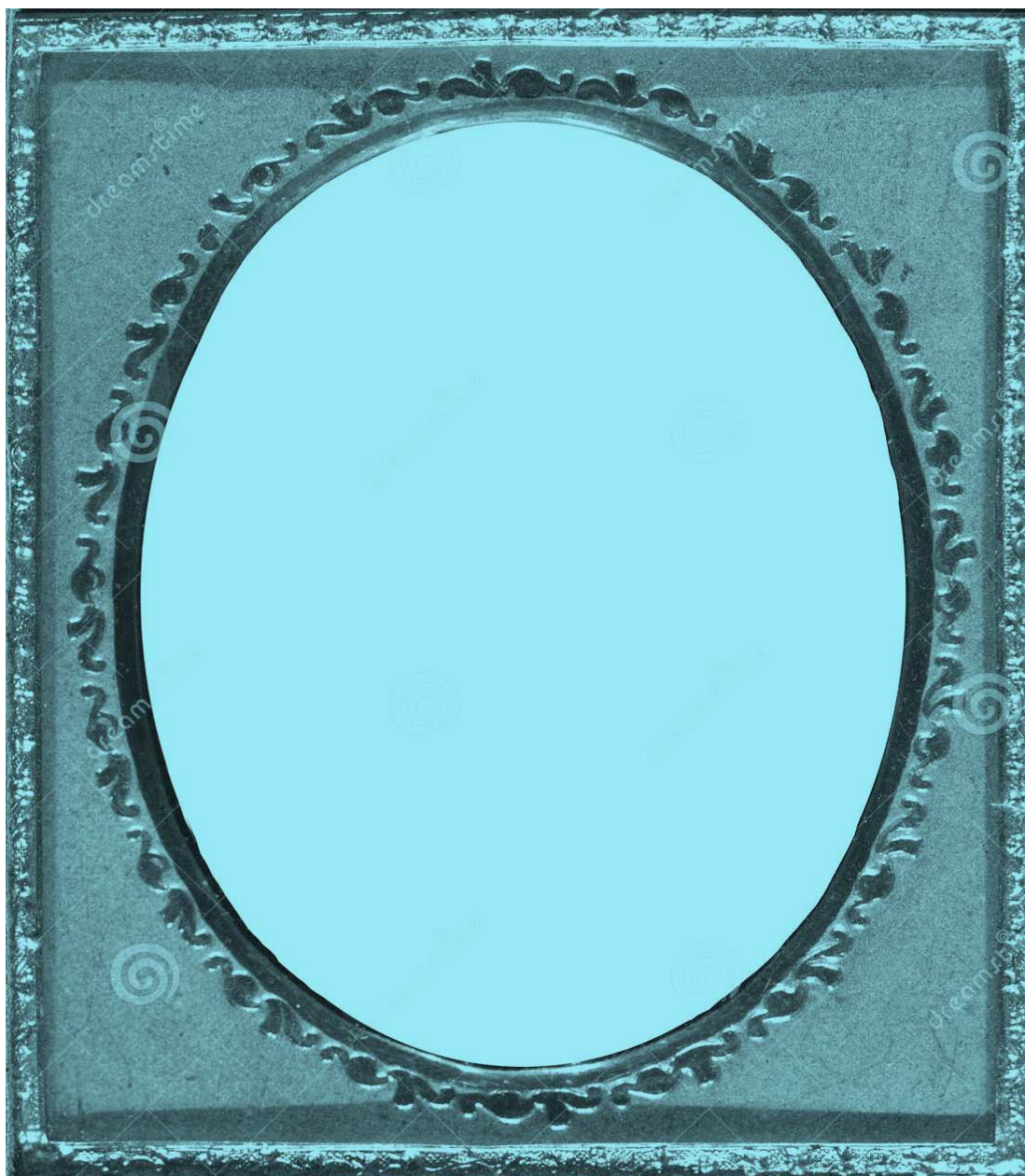
ANEXO 4: Atividade sobre o conto fantástico O retrato oval

Escola Municipal Professora Lenita de Sena Nachif – Campo Grande (MS)
Língua Portuguesa Professora: Fernanda

Estudo do conto fantástico

Aluno: _____ 6º Ano A Matutino Data: 04.08.2016
Professor Doutor Orientador: Fábio Dobashi Furuzato
Coorientadora: Profª Dr.ª Maria Leda Pinto

1. Após a leitura do conto fantástico O retrato oval, escreva qual acontecimento no texto lhe causou mais medo durante a leitura realizada em sala de aula:



**Escola Municipal Professora Lenita de Sena
Nachif**
Professora: Fernanda Dias de Oliveira

- ▶ Coube observar quais gêneros literários são protagonistas do incentivo à literacia neste período da aprendizagem estudantil na escola, sendo o conto fantástico, elencando para as práticas de leitura e produção literária no 6º ano A do ensino fundamental na escola Municipal Lenita de Sena Nachif.
- ▶ A evidência dos textos literários sugeridos pelos PCNs para esta etapa do ensino fundamental terem como traço comum que todos pertencem à tipologia textual narrativa, trouxe à tona a necessidade de entendimento das tipologias textuais.

- ▶ O narrar, é uma das intenções comunicativas mais antigas da qual temos contato em relação a civilização e faz parte de uma classificação atual com cinco tipos de texto: narração, descrição, dissertação, injunção e exposição.
- ▶ A narração constitui-se por uma sequência de acontecimentos, de ações reais ou imaginárias, que ocorreram em determinado tempo e espaço com determinados personagens que protagonizam as cenas e um narrador que conta os fatos, de modo onisciente ou participativo, nos eventos.

- ▶ O tipo narrativo apresenta predominância dos verbos no pretérito do modo indicativo pois tal tempo verbal nos remete à ideia de acontecimentos realizados em determinado momento e local.
- ▶ A descrição é uma tipologia responsável pelo apontamento de características de indivíduos, animais, objetos, como se revelasse uma fotografia de um ambiente da narrativa, algo estático, sem sequência de acontecimentos, e os verbos predominantes pertencem aos tempos presente e pretérito imperfeito do modo indicativo, que indicam estado de personagens.

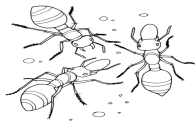
1. Agora copie e cole da internet, nesta página, imagens que exemplifiquem os contos maravilhoso (de fadas), estranho (policia e de mistério) e contos fantásticos (dúvida diante do sobrenatural), explicados:

- ▶ Conto maravilhoso:
- ▶ Conto de estranho:
- ▶ Conto fantástico:

- ▶ A injunção faz apontamentos de como realizar determinada ação, explicando o como fazer. São exemplos desta tipologia, os manuais, as receitas culinárias, conselhos humanos.
- ▶ A tipologia expositiva é um discurso que busca expor e transmitir ao receptor informações acerca de determinado fato, objeto, pessoa, etc.

ANEXO 7: Atividade de desenho livre sobre a expressão do medo

Escola Municipal Professora Lenita de Sena Nachif
Aluno(a): _____ 6º Ano : _____ Matutino
Professora Mestranda pela UEMS: Fernanda Dioly
Professor Doutor Orientador: Fábio Dobashi Furuzato
Coorientadora: Profª Dr.ª Maria Leda Pinto



Língua Portuguesa

O conto fantástico e suas colaborações para o Letramento literário

Faça um desenho que retrate o momento em que você sentiu mais medo durante a leitura do conto fantástico *As formigas*:

A large, empty rectangular box with a thin black border, intended for the student to draw a scene from the story 'As formigas' that evoked fear.

ANEXO 8: Resultado final dos textos produzidos pelos alunos do 6º ano A referentes aos estudos dos contos fantásticos na escola Lenita de Sena Nachif

Escola Municipal Professora Lenita de Sena Nachif

Aluno(a): _____ 6º Ano : _____ Matutino

Professora Mestranda pela UEMS: Fernanda Dioly

Professor Doutor Orientador: Fábio Dobashi Furuzato

Coorientadora: Profª Dr.ª Maria Leda Pinto

Língua Portuguesa

Contos produzidos pelos alunos do 6º ano A em PowerPoint, gravados em VCDs e entregues aos alunos da pré-escola.



Uma joia de família

Foi durante a festa de noivado, naquela noite em sua casa, que Alice ganhou aquele anel tão bonito da vizinha. Agradeceu muito pelo presente, e muitos convidados que viram a moça abrir a caixinha de veludo vermelho, acharam um exagero o presente, porque aquela joia deveria valer um honor de caro.

Depois da festa, Alice e o noivo ficaram observando a joia sentados no sofá da sala de estar dos pais da moça, admirados com o brilho e os detalhes em diamante que aquele anel de ouro branco tinha e o modo como brilhava no dedo da nova dona.

Retirando o anel para observá-lo melhor, Alice percebeu que dentro dele haviam escrito as letras M.J. Durben e o ano de 1929.

Então ela e o noivo começaram a comentar com curiosidade as iniciais e a data que estavam gravadas na parte interna do anel.

_ Tenho certeza que é o nome de uma mulher. – comentou Paulo, o noivo.

_ Também acho que sim, e pelos detalhes do anel, essas pedras que parecem de rubi, esmeralda e diamantes, não me deixam dúvidas de que eram muito ricos! – Disse Alice admirando a joia de ouro branco.

_ Gostaria de saber por qual motivo a vizinha que mal lhe conheceu, há menos de um ano, já te presenteou com um anel tão valioso. Não tem muito sentido o que ela fez!

_ Não me importo com isso, Paulo. O que importa é que ela deve gostar muito de mim e por isso me deu este anel tão bonito.

_ Tudo bem Alice; não vai adiantar e nem temos motivos para ficar discutindo por causa de uma atitude tão legal como foi a da vizinha, de ter lhe presenteado com algo tão precioso.



Não os noivos se beijaram e Paulo colocou o anel que brilhavam encantadoramente, de novo no dedo anelar de Alice.

A mãe de Alice surgiu na escadaria da casa e brincou com o novo da filha.

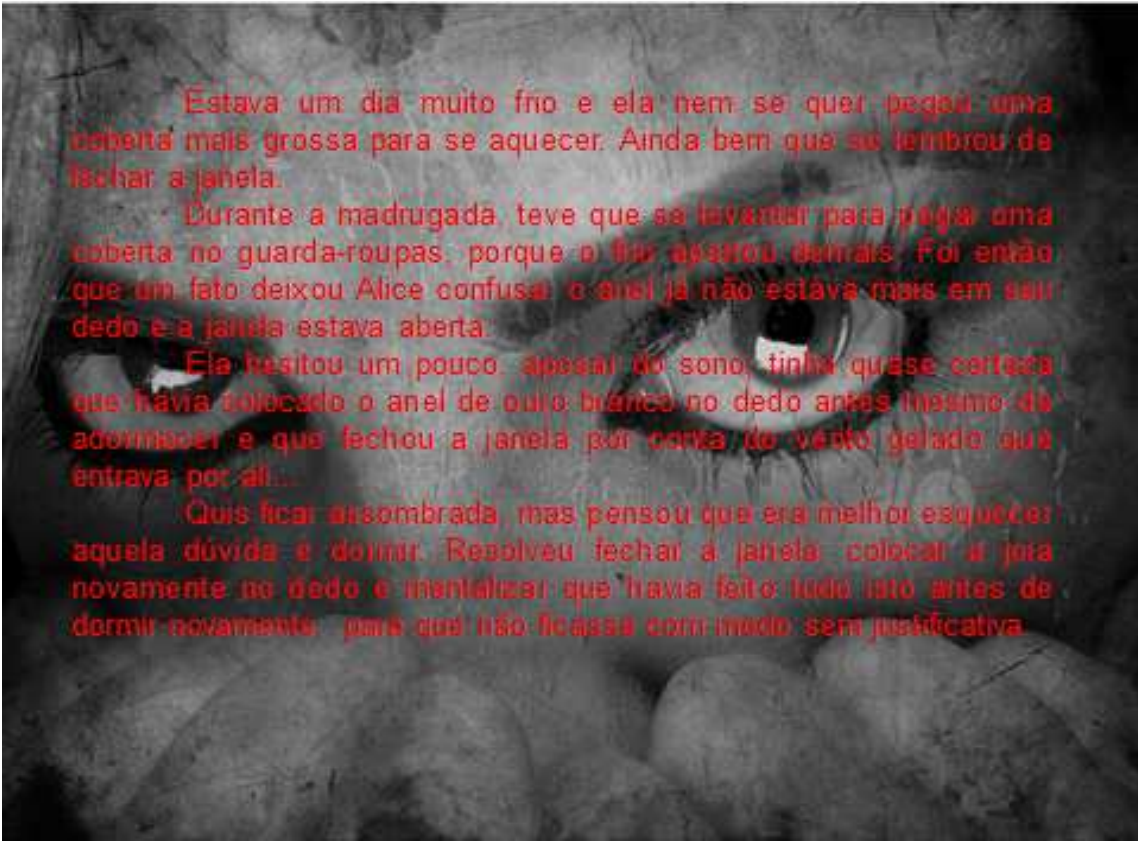
— Agora que a festa acabou, está na hora dos convidados irem embora, para que a noiva possa descansar!

Todos riram e Paulo aproveitou o momento de humor para se despedir.

— Eu já estou de saída mesmo, também estou cansado, foi uma festa muito legal. Vou para a casa dormir um pouco, meus pais já me ligaram duas vezes. Uma boa noite para vocês duas!

Assim que o noivo despediu-se de mãe e filha no portão de casa, as duas foram para seus quartos dormir.

Alice sentou na cama e ficou olhando a beleza do anel outra vez, pensando se dormiria com ele ou não. Naquele dilema ela adormeceu.

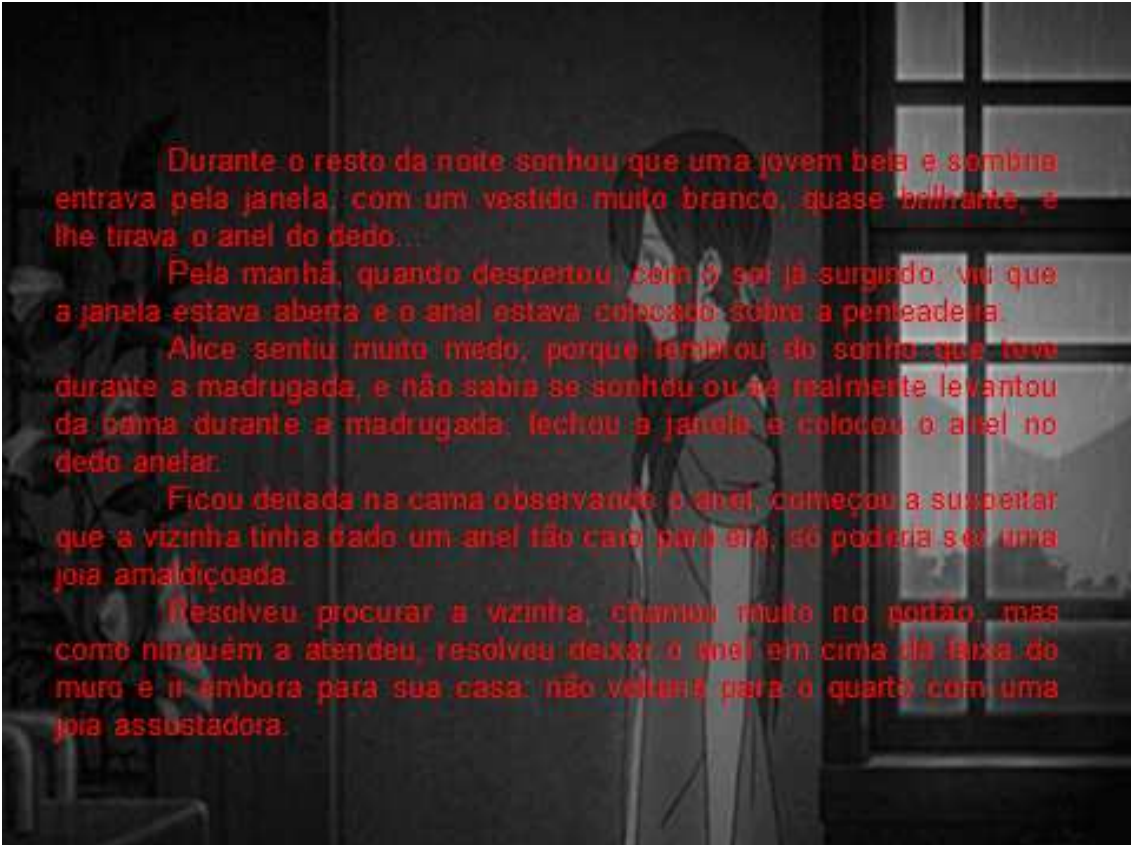


Estava um dia muito frio e ela nem se quer pegou uma coberta mais grossa para se aquecer. Ainda bem que se lembrou de fechar a janela.

Durante a madrugada, teve que se levantar para pegar uma coberta no guarda-roupas, porque o frio apertou demais. Foi então que um fato deixou Alice confusa: o anel já não estava mais em seu dedo e a janela estava aberta.

Ela hesitou um pouco, apesar do sono, tinha quase certeza que havia colocado o anel de ouro branco no dedo antes mesmo de adormecer e que fechou a janela por conta do vento gelado que entrava por ali...

Quis ficar assombrada, mas pensou que era melhor esquecer aquela dúvida e dormir. Resolveu fechar a janela, colocar a joia novamente no dedo e mentalizar que havia feito tudo isto antes de dormir novamente, para que não ficasse com medo sem justificativa.



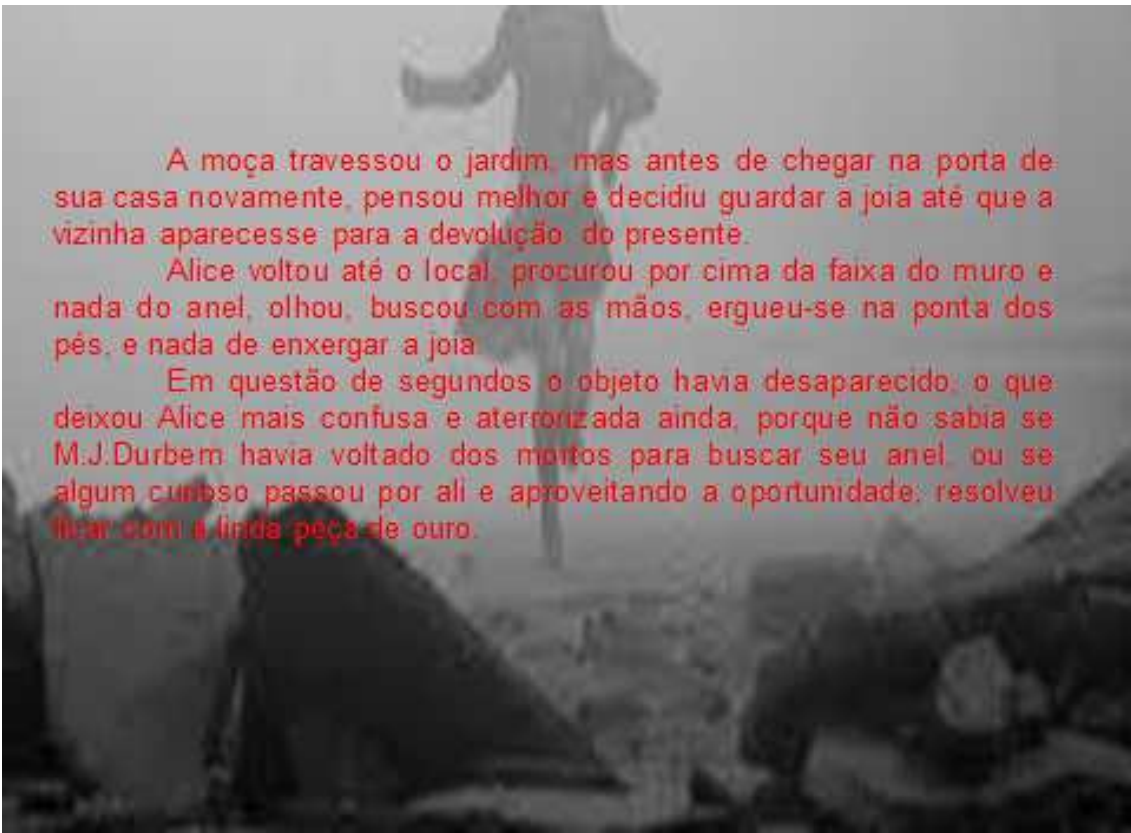
Durante o resto da noite sonhou que uma jovem bela e sombria entrava pela janela, com um vestido muito branco, quase brilhante, e lhe tirava o anel do dedo.

Pela manhã, quando despertou, com o sol já surgindo, viu que a janela estava aberta e o anel estava colocado sobre a penteadeira.

Alice sentiu muito medo, porque lembrou do sonho que teve durante a madrugada, e não sabia se sonhou ou se realmente levantou da cama durante a madrugada; fechou a janela e colocou o anel no dedo anelar.

Ficou deitada na cama observando o anel, começou a suspeitar que a vizinha tinha dado um anel tão caro para ela, só poderia ser uma joia amaldiçoada.

Resolveu procurar a vizinha, chamou muito no portão, mas como ninguém a atendeu, resolveu deixar o anel em cima da faixa do muro e ir embora para sua casa; não voltou para o quarto com uma joia assustadora.



A moça travessou o jardim, mas antes de chegar na porta de sua casa novamente, pensou melhor e decidiu guardar a joia até que a vizinha aparecesse para a devolução do presente.

Alice voltou até o local, procurou por cima da faixa do muro e nada do anel, olhou, buscou com as mãos, ergueu-se na ponta dos pés; e nada de enxergar a joia.

Em questão de segundos o objeto havia desaparecido; o que deixou Alice mais confusa e aterrorizada ainda, porque não sabia se M.J.Durbem havia voltado dos mortos para buscar seu anel, ou se algum cambuso passou por ali e aproveitando a oportunidade, resolveu ficar com a linda peça de ouro.



Escola Municipal Leônidas Sena Nachif

Professora: Fernanda Dias de Oliveira

Componente Curricular: Língua Portuguesa

Trabalho produzido para o Mestrado Profissional em Letras

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Professor Orientador: Prof. Dr. Fábio Dobachi Furuzato

Professora Co-orientadora: Prof.ª Maria Leda Pinto

Produção de contos fantásticos - 1º ano A matutino/2006

No porão

Alunos: Gabriel, Kaik, Alexian, Daniel, Robert, Matheus Henrique, João Victor, Matheus Lopes.



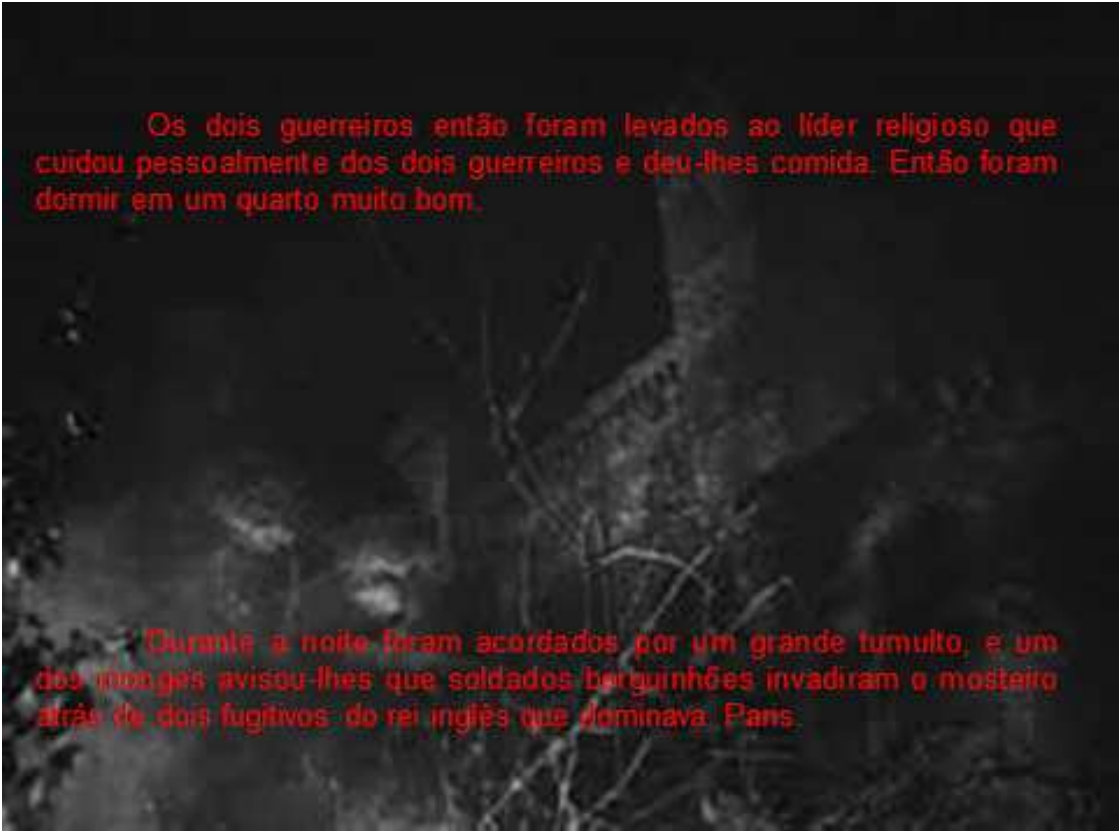
No porão

Ao longe Robert e Ronald avistaram um mosteiro muito grande no meio da floresta. Estavam em meio à guerra dos cem anos, fugindo da batalha que acabaram de presenciar em Paris, e que teve como fim o furo de uma flecha de Joana D'arc.

A guerreira foi presa, mas os dois conseguiram escapar dos soldados do rei inglês Henrique III e agora, embora que Robert estivesse ferido na perna por uma flecha, caminhavam em meio ao breu da floresta noturna, despistando os cavaleiros inimigos do exército burgunhão.

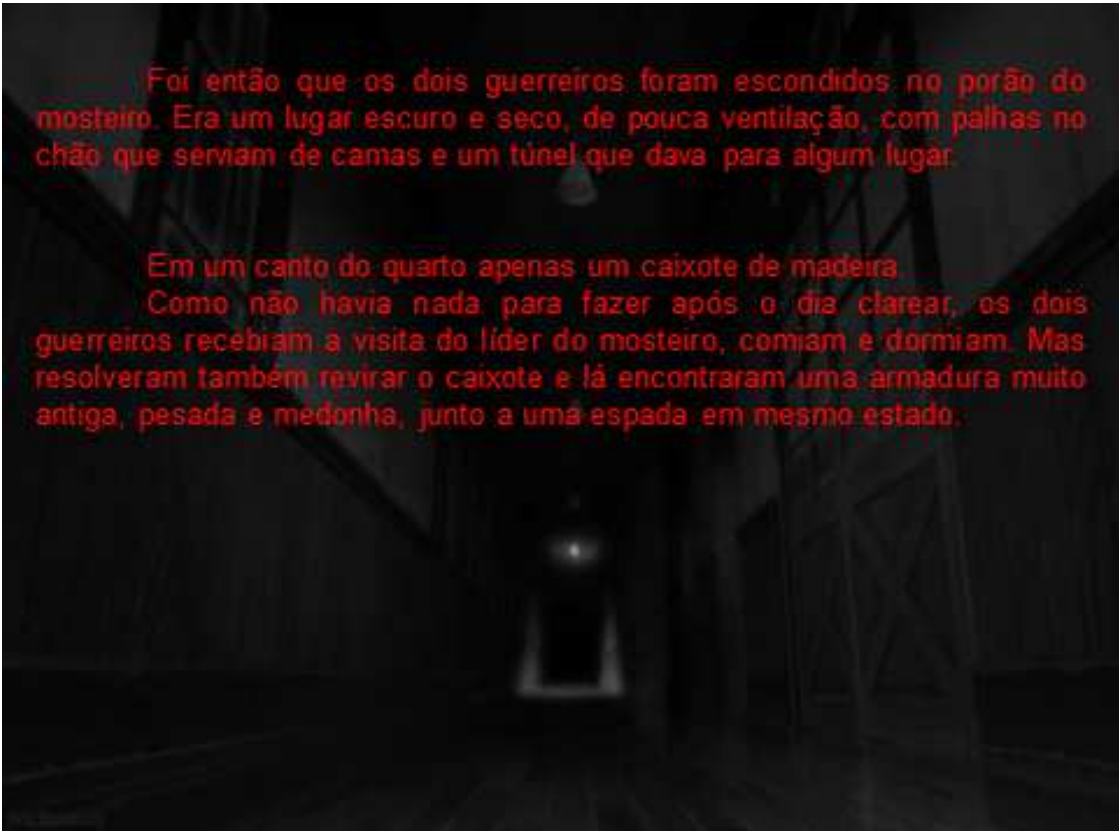
Logo na entrada do mosteiro, avistaram uma bandeira da ordem dos templários, o que os deixou muito animados, pois sabiam que a igreja católica apenas acolhia os feridos, sem julgamento ou perseguição.

Dois parcos surpreenderam os guerreiros com espadas nas mãos, mas eles caíram ajoelhados dizendo que serviam na escolta de Joana D'arc, o que fez com que fossem recolhidos na hora.



Os dois guerreiros então foram levados ao líder religioso que cuidou pessoalmente dos dois guerreiros e deu-lhes comida. Então foram dormir em um quarto muito bom.

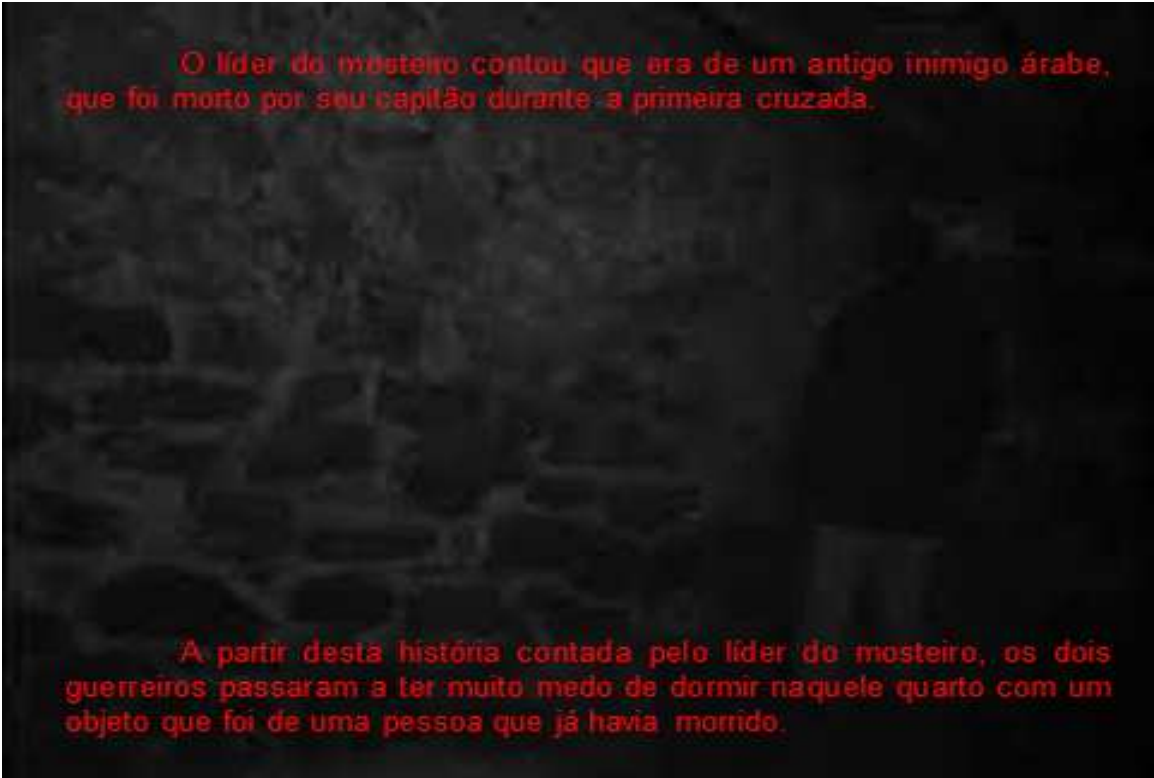
Durante a noite foram acordados por um grande tumulto, e um dos monges avisou-lhes que soldados berquinhões invadiram o mosteiro atrás de dois fugitivos do rei inglês que dominava Paris.



Foi então que os dois guerreiros foram escondidos no porão do mosteiro. Era um lugar escuro e seco, de pouca ventilação, com palhas no chão que serviam de camas e um túnel que dava para algum lugar.

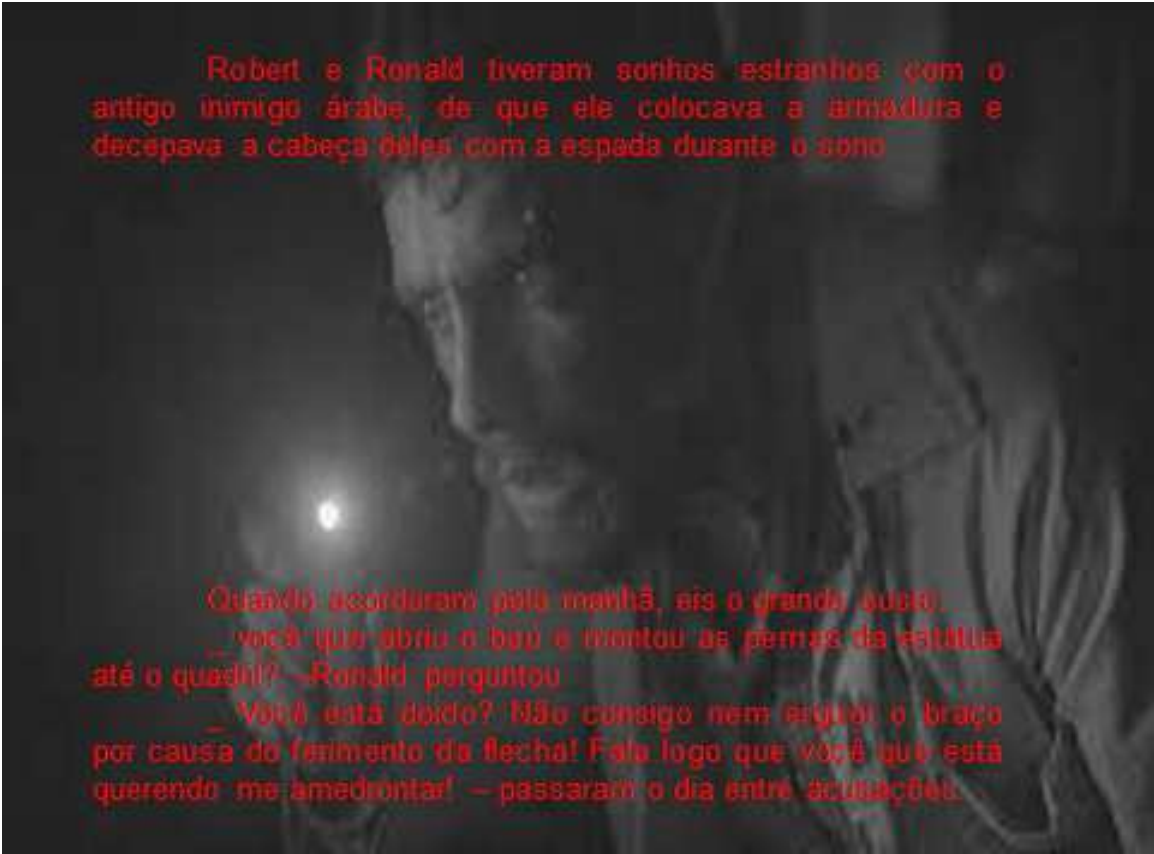
Em um canto do quarto apenas um caixote de madeira

Como não havia nada para fazer após o dia clarear, os dois guerreiros recebiam a visita do líder do mosteiro, comiam e dormiam. Mas resolveram também revirar o caixote e lá encontraram uma armadura muito antiga, pesada e medonha, junto a uma espada em mesmo estado.



O líder do mosteiro contou que era de um antigo inimigo árabe, que foi morto por seu capitão durante a primeira cruzada.

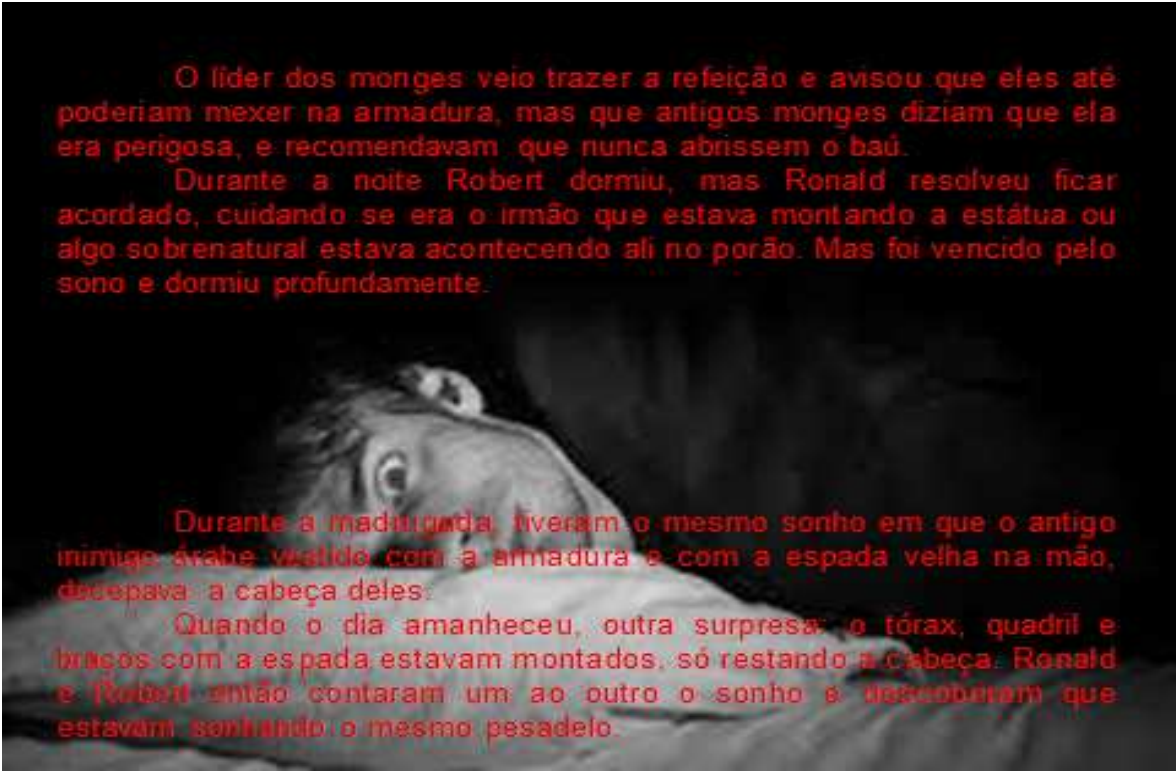
A partir desta história contada pelo líder do mosteiro, os dois guerreiros passaram a ter muito medo de dormir naquele quarto com um objeto que foi de uma pessoa que já havia morrido.



Robert e Ronald tiveram sonhos estranhos com o antigo inimigo árabe, de que ele colocava a armadura e decepava a cabeça deles com a espada durante o sono.

Quando acordaram pela manhã, eis o grande objeto:
_ Você que abriu o baú e tirou as pernas da estátua até o quadril? – Ronald perguntou.

_ Você está doido? Não consigo nem mover o braço por causa do ferimento da flecha! Fala logo que você que está querendo me amedrontar! – passaram o dia entre acusações.



O líder dos monges veio trazer a refeição e avisou que eles até poderiam mexer na armadura, mas que antigos monges diziam que ela era perigosa, e recomendavam que nunca abrissem o baú.

Durante a noite Robert dormiu, mas Ronald resolveu ficar acordado, cuidando se era o irmão que estava montando a estátua ou algo sobrenatural estava acontecendo ali no porão. Mas foi vencido pelo sono e dormiu profundamente.

Durante a madrugada, tiveram o mesmo sonho em que o antigo inimigo árabe vestido com a armadura e com a espada velha na mão, decepava a cabeça deles.

Quando o dia amanheceu, outra surpresa: o tórax, quadril e braços com a espada estavam montados, só restando a cabeça. Ronald e Robert então contaram um ao outro o sonho e descobriram que estavam sonhando o mesmo pesadelo.



— Mas será que isso não passa de uma brincadeira sua Ronald? — disse Robert desconfiado.

— Você que está querendo me assustar, não é mesmo, Robert? — respondeu o guerreiro recioso.

Apesar de desconfiar que um poderia estar enganando o outro, ambos sentiam muito medo porque poderiam estar diante de um fantasma com sede de vingança e eles sofreriam muitas consequências ruins. Ronald e Robert não conseguiram dormir. Nenhum dos dois admitia, mas sentiam medo de dormir e a estátua que a se formou da armadura, temer de ser montada e cortar a cabeça dos dois.

— Eu acho que devemos ir embora esta noite. — disse Robert cauteloso.

— Por que? — Perguntou Ronald admirado, mas também amedrontado.

— A estátua está quase montada, essa noite, pressinto que a cabeça estará no lugar, então o nosso pesadelo poderá se tornar realidade. — respondeu Robert.

— Nossa! Que imaginação!

_ pode ser realidade o que eu estou falando e nós iremos pagar com nossas vidas.

Os dois guerreiros ficaram em silêncio por um bom tempo.

_ Acho melhor irmos embora mesmo! – concordou Ronald

_ Mas lá fora podemos ser pegos. – Robert disse e levantou, olhando a luz que vinha do final do túnel.

_ Aqui, se o que presenciamos não for alucinação de nossas mentes, poderemos acabar nossos dias de amanhecer o dia. – Ronald falou e entrou no túnel – lá fora acredito que os soldados borguinhões já estejam bem distantes.

O túnel era estreito, de forma que ao entrar tinham que caminhar de cabeça baixa, e assim foram, mas sentindo como que uma terceira pessoa estivesse ali, caminhando atrás deles. Como não conseguiam olhar para trás por causa do caminho estreito, o pânico e o medo só aumentavam à medida que os passos pareciam acompanhá-los, foi então que chegando ao final, trancaram o pequeno portal de vidro pelo lado de fora e saíram correndo pela floresta com a impressão de que alguém sondava os dois de lá do túnel.



Escola Municipal Lenita de Sena Nachif
Professora: Fernanda Dias de Oliveira
Componente Curricular: Língua Portuguesa
Trabalho produzido para o Mestrado Profissional em Letras
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Professor Orientador: Prof. Dr. Fábio Dobachi Furtizato
Professora Co-orientadora: Prof.ª Maria Leda Pinto
Produção de contos fantásticos - 6º ano A matutino/2006

A fuga pela floresta

Alunos: Graziany, Maria Eduarda, Lorena, Manuelly, Leticia e Raissa.



A fuga pela floresta

Quando éramos crianças, grande parte de minha família estava na casa de meus avós, em um sítio, perto de uma floresta. Nossos avós falavam que a floresta era mal-assombrada, mas não acreditávamos até porque eles contavam muitas histórias para nós. Até um episódio acontecer...

Em uma noite de sábado estava acontecendo uma festa em comemoração ao aniversário de minha vó Elizabeth, ela estava comemorando setenta e cinco anos, e era noite de halloween.

Minha família não dava importância para isso, e nós, as crianças, fomos brincar no jardim, foi então que barulhos estranhos começaram a surgir na floresta, que não era muita longe de onde estávamos.

Eu, Alice, Thomas, Melissa e Nicolas ficamos curiosos e fomos ver o que estava acontecendo. Alice já estava com medo, e não queria ir, mas a convencemos.



Então começamos a seguir a trilha de pagodas que havia, mas logo percebemos que estávamos perdidos. Alice ficou completamente desesperada, estávamos todos com medo, porém Alice estava atemorizada.

— O que vamos fazer? — Disse Thomas.

— Estamos perdidos! — Grito! Melissa já desesperada.

Nós nos entreolhamos desconfiados, afinal estávamos perdidos e com medo, poderíamos nos perder mais ainda, porém resolvemos seguir a pequena trilha da floresta.

Andamos por horas e uma sensação de que estávamos sendo seguidos tomou o grupo. Olhávamos para trás o tempo todo e nada víamos, mas parecia que ouvíamos os sons de passos atrás de nós, e nesta altura da viagem, já não conseguíamos definir se era a angústia que provocava aquela hesitação em nós, ou se realmente a floresta era assombrada.

Sentamos em pedras próximas a um riacho, já que estávamos extremamente cansados.



De repente, um barulho de vento forte que mais parecia trazer uma multidão de vozes invadiu o lugar, sem olhar para trás, levantamos e saímos correndo desesperadamente.

Melissa tropeçou, caiu e começou a chorar. Não sabíamos o que iríamos fazer, mas ajudamos a amiga a se levantar e continuamos correndo juntos seguindo o fluxo do riacho. Precisávamos sair daquele lugar medonho e arrepiante.

Sem perceber, por conta da corrida desesperada, voltamos à entrada da floresta de onde havíamos nos perdido. Continuamos correndo para a casa de nossos avós.

Todo o grupo chorava de felicidade por estar seguro novamente.

Sentamos na varanda por um tempo, ofegantes, todos com os olhos arregalados de medo, secando as lágrimas, mas resolvemos não contar nada aos nossos pais, porque não tínhamos certeza se fomos realmente seguidos por algo sobrenatural, ou se tudo não passou de fantasia de nossa imaginação amedrontada.

Escola Municipal Lenita de Sena Machado

Professora: Fernanda Dias de Oliveira

Componente Curricular: Língua Portuguesa

Trabalho produzido para o Mestrado Profissional em Letras

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

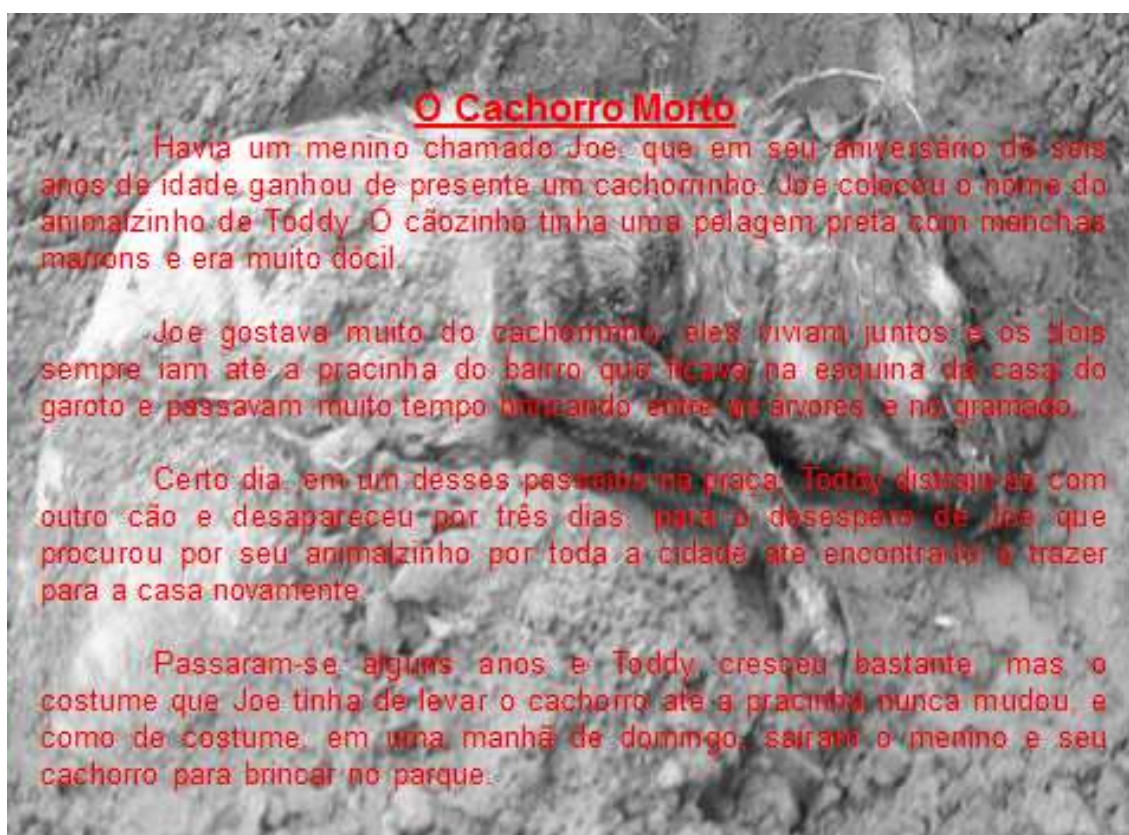
Professor Orientador: Prof. Dr. Fábio Dobachi Furuzato

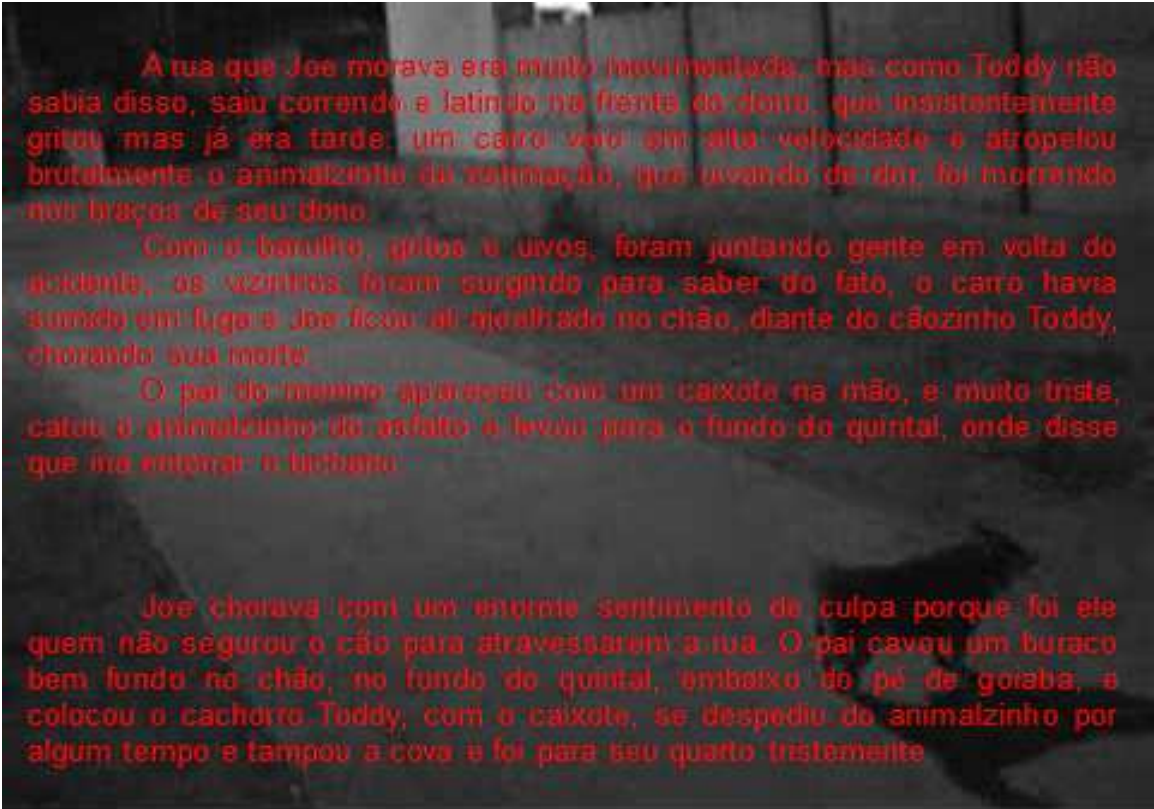
Professora Co-orientadora: Prof.ª Maria Leda Pinto

Produção de contos fantásticos - 6º ano A matutino/2006

O Cachorro Morto

Alunos: Eliel, Eduardo, Gabriel Velasques, Deborah, Alcindo Junior e Luanne



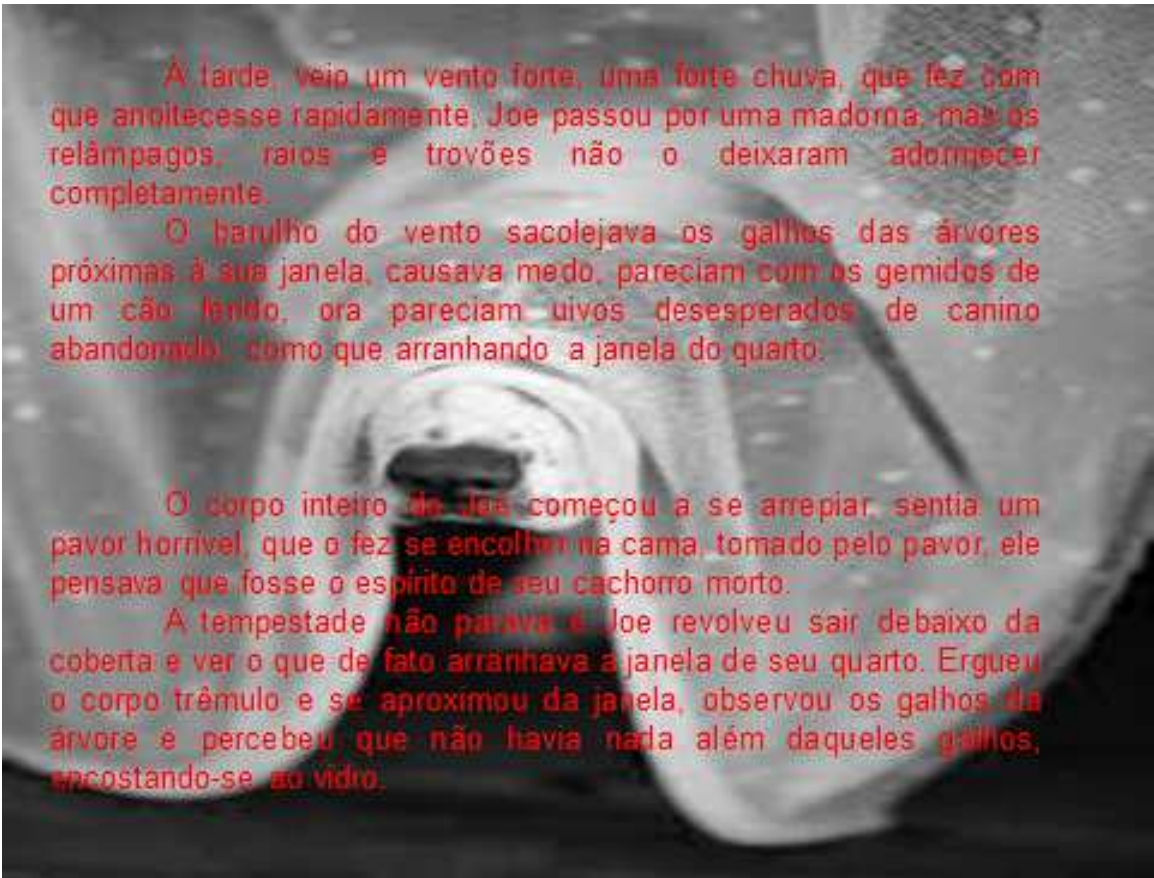


A rua que Joe morava era muito movimentada, mas como Toddy não sabia disso, saiu correndo e latindo na frente do dono, que insistentemente gritou mas já era tarde, um carro veio em alta velocidade e atropelou brutalmente o animalzinho da estimação, que uivando de dor, foi morrendo nas braços de seu dono.

Com o barulho, gritos e uivos, foram juntando gente em volta do acidente, os vizinhos foram surgindo para saber do fato, o carro havia sumido em fuga e Joe ficou ali quealhado no chão, diante do cãozinho Toddy, chorando sua morte.

O pai do menino apareceu com um caixote na mão, e muito triste, catou o animalzinho do asfalto e levou para o fundo do quintal, onde disse que iria enterrar o bichano.

Joe chorava com um enorme sentimento de culpa porque foi ele quem não segurou o cão para atravessarem a rua. O pai cavou um buraco bem fundo no chão, no fundo do quintal, embaixo do pé de goiaba, e colocou o cachorro Toddy, com o caixote, se despediu do animalzinho por algum tempo e tampou a cova e foi para seu quarto tristemente.

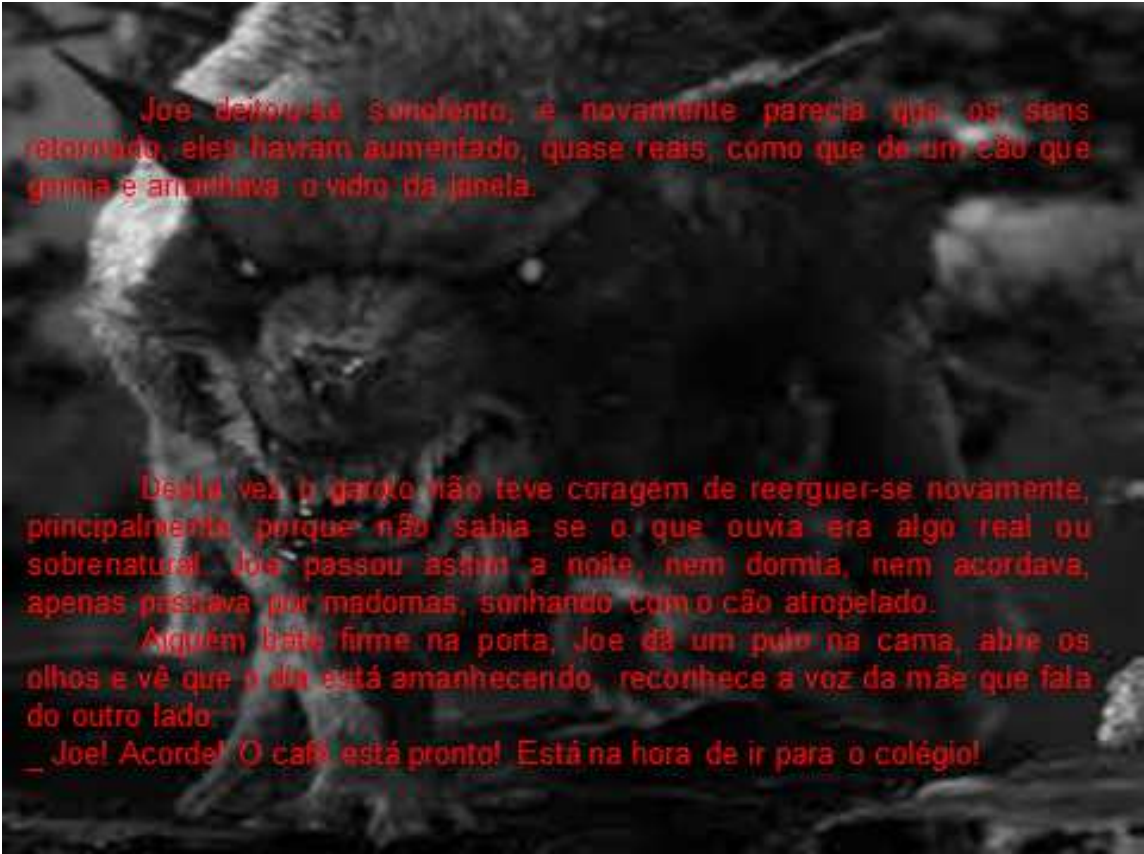


À tarde, veio um vento forte, uma forte chuva, que fez com que anoitecesse rapidamente. Joe passou por uma madorná, mas os relâmpagos, raios e trovões não o deixaram adormecer completamente.

O barulho do vento sacolejava os galhos das árvores próximas à sua janela, causava medo, pareciam com os gemidos de um cão ferido, ora pareciam uivos desesperados de canino abandonado, como que arranhando a janela do quarto.

O corpo inteiro de Joe começou a se arrepiar, sentia um pavor horrível, que o fez se encolher na cama, tomado pelo pavor, ele pensava que fosse o espírito de seu cachorro morto.

A tempestade não parava e Joe revolveu sair debaixo da coberta e ver o que de fato arranhava a janela de seu quarto. Ergueu o corpo trêmulo e se aproximou da janela, observou os galhos da árvore e percebeu que não havia nada além daqueles galhos, encostando-se ao vidro.




Joe deixou-se sonolento, e novamente parecia que os sons retornados, eles haviam aumentado, quase reais, como que de um cão que gania e arranhava o vidro da janela.

Desta vez o garoto não teve coragem de reerguer-se novamente, principalmente porque não sabia se o que ouvia era algo real ou sobrenatural. Joe passou assim a noite, nem dormia, nem acordava, apenas passava por madomas, sonhando com o cão atropelado.

Alguém bate firme na porta, Joe dá um pulo na cama, abre os olhos e vê que o dia está amanhecendo, reconhece a voz da mãe que fala do outro lado:

_ Joel! Acorde! O café está pronto! Está na hora de ir para o colégio!



Joe, mesmo assustado, tomou um banho, arrumou-se e sentou à mesa para o café da manhã.

Enquanto se alimentava, perguntou para a mãe se ela acreditava em seres sobrenaturais e a resposta foi negativa.

Joe partiu para a escola, e ao sair pelo quintal viu marcas de patas na terra e na janela do seu quarto. O garoto deu um grito de espanto e correu para o interior de sua casa novamente, batendo de encontro com a mãe.

_ Mãe! Você viu as marcas das patas de cachorro no quintal? É Toddy! Ele mesmo que me assombrou a noite toda!

A mãe não respondeu.

_ Que nada menino! É o cachorro da vizinha que vivia aqui no terreno brincando com Toddy! Deixa de bobear!

Joe sacou as lágrimas dos olhos, envergonhado por ter demonstrado tanto medo, e partiu para a escola pensativo, porque não sabia tirava de sua mente que o espírito de seu antigo cachorro poderia sim estar lhe assombrando.

luykensdogsite.nl

Municipal Lento de Santa Nacini

Professora: Fernanda Dias do Oliveira

Componente Curricular: Língua Portuguesa

Trabalho produzido para o Mestrado Profissional em Letras

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Professor Orientador: Prof. Dr. Fábio Roberto Furuzato

Professora Co-orientadora: Profa. Maria Leda Pinto

Produção de contos fantásticos - 6º ano A matutino, 2006

História de pescador

Alunos: Gabriel Brayan, Wellysson, Bianca, Ruan Pablo, Beatriz, Leonardo, Rhayanna e Ester.

História de pescador

João era um menino de doze anos que adorava assistir filmes de terror, ele achava muito legal ver histórias sobrenaturais, gostava de filmes que tinham fantasmas e assombrações, mas não acreditava nem um pouco nestas coisas.

João era um menino difícil de fazer amizades, além disso, a mãe e o pai sempre estavam trabalhando e não davam muita atenção para o garoto. Durante a manhã, João ia para a escola e à tarde ficava assistindo seus filmes e séries de terror e assombração. Na escola sempre foi um menino que ninguém se importava com ele.

João não se relacionava bem com a família e principalmente com o seu tio, e sempre que ele visitava esse parente no sítio, o dia se tornava um tédio, porque o tio parecia odiá-lo e fazia de tudo para demonstrar esse sentimento.



Em uma sexta-feira, a mãe de João recebeu uma ligação da tia do garoto, esposa do tal tio, que também morava no sítio. Ela veio chorando desesperadamente, que o marido havia falecido.

A mãe de João ficou para o pai do menino e explicou o que havia acontecido, e eles resolveram ir para o sítio onde o corpo do tio está velado e enterrado.

João, ao ficar sabendo da história, ficou furioso por saber que teria que viajar para o sítio, porque lá não tinha tudo que ele gostava na cidade. Já com o tio morto, João nem ao menos se importou.

Chegando ao sítio, João não quis de modo algum comparecer ao velório, e aproveitou para ler um livro de histórias de terror que encontrou no quarto de hóspedes.

Por volta das dezenove horas, os familiares realizaram o sepultamento do tio.

Como não tinha nada para fazer, João resolveu não participar do enterro também, e foi pescar no rio, próximo à casa onde o tio morava. João saiu de casa e na metade do rio encontrou ancorado, o barquinho que o tio sempre usava para pescar.



João mal chegou à beira do rio e já começou a relampejar muito e a garoar...


O garoto, mesmo assim, insistiu em continuar a pescaria, foi então que relampejou mais forte e ele teve a impressão de ter visto o tio sentado na sua frente no barquinho conforme o clarão do relâmpago bateu na água do rio.

João quase caiu do barquinho dentro da água do rio, ficou com tanto medo que sentiu as mãos e as pernas começarem a tremer descontroladamente.

Quando se recuperou, conseguiu levantar do barquinho e ir para a casa, olhando para trás o tempo todo, de tão apavorado que estava.

A noite estava muito escura e os relâmpagos cada vez mais fortes. João sentiu uma sensação estranha, como se fosse observado do barco.

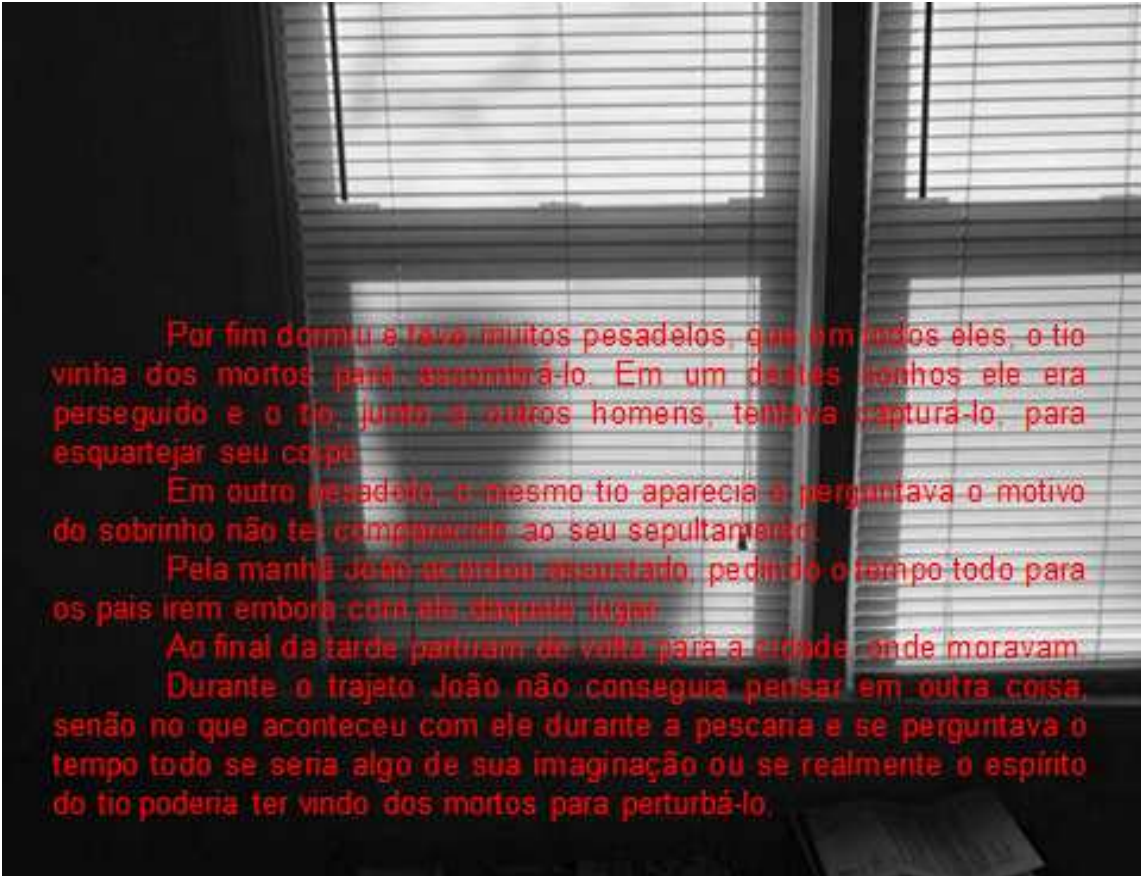
Olhava para trás insistentemente, e ora não via nada, somente as águas do rio, e o barquinho que ele abandonou... Ora relampejava de novo e ele poderia afirmar que via o tio dentro do barquinho...



Trovão forte no caminho e João escorregou na mata, caiu no chão ofegante e aterrorizado, na dúvida se o que parecia ver era alguma alucinação de sua mente ou se realmente confrontava-se com algo sobrenatural.

Foi recobrando as forças e com muita dificuldade chegou novamente na casa do sítio. Viu que todos na residência já dormiram e resolveu tomar um banho, pois estava coberto de lama da benção do rio.

Devido à chuva forte, não havia eletricidade na casa e ele, tremendo, foi até a cozinha e acendeu uma vela e levou para o quarto.



Por fim dormiu e teve muitos pesadelos, que em todos eles, o tio vinha dos mortos para assombrá-lo. Em um destes sonhos ele era perseguido e o tio, junto a outros homens, tentava capturá-lo, para esartejar seu corpo.

Em outro pesadelo, o mesmo tio aparecia e perguntava o motivo do sobrinho não ter comparecido ao seu sepultamento.

Pela manhã João acordou aborrecido, pedindo o tempo todo para os pais irem embora com ele daquele lugar.

Ao final da tarde partiram de volta para a cidade, onde moravam.

Durante o trajeto João não conseguia pensar em outra coisa, senão no que aconteceu com ele durante a pescaria e se perguntava o tempo todo se seria algo de sua imaginação ou se realmente o espírito do tio poderia ter vindo dos mortos para perturbá-lo.

ANEXO 9: imagens registradas durante as oficinas de leitura e produção dos contos fantásticos no 6ºano A matutino da Escola Municipal Lenita de Sena Nachif

Alunos assistindo ao filme As formigas: Curta metragem de Verônica Guedes



Alunos escrevendo qual o momento que sentiram maior medo durante a leitura do conto fantástico O retrato oval de Edgar Allan Poe



Aula expositiva dialogada na sala de informática acerca dos elementos da narrativa



Aula de reescrita dos contos fantásticos produzidos pelo 6º ano A da Escola Municipal Lenita de Sena Nachif



Aula de leitura dos contos fantásticos produzidos pelo 6º ano A da Escola Municipal Lenita de Sena Nachif no jardim da instituição de ensino



Alunos da pré- escola escutando a leitura no data show dos contos fantásticos produzidos pelo 6º ano A da Escola Municipal Lenita de Sena Nachif



Alunos na mostra de objetos que acreditavam pertencer ao Conto de fadas

